



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA,
SOCIEDADE E POLÍTICA (ILAESP)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
INTEGRAÇÃO CONTEMPORÂNEA DA AMÉRICA
LATINA (PPGICAL)**

**EM BUSCA DE UMA PRÁXIS DESCOLONIZADORA NO TURISMO:
PERSPECTIVAS PARA A INTEGRAÇÃO REGIONAL (AR-BR-PY) POR MEIO DO
CICLOTURISMO E DA INTERCULTURALIDADE EM CAMINHOS GUARANIS**

THERBIO FELIPE MORAES CEZAR

Foz do Iguaçu - PR

2026



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA
(ILAESP)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
INTEGRAÇÃO CONTEMPORÂNEA DA
AMÉRICA LATINA (PPGICAL)**

**EM BUSCA DE UMA PRÁXIS DESCOLONIZADORA NO TURISMO:
PERSPECTIVAS PARA A INTEGRAÇÃO REGIONAL (AR-BR-PY) POR MEIO DO
CICLOTURISMO E DA INTERCULTURALIDADE EM CAMINHOS GUARANIS**

THERBIO FELIPE MORAES CEZAR

Dissertação entregue ao Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito para obtenção do título de Mestre em Integração Latino-Americana.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Ana Silvia Andreu da Fonseca

Foz do Iguaçu - PR

2026

THERBIO FELIPE MORAES CEZAR

**EM BUSCA DE UMA PRÁXIS DESCOLONIZADORA NO TURISMO:
PERSPECTIVAS PARA A INTEGRAÇÃO REGIONAL (AR-BR-PY) POR MEIO DO
CICLOTURISMO E DA INTERCULTURALIDADE EM CAMINHOS GUARANIS**

Dissertação entregue ao Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito para obtenção do título de Mestre em Integração Latino-Americana.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof^a. Dr^a. Ana Silvia Andreu da Fonseca
UNILA

Prof^a. Dr^a. Maria Teresita Del Niño Jesús Camacho Bernal
ITSL - México

Profa. Dra. Senilde Guanaes
UNILA

Prof. Dr. Félix Pablo Friggeri
UNILA

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de _____.

Catálogo elaborado pelo Setor de Tratamento da Informação
Catálogo de Publicação na Fonte. UNILA - BIBLIOTECA LATINO-AMERICANA - PTI

C421e

Cezar, Therbio Felipe Moraes.

Em busca de uma práxis descolonizadora no turismo: perspectivas para a integração regional (AR-BR-PY) por meio do cicloturismo e da interculturalidade em caminhos guaranis / Therbio Felipe Moraes Cezar. – Foz do Iguaçu, 2026.

179 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política. Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina. Foz do Iguaçu, 2026.

Orientadora: Ana Silvia Andreu da Fonseca.

1. Turismo. 2. Cicloturismo. 3. Interculturalidade. 4. Anticolonialidade. 5. Topofilia. 6. Regionalismo – Integração. I. Fonseca, Ana Silvia Andreu da. II. Universidade Federal da Integração Latino-Americana. III. Título.

CDU 338.48:796.61(81+82+89)

*“Eu não caminho para o fim...
... eu caminho para as origens”
Manoel de Barros*

AGRADECIMENTOS

Bismi llaahi ar-rahmani ar-rahimi. Al hamdulillaahi lladhii 'aafaanii fii jasadii wa radda 'alayya ruuhii, wa adhina lii bi-dhikrihi.

(Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso. Louvado seja Allah que proveu a saúde ao meu corpo e, devolvendo a minha alma, permitiu que eu me lembrasse Dele.)

Aos meus pais, que foram o Amor na Terra, e que são o Amor desde o Eterno Desconhecido.

À minha Orientadora, Prof^a. Ana Silvia: incansável, inspiradora, paciente e generosa. A senhora aceitou meus limites, mas não se contentou com eles. Sabe o tamanho do meu agradecimento.

Aos membros das bancas de Qualificação e Defesa (Profa. Dra. Maria Teresita Del Niño Jesús Camacho Bernal, Profa. Dra. Senilde Guanaes e Prof. Dr. Félix Pablo Friggeri), consideradas por mim como as últimas aulas do Programa de Mestrado. Suas contribuições ampliaram as possibilidades de construção e aprofundamento de minha pesquisa.

Aos meus queridos Ana Silvia, Senilde, Pablo, Gerson, professores do PPG-ICAL que se doaram além das expectativas e que ofereceram, generosamente, o compartilhar de seus saberes.

A todas as pessoas que aceitaram participar dos encontros e conversas comigo, por sua disposição e generosidade.

À Sandra, namorada neste momento da vida, pelo carinho desde confeccionar as bandeirinhas que identificavam minha bicicleta e intenções, até cuidar de mim conduzindo o carro de apoio; fez quase todas as fotos e vídeos que ilustram meu trabalho acadêmico e me incentivou incontestavelmente.

Aos colegas de minha incrível turma de Mestrado: lindos, loucos, jovens, inteligentíssimos, enfim. Aprendi e sigo aprendendo muito com cada um e com todos vocês. Criamos uma rede de apoio e de partilha. Ficarei muito grato e feliz se esta rede continuar para além da Academia.

A todos(as) e a cada um(a), muito obrigado.

RESUMO

Este estudo apresenta uma cartografia afetiva que se propõe a observar o cicloturismo à luz da interculturalidade, de um lado, como possibilidade viável para a integração regional do território transnacional Argentina – Brasil – Paraguai e, de outro, como meio sensível para fomentar novas ações, reflexões e narrativas descolonizadoras no Turismo. Como recorte espacial, optou-se por fragmentos de territórios com forte presença de uma geopolítica Guaraní, compreendidos entre o Departamento de Itapúa – Paraguai, a província de Misiones – Argentina e a cidade de Foz do Iguaçu – Brasil. Na intenção de acessar e explorar, desde a perspectiva do cicloturismo, elementos interculturais que contrastam com o fenômeno turístico de massa, escolheu-se realizar uma coleta de dados em campo na forma de uma cicloexpedição, inter cruzando um território sobredito por entre caminhos Guaranis. No que tange às discussões teóricas, apresenta-se uma exposição crítica conceitual sobre o Turismo e sua forma hegemônica, o Turismo de Massa, além de sua relação direta com fenômenos como a topofobia e o topocídio, e, como antítese destes, a topofilia. Metodologicamente, parte-se de uma pesquisa bibliográfica exploratória, valendo-se de uma coleta de dados em campo, passando posteriormente por uma análise de abordagem qualitativa de caráter fenomenológico. Contempla-se, ainda, entre as análises dos resultados da coleta de campo, certa insurgência presente no território estudado ante o modelo hegemônico de Turismo de Massa e suas manifestações cosmo, eco e etnofóbicas, topocidas e ecocidas, ao apresentarem-se reflexões e inferências que fomentem vivências descolonizadoras de Turismo enquanto tecido suscetível à interculturalidade e à topofilia. Nesta perspectiva, sugere-se repensar a crítica dirigida ao Turismo, buscando observá-lo a partir de redes comunitárias e solidárias de Turismo, com ganhos ético-políticos e econômicos, fortalecidas e diversificadas, que também o cogitem como um instrumento de resistência e de denúncia, contra o que acompanha o comportamento de Massa e se manifesta contra a ancestralidade, os seres, a vida. Como deriva desta pesquisa, identificam-se aspectos regionais que suscitam a viabilidade futura de um caminho cicloturístico transnacional que integre o território em destaque por meio de uma práxis descolonizadora no Turismo, apontando, entre outras, para vivências interepistêmicas de Turismo Comunitário, Turismo Indígena e Turismo Regenerativo, com apoio de abordagens adaptativas complexas de Turismo.

Palavras-Chave: Turismo. Cicloturismo. Interculturalidade. Topofilia. Integração regional. Anticolonialidade

RESUMEN

Este estudio presenta una cartografía afectiva que se propone analizar el cicloturismo a la luz de la interculturalidad, por un lado, como una posibilidad viable para la integración regional del territorio transnacional Argentina – Brasil – Paraguay y, por otro, como un medio sensible para fomentar nuevas acciones, reflexiones y narrativas descolonizadoras en el turismo. Como delimitación espacial, se optó por fragmentos de territorios con una fuerte presencia guaraní, que comprenden el Departamento de Itapúa – Paraguay, la provincia de Misiones – Argentina y la ciudad de Foz do Iguazu – Brasil. Con la intención de acceder y explorar, desde la perspectiva del cicloturismo, elementos interculturales que contrastan con el fenómeno del turismo de masas, se eligió que la recopilación de datos de campo se realizara en forma de una cicloexpedición que intercruza un territorio sobrescrito por caminos guaraníes. En lo que respecta a las discusiones teóricas, se presenta una exposición crítica conceptual sobre el hegemónico Turismo de Masas y su relación con fenómenos como la topofobia y el topocidio, y, como antítesis de estos, la topofilia. Metodológicamente, se parte de una investigación bibliográfica exploratoria, valiéndose de una recopilación de datos de campo, pasando posteriormente por un análisis de abordaje cualitativo de carácter fenomenológico. Se contempla, además, entre los análisis de los resultados de campo, cierta insurgencia presente en el territorio estudiado frente al modelo hegemónico de Turismo de Masas y sus manifestaciones cosmo-fóbicas, eco-fóbicas y etno-fóbicas, topo-cidas y eco-cidas. Se presentan reflexiones e inferencias que fomentan vivencias de turismo descolonizadoras, como un tejido susceptible a la interculturalidad y a la topofilia. Bajo esta perspectiva, se sugiere repensar la crítica dirigida al Turismo, buscando observarlo a partir de redes comunitarias y solidarias, con beneficios ético-políticos y económicos fortalecidos y diversificados, que también lo consideren como un instrumento de resistencia y denuncia contra aquello que acompaña al comportamiento de masas y se manifiesta contra la ancestralidad, los seres y la vida. Como deriva de esta investigación, se identifican aspectos regionales que suscitan la viabilidad futura de un camino cicloturístico transnacional que integre el territorio en destaque por medio de una praxis descolonizadora en el Turismo, apuntando, entre otras, hacia vivencias interepistémicas de Turismo Comunitario, Turismo Indígena y Turismo Regenerativo, con apoyo de abordajes adaptativos complejos de Turismo.

Palabras Clave: Turismo. Cicloturismo. Interculturalidad. Topofilia. Integración regional. Anticolonialidad.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 RECORTE ESPACIAL	13
1.2 JUSTIFICATIVA E PROBLEMA DE PESQUISA	15
1.3 OBJETIVO GERAL	18
1.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	18
1.5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	19
2 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO CRÍTICA SOBRE O TURISMO DE MASSA	23
2.1 ANTECEDENTES PROTO-TURÍSTICOS	24
2.2 A AUTOFAGIA DO TURISMO DE MASSA E A INSURGÊNCIA DE UMA POSSÍVEL ALTERNATIVA DESCOLONIZADORA DE TURISMO.....	29
2.3 TURISMO E TOPOFILIA: PARA ALÉM DO AMOR AO LUGAR.....	36
3 A CICLOEXPEDIÇÃO PAVE'Í GUATA PORÃ: POR ENTRE CAMINHOS E CICLOS	47
3.1 PREÂMBULO	47
3.2 DETALHES LOGÍSTICOS, TÉCNICOS E DE PLANEJAMENTO.....	56
3.3 ESCOLHA DOS PONTOS DE INTERESSE E ELABORAÇÃO DO ROTEIRO....	60
3.4 RODAS NA ESTRADA.....	63
3.4.1 Primeiro dia da cicloexpedição: desde Jesús de Tavarangué a La Santísima Trinidad de Paraná	64
3.4.2 Segundo dia da cicloexpedição: pedalar até Encarnación	78
3.4.3 Terceiro dia da cicloexpedição: pedalar até as Missões Jesuíticas Guaranis de Misiones - Argentina	86
3.4.4 Quarto dia da cicloexpedição: buscando o Tekoá Yacutinga	103
3.4.5 Quinto dia da cicloexpedição: encontrando Karai Mini Javier Villalba	112
3.4.6 Sexto dia da cicloexpedição: chuva torrencial em Eldorado	122
3.4.7 Sétimo dia da cicloexpedição: Hotel Escuela Libertad e Foz do Iguazu	124
3.4.8 Oitavo dia da cicloexpedição: Instituto Superior de Turismo Indígena Karai Correa - Puerto Iguazú - Argentina	137
4 ANÁLISES SOBRE AS MANIFESTAÇÕES DESCOLONIZADORAS PRESENTES EM NARRATIVAS DO CONTEXTO ESTUDADO.....	142
4.1 NARRANDO PER SI	142
4.2 CAPILARIZANDO OBSERVAÇÕES	143
4.2.1 Sobre as revelações da cicloexpedição	146
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	158
REFERÊNCIAS.....	164

1 INTRODUÇÃO

Enquanto este estudo é tecido, possivelmente, dezenas ou talvez centenas de pessoas – com as mais diferentes características socioeconômicas e socioculturais, gênero, origem, etnia, concepção política – estejam praticando cicloturismo, intercruzando trilhas e caminhos por *Abya Yala* e restante dos mundos, em todas as direções. Elas provavelmente estejam usando suas forças, sonhos e ânimos para transcender lonjuras viajando sobre o selim de uma silenciosa bicicleta.

Talvez estejam essas pessoas apenas tratando de interser¹, auscultando rios e as falas das gentes, os murmúrios das matas e silêncios dos desertos. Quem sabe, se encontrem imersas nas lutas, cânticos e rezas dos povos ou, ainda, extasiando-se com as variadas tonalidades das indumentárias e alcatifas que representam toda a natureza e todos os sonhos. É possível, também, que vaguem explorando interculturalmente as *estórias* de toda sorte de origens e heróis, saboreando saberes e, provavelmente, experimentando existir como nunca tentado antes. Afinal, por que não viajar de bicicleta? Então, é deste lugar, desta perspectiva, que se tece a presente pesquisa.

Diante dessa breve reflexão inicial, em que se manifesta uma parcela do olhar cicloturístico, acredito que é oportuno indicar que, dentre os segmentos, subsegmentos ou modalidades de Turismo que melhor conservam e se adequam, tanto à natureza quanto à cultura por onde se desenvolvam (Cezar, *apud* Saldanha et al., 2021), contrapondo-se, inclusive, ao Turismo de Massa (como se expõe neste estudo), o cicloturismo está entre as modalidades que se apresentam com destaque cada dia maior no mundo (Sartori, 2021, 2025; Saldanha e Kahn, 2015; Saldanha et al., 2021; Abreu et al. *apud* Saldanha et al., 2021; Ferreira, 2008, 2021).

Isto se fez notar, exponencialmente, após o período pandêmico (2020-2021) decretado pela OMS – Organização Mundial da Saúde – relativo ao Coronavírus (SARS-CoV-2: Síndrome Respiratória Aguda Grave), causador da *COVID-19*, por questões relativas ao recomendado distanciamento social (Machado et al, 2023;

¹ Interser é um conceito do budismo (engajado) vietnamita, criado por Thich Nhat Hanh, e que sugere a interconexão e interdependência de todos os seres, humanos ou não humanos, e de todos os fenômenos da existência. É utilizado com frequência por Monja Cohen em seus livros e palestras, constando também do prefácio escrito por ela na obra *Tekoá – uma arte milenar indígena para o bem-viver*, de Kaká Werá (2024, p.7-8), apresentado na bibliografia deste estudo.

Passig, 2022; Menezes, 2023; Câmara e Roldi, 2022). Como se percebe, conforme recomendação da OMS – Organização Mundial da Saúde, a utilização da bicicleta durante o período pandêmico, e pós pandêmico, emergiu como uma alternativa eficaz para evitar aglomerações, promovendo a prática de atividade física e lazer ativo, incluindo o ato de viajar (UCB, 2025).

Imagem 1 - Autor iniciando a cicloexpedição



Missão Jesuítica de Jesús de Tavarangue - 08/04/2025
Departamento de Itapúa – Paraguay (Foto: Sandra Schiavi)

No que se refere a esta pesquisa e ao ato de viajar de bicicleta, o que tenciono enquanto objetivo é apresentar um estudo que observa o cicloturismo à luz da interculturalidade, de um lado, como possibilidade viável para a integração regional do território transnacional Argentina – Brasil – Paraguay² (AR-BR-PY³) e, de outro, como meio sensível para fomentar novas narrativas descolonizadoras no Turismo.

² Por questões de liberdade de concepção, neste trabalho não utilizarei o exônimo 'Paraguai'. Ao contrário, farei uso do endônimo 'Paraguay', que é o nome do país na sua própria língua.

³ Padronizo, neste trabalho, o uso da sigla de nome de países com dois caracteres, segundo a Lista de Código de Países Alpha 2 ISO 3166 da ISO – da Organização Internacional para a Padronização, reconhecida internacionalmente. Mais detalhes: [ISO Código de Nomes de países](#).

Para tanto, este trabalho está composto dos seguintes momentos. Primeiramente, realizo uma exposição crítica conceitual sobre o Turismo de Massa e seus antecedentes, os quais coincidem com a ascensão do capitalismo e da ideologia do desenvolvimento.

Ainda neste raciocínio, elaboro uma argumentação sobre os condicionantes que o Turismo de Massa traz consigo e que estão carregados de topofobia e topocídio, apresentando estes conceitos últimos oportunamente. Como antítese de ambos, recorro à topofilia (Tuan, 2012), relacionando-a com a emergente insurgência de um outro Turismo, tão possível quanto desejável, e, fazendo parte dele, o cicloturismo. Estes aspectos compreendem, então, o segundo capítulo deste estudo. Em seguida, trato de apresentar o terceiro capítulo dedicado à coleta de dados em campo e suas derivações.

Tal experiência teve a forma de uma cicloexpedição (percorrendo o recorte espacial escolhido) que possibilitou mapear, acessar e explorar, desde a perspectiva do cicloturismo, elementos interculturais naquele território transnacional, porém banhado em uma geopolítica Guarani, que contrastam com o fenômeno turístico de massa, suscitando possíveis práticas e narrativas descolonizadoras no Turismo regional. Apresento, também, o traçado físico percorrido durante a cicloexpedição, seus motivadores, lugares de destaque, além de fragmentos de diálogos, percepções, inferências e vivências interculturais dadas com os atores dos territórios alcançados, manifestas sob a forma de cartografia afetiva.

Entrementes, identifico aspectos regionais que indiquem a viabilidade futura de um caminho cicloturístico transnacional que integre o território desde a perspectiva do cicloturismo e da interculturalidade.

E, como forma de entrelaçar o que se tece durante a pesquisa, finalizo este estudo com a apresentação do capítulo de análise. Nele, para confrontar e contrastar os elementos críticos do Turismo de Massa, são apresentadas de maneira insurgente alternativas como as de Turismo Regenerativo, Turismo Indígena e Turismo Comunitário, que coincidem com a proposta de considerar concretamente a inter-relação entre a topofilia, a interculturalidade e o cicloturismo, e com a integração regional.

Finalisticamente, se correlacionam as experiências de campo com o que subsidia e orienta a bibliografia, explicitando, assim, um conjunto de considerações

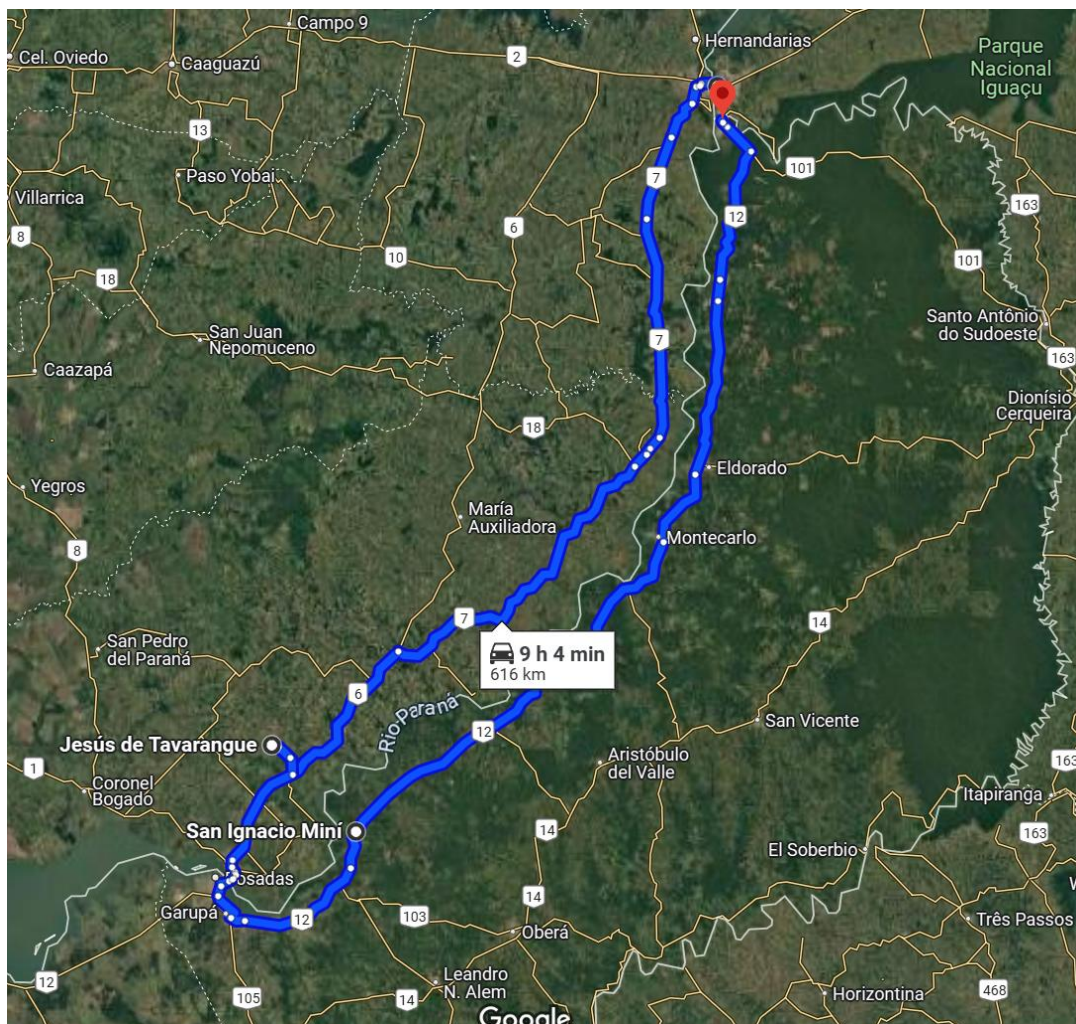
finais que contribuem com o alcance dos objetivos propostos.

A seguir, apresenta-se o Recorte Espacial escolhido para a referida pesquisa.

1.1 RECORTE ESPACIAL

A fim de delimitar uma área territorial para a aplicação deste estudo que venha a colaborar com a melhor compreensão das características, fenômenos e dinâmicas que lhe estão afetas, escolhi determinar um recorte espacial, prática metodológica tomada desde distintos vieses e por diferentes áreas do conhecimento.

Figura 1 - Traçado que ilustra o recorte espacial da pesquisa



Fonte: Elaborado pelo autor utilizando o app Google Maps.

Porém, para este estudo, sob a perspectiva do grande geógrafo brasileiro Milton Santos (1996, 2000) e de Machado (2017), entende-se que recorte espacial seja uma forma de refletir intelectualmente sobre uma questão específica de um

território, física e subjetivamente. Para tanto, é necessário ter clara a definição do espaço geográfico relevante para uma pesquisa científica e, assim, contemplar delimitações físicas que possibilitem a aproximação do olhar do pesquisador em direção às dimensões político-econômicas, socioculturais, simbólicas, ambientais, entre outras (Santos, 2000).

Sendo assim, é importante salientar que o Recorte Espacial definido para este estudo é aquele compreendido por uma trajetória entre caminhos que interconectam paisagens histórico-culturais, sobrepostos e sobrescritos a trajetos Guaranis ainda sobre-existentes em territórios do Departamento de *Itapúa* – Paraguay, da Província de Misiones – Argentina e da cidade de Foz do Iguazu – Paraná, Brasil. Este recorte espacial era o que melhor fornecia subsídios para a investigação, correlacionando os elementos do tema com a viabilidade de uma coleta de dados em campo, cumprida em bicicleta, num período limite de dez dias, o que está apresentado, a seguir, entre os elementos que justificam este estudo.

Reforça-se, ainda, que a justificativa da eleição do referido recorte espacial se deu por conta de o mesmo apresentar características geomorfológicas e territoriais oportunas à experiência cicloturística, além de elementos histórico-culturais relevantes. Soma-se a isto, o fato de compreender a forte presença de uma geopolítica guarani, e de outros povos, vindo oportunamente a possibilitar perceber diferentes opiniões autóctones a respeito da atividade de Turismo de Massa neste contexto transnacional e plurinacional, porque nele existem *nações* envolvidas.

Outro ponto forte a ser considerado, para caracterizar o ecossistema da pesquisa, é o fato de os sujeitos e territorialidades que se pretendia encontrar para subsidiar o estudo se encontram em diferentes localidades dentro do Recorte Espacial indicado, passível de ser percorrido em bicicleta no período máximo de 10 dias, como já mencionado. Estes foram selecionados por pertencerem a uma *rede informal* de Turismo Comunitário e Indígena, sensível e afetiva, tecida em meio a contatos do Prof. Claudio Salvador, Coordenador Pedagógico do *Instituto Superior Indígena Raúl Karai Correa*⁴, de Puerto Iguazú – Argentina.

⁴O Instituto Superior Indígena Raúl Karai Correa foi reconhecido pela Organização Mundial do Turismo (ONU Tourism) e pela Aliança Mundial do Turismo Indígena (*Winta*) como exemplo de “Boas Práticas do Turismo Indígena” e desenvolve atividades de formação em Turismo Comunitário Indígena, Intérprete de Patrimônio Natural e Cultural, entre outros, junto ao *Tekoá Yryapu* – Puerto Iguazú – Misiones – Argentina. Disponível em <https://www.instagram.com/isi_raul_karai_correa/>.

Tais considerações se encontram melhor apresentadas no terceiro capítulo da pesquisa, onde consta, ainda, o detalhamento da coleta de campo dia a dia; as justificativas mais amplas, diversas e profundas desta escolha; os aspectos logísticos concernentes e a caracterização física do espaço geográfico escolhido; a análise dos dados coletados constando os olhares e inferências por parte do pesquisador.

Em suma, tal recorte espacial coincide com um território entretecido em uma região fronteira singular, matizada pela convergência e confluência de povos com seus falares, cantares e cosmovisões; repleta de contrastes de ordem socioambiental, sociocultural e socioeconômica; políticas públicas conflitantes e conflituosas; favelização e gentrificação emergente. Tudo isto em meio a um caldeirão demográfico e simbólico que reúne, de maneira complexa, quase 1 milhão de pessoas somente na parte conhecida como Fronteira Trinacional (Fonseca et al, 2020). Estes detalhes serão oportunamente aprofundados na última parte do terceiro capítulo deste estudo, onde se encontram argumentos inerentes a Foz do Iguaçu e ao Turismo lá realizado.

Passa-se, agora, à apresentação da justificativa e do problema de pesquisa.

1.2 JUSTIFICATIVA E PROBLEMA DE PESQUISA

Apresento, a seguir, as razões que tornam relevante esta pesquisa, seja em âmbito teórico ou operacional. Primeiramente, revisando minha trajetória particular enquanto Bacharel em Turismo e Hotelaria (Turismólogo), docente e consultor da área de Turismo e Hospitalidade por quase 25 anos, entendo a oportunidade de seguir descolonizando-me em relação às concepções particulares, profissionais e acadêmicas. Ao mesmo tempo, acredito ser profícuo e necessário revisar e contribuir com os estudos turísticos desde um olhar crítico e *suleado*⁵ proporcionado pelo PPG-ICAL, visto que ainda reside notoriamente no universo do Turismo a adoção de modelos desenvolvimentistas europeizados e fetichistas, longe das realidades do Sul global.

Em igual medida, entendo ser muito importante agregar novas perspectivas teórico-metodológicas, advindas de estudos como os do Giro Decolonial, por exemplo, aos subsegmentos cicloturismo e cicloturismo, tendo em vista que são raras ou até

⁵ Relativo ao neologismo 'sulear', que contrapõe o caráter ideológico do termo 'nortear' (norte - acima, superior; sul - abaixo, inferior). Tal termo foi utilizado pela primeira vez em 1991 pelo físico Márcio Campos e, em 1992, por Paulo Freire, explicitado na nota 15 da obra *Pedagogia da Esperança*.

quem sabe, inexistentes as abordagens deste tipo e com esta ênfase no meio, acadêmico ou leigo, do Turismo de bicicleta (Cicloturismo). Este aporte poderá incidir, inclusive, como fonte para outras perspectivas por parte de planejadores comunitários e gestores de Turismo, público ou privado, além de educadores e consultores, possibilitando ajustes de rotas que alcancem e contribuam com, e para, a autoria e autonomia de pequenas comunidades tangidas pelo cicloturismo, oferecendo, assim, experiências possíveis e benfazejas de interculturalidade.

Parte deste contributo pode se debruçar em reflexões mais críticas a respeito da insidiosa prática de Turismo de Massa, que bate à porta de territórios com fortes apelos cênico-ambientais, culturais e sociobiodiversos, levando promessas de geração de trabalho e renda maquiadas de sustentabilidade cosmética. Mediante uma revisão de minha trajetória profissional – que inclui quase 15 anos enquanto Redator e Editor Executivo da Revista Bicicleta⁶ – além de um pouco mais de 20 anos como praticante de cicloturismo pelo Brasil e Mercosul, reconheço ser oportuno restabelecer conexões entre experiências anteriores e atuais, fundadas e fundidas a partir de aprendizagens mais profundas, tácitas ou explícitas, por entre as gentes nos territórios de *Abya Yala*⁷.

Vale salientar ainda que, por questões profissionais, parte das localidades alcançadas durante minhas viagens de bicicleta realizadas nos anos de 2005, 2012, 2013, 2014 e 2015 – perfazendo mais de 3.600 quilômetros atravessando as províncias argentinas de *Formosa, Chaco, Corrientes e Misiones*, e parte do território missioneiro gaúcho, no Rio Grande do Sul – se deram em um contexto geográfico próximo ao citado no recorte espacial da pesquisa, porém, à borda de lugares com *passado-presente* deveras jesuítico e pouco guaraníco, indicando resiliente presença

⁶ Revista Bicicleta é uma publicação brasileira, não acadêmica, considerada a mídia com maior alcance na América Latina (plataforma Facebook - mais de 253 mil fãs / plataforma Instagram - mais de 46 mil seguidores) no que tange aos temas cultura da bicicleta, cicloturismo, mobilidade urbana em bicicleta, ciclismo feminino e ciclismo para a sustentabilidade, atualmente. Ver: <<https://revistabicicleta.com/>>

⁷ Neste trabalho, utiliza-se o termo *Abya Yala* em oposição à designação 'América' imposta pelos colonizadores, à luz do que indica Porto-Gonçalves (2009), quando se refere à história e geografia do continente a partir de um 'novo léxico teórico-político' que emerge das lutas dos povos originários. Em seu entendimento, *Abya Yala*, que significa "Terra Madura" ou "Terra em florescimento" na língua do Povo Kuna, é uma forma de reivindicar a autonomia dos povos, ressignificando o território para além da ideia de terra como mercadoria, confrontando a visão eurocêntrica hegemônica. O conceito está intrinsecamente ligado à luta pela descolonização do pensamento, pela valorização dos saberes ancestrais e sugere a construção de uma unidade continental fundada em uma identidade e história próprias.

de colonialidade.

Por albergar vivências com estes territórios, resolvi que minha coleta de dados em campo deveria começar no interior do Paraguai e encerrar em Foz do Iguaçu. Primeiramente, tomei conhecimento, por companheiros de estudo e contatos fraternos que sustento na região, que *Jesús de Tavarangue* e *La Santísima Trinidad de Paraná*, duas missões jesuíticas, consideradas Patrimônio Mundial da UNESCO (1993), foram as primeiras a implantar a condução de visitação de turistas realizada por guias nativos Guaranis, uma inovação tingida de ousadia, por onde eu gostaria de dar início, então, à cicloexpedição. Minha intenção era poder averiguar, não apenas nestas missões jesuíticas citadas, mas, também, naquelas que se encontram sobre a Ruta 12, em Misiones - AR, que características continha o tipo de Turismo que vem sendo ofertado nestes sítios, se ele traduzia outra concepção ou dava mais espaço ainda para o modelo de Turismo de Massa que se tenciona criticar, insurgir e fazer frente.

O traçado escolhido para ser percorrido em bicicleta incluía os contrastes do interior rural paraguayo da mesma forma que contemplava os destinos de Turismo de Massa de sol e praia em *Encarnación* – PY e na costa do rio Paraná, na província de *Misiones* – AR. Ao seguir pela Ruta 12, tencionava contemplar as missões jesuíticas guaranis de *Santa Ana*, *Loreto*, *San Ignacio* e *Corpus Christi*, com a mesma intencionalidade e dessa maneira alcançar o, também, destino de massa Foz do Iguaçu. O trajeto escolhido acabou por oferecer ângulos de observação privilegiados cujas análises serão descritas no terceiro capítulo, onde se dá a explanação sobre a coleta de dados.

Cogito, desta maneira, contribuir com meu campo de estudos, a partir da produção acadêmica, e subsidiar o planejamento e a implantação de novos roteiros, circuitos e caminhos cicloturísticos, os quais sejam gestados pelas próprias comunidades e que, assim, promovam a interculturalidade e a topofilia desde uma práxis descolonizadora no Turismo. Seguindo nesta intencionalidade, já na qualidade de mestrando no PPG-ICAL da UNILA, busquei averiguar, no repositório digital de produção intelectual da instituição (*dspace*), a ocorrência de dissertações de mestrado no referido Programa (o PPG-ICAL completou 10 anos de existência em 2024) cuja temática viesse a discorrer sobre 'Turismo' e 'cicloturismo'. Surpreendentemente, não foram encontradas na base de dados mais de três dissertações sobre estes temas.

Este fato ampliou meu interesse em deixar um contributo teórico-metodológico

para o PPG-ICAL e para futuros colegas acadêmicos no que tange aos temas Turismo e Cicloturismo, e que possam vir a subsidiar outros ângulos de observação e pesquisa, em direção à integração regional.

Compreende-se, desta forma, a relevância de um estudo que lance novos olhares sobre estes temas promovendo, muito possivelmente, contribuições teórico-metodológicas para futuras investigações científicas no âmbito do próprio *Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina*, da UNILA. Acredito, por fim, diante dos motivadores e inquietações apresentados, que se justifica a instituição do estudo proposto e que ele possa revelar outras compreensões que ajudem a responder ao problema de pesquisa: como o cicloturismo, realizado por entre caminhos guaranis, pode servir de meio para experiências interculturais que promovam a integração regional (AR-BR-PY) e insurgentes práticas descolonizadoras no turismo?

Passa-se, então, à apresentação dos objetivos desta pesquisa.

1.3 OBJETIVO GERAL

Observar o cicloturismo, à luz da interculturalidade, como contribuição cultural viável à integração regional Argentina – Brasil – Paraguay, de um lado, e, de outro, como instrumento sensível para a valorização de novas narrativas descolonizadoras no Turismo.

1.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Mapear, numa perspectiva intercultural e a partir de coleta de dados em campo, trajetórias viáveis ao cicloturismo que integrem fisicamente caminhos Guaranis e comunidades no território transnacional Argentina - Brasil - Paraguay, colonialmente associados ao Turismo de Massa;
- b) Explorar, no contexto citado, narrativas descolonizadoras no campo do Turismo e do cicloturismo, que possam suscitar aberturas a experiências interculturais como hospitalidade, economia criativa, entre outros;
- c) Apresentar observações decorrentes da análise dos resultados da coleta de campo que possam favorecer novas interpretações que visem a superação de possíveis ideias subalternizadas e carregadas de colonialidade, que ainda possam demonstrar-se resilientes naqueles territórios;

- d) Descrever, como deriva deste estudo, indicadores de viabilidade, desde um olhar descolonizado, que sejam suficientes para a descrição de um caminho transnacional de cicloturismo neste contexto regional, cujas experiências de interculturalidade nele sugeridas sejam compostas, prioritariamente, de narrativas libertadoras.

1.5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Detalham-se, a seguir, os procedimentos metodológicos adotados para alcançar os objetivos propostos nesta dissertação, vindo a responder ao Problema de Pesquisa. Para tanto, a investigação foi delineada, inicialmente, com base em uma pesquisa exploratória com vistas à formulação de novos questionamentos, ao aproximar o pesquisador do objeto observado. Inclui-se aí um levantamento bibliográfico exploratório para evidenciar fontes teóricas relevantes que sustentem olhares e compreensões dos fenômenos, além de oportunizar novos aportes substanciais à pesquisa (Marconi e Lakatos, 2017). No tocante às observações e análises, escolhi dar vez a uma pesquisa qualitativa participante de caráter fenomenológico. Esta escolha baseia-se no que orienta Minayo (2014, p.78), quando diz que:

A abordagem fenomenológica, ao buscar a essência dos fenômenos tal como se apresentam à consciência, permite ao pesquisador adentrar o mundo vivido dos sujeitos, captando os sentidos e significados que estes atribuem às suas experiências.

Ainda a respeito da abordagem fenomenológica presente na pesquisa, pretendi orientar meus olhares enquanto pesquisador desde um ponto de vista próximo da realidade do contexto estudado. Desta forma, preferi abrir mão de uma pretensa concepção *a priori*, possibilitando absorver as intersubjetividades, como sugere Martins (2004, p. 102), quando comenta que o método fenomenológico apresenta “uma atitude de suspensão dos juízos prévios, a fim de que o fenômeno possa se mostrar em sua originalidade e plenitude, tal como ele é vivido e percebido pelo sujeito”.

Corroborando Martins e Minayo, Bicudo (2011, p.115) indica, por sua vez, que o método fenomenológico, “ao contrário de outras abordagens, não se preocupa em explicar ou causalizar os fenômenos, mas sim em descrevê-los em sua essência,

revelando o modo como se dão na experiência vivida dos sujeitos".

Recorro, também, ao uso de entrevistas (tanto à distância quanto presencialmente em campo), a fim de tomar opiniões variadas sobre o mesmo tema e analisá-las de forma versátil, de modo qualitativo. Sobre a coleta de dados em campo, uma vez mais recorre-se a Minayo (2014, p.73), que orienta que:

A coleta de dados em campo exige do pesquisador uma postura de escuta ativa e observação sensível, pois é nesse momento que o universo de significados dos sujeitos se revela, permitindo a apreensão das múltiplas dimensões do fenômeno estudado.

No que se refere a qualificar os motivos por desencadear a coleta de dados em campo no território descrito, anteriormente, no item 1.1 - *Recorte Espacial* deste estudo, apresento que o ecossistema da pesquisa já consta do item citado bem como os motivadores que balizam tal escolha e justificam tomar-se tal território a investigar. Ainda assim, no terceiro capítulo deste estudo, dedicado a apresentar o cotidiano da coleta de dados em campo, tratar-se-á de trazer mais elementos que correspondam à compreensão do ecossistema de pesquisa.

Antecipo, porém, que para levantar opiniões e inferências sobre as características do Turismo ofertado nas destinações constantes do Recorte Espacial da pesquisa, tomei a liberdade de estabelecer contato com alguns personagens que foram previamente selecionados e agendados de acordo com a orientação do Prof. Claudio Salvador (Coordenador Pedagógico do *Instituto Superior Karaí Correa*, como já apresentado anteriormente), por se encontrarem dispersos ao longo da trajetória descrita no item 1.1 deste estudo (Minayo, 2014).

Neste caso, após o contato inicial com os sujeitos via e-mail ou WhatsApp, realizei o envio de um TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), em que os entrevistados tomaram conhecimento: a) dos objetivos da pesquisa; b) da possibilidade de caráter de confidencialidade e anonimato; c) sobre o uso e divulgação dos dados; d) sobre o direito de desistir a qualquer momento; e) a forma com que os dados serão armazenados e protegidos. Além disso, escolhi considerar, igualmente, as tomadas de opinião originadas a partir de encontros acidentais, espontâneos e inesperados com *pessoas de difícil identificação* (transeuntes, participantes de eventos etc.). Os documentos devolvidos com as assinaturas das concedentes estão dispostos em anexo correspondente ao final deste estudo.

Tratando-se, também, de uma pesquisa participante e abordando ainda sobre a coleta de dados, Brandão (2006), por sua vez, propõe que, especialmente em abordagens participantes, que a coleta se trate de um processo dialógico e construído coletivamente. Ele argumenta que a observação e as conversas informais, aliadas a outras técnicas, são fundamentais para que a pesquisa se torne um instrumento de transformação social, e não apenas de coleta de informações frias. Eis, portanto, o que indica Brandão (2006, p. 45):

A coleta de dados em pesquisa participante não se limita a 'tirar' informações da comunidade, mas a 'construir' conhecimento com ela, através de um processo de diálogo e reflexão conjunta que permite a emergência de suas próprias vozes e perspectivas.

Faço uso neste trabalho, ainda, de um método que ousou nomear como *cronoterritorial*, por meio do qual apresento o diário do percurso descrito em uma narrativa que acompanha a paisagem percorrida pela cicloexpedição.

E, com este intuito, pretendo que a forma de narrar e expressar as relações, sentimentos, dúvidas, emoções, entre o pesquisador e o território, se dê por meio de uma Cartografia Afetiva (Pereira, 2014; Amorim e Oliveira, 2017) ou, por vezes, uma Cartografia Sentimental, como sugere Rolnik (1989), partindo e contemplando as pessoas, representações, territórios, territorialidades e subjetividades, o que faz com que não se use um modelo ou formato pré-estabelecido. Entendem-se tais cartografias como metodologias que disputam o campo metodológico científico positivista.

Vale salientar que a concepção cartográfica aqui sugerida, também indicada por Deleuze e Guattari (1995), distingue-se de abordagens representacionais ao propor o acompanhamento emotivo de processos em vez da mera descrição de objetos ou paisagens. Essa perspectiva gera movimentos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização, manifestando-se por meio de *desvios, redes, derivas e rizomas*, inclusive.

As Cartografias Afetivas (Pereira, 2014) e Sentimentais (Rolnik, 1989), ao se basearem nessa concepção, incorporam a noção de rizoma, cujas múltiplas conexões e agenciamentos configuram os percursos de cada cartografia com a potencialidade artística em suas dimensões poética e pedagógica, o que justifica, inclusive, o modelo de escrita narrativa que escolhi para esta dissertação.

Segundo as autoras anteriormente citadas, narrar artística e sentimentalmente não vulgariza a pesquisa, desde que se siga o que a baliza desde o ponto de vista científico e que, por meio da exploração rizomática da narrativa, ideias e sentimentos se fundam para gerar conhecimento a partir de diferentes nascedouros.

A fim de substancializar o exposto, recorre-se ao que expõe Zourabichvili (2004, p. 97), quando afirma que:

Diferentemente das árvores ou de raízes, o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer, e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza, ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não-signos. O rizoma não se deixa reduzir nem ao Uno nem ao múltiplo [...] Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes, de direções movediças. Não tem começo nem fim, mas sempre um meio, pelo qual ele cresce e transborda. Ele constitui multiplicidades.

E, com a intenção de gravar momentos destas narrativas, escolhi utilizar os recursos de gravação dos smartphones. Compreendo que, em muitos casos, há ruídos ou o entrevistado pode se deslocar, virar a cabeça e a fala se perde. Soma-se a isto a falta de técnicas ou habilidade com montagem de cenário e decupagem das gravações, o que fez com que eu optasse por transcrições parafraseadas, associando as falas aos contextos dos personagens.

Desta forma, acredito ser fiel ao vivido e aos objetivos destes encontros com pessoas específicas.

Encerro, assim, o capítulo introdutório deste trabalho, passando-se a apresentar o segundo capítulo dedicado aos fundamentos teórico-metodológicos e os entrelaçamentos teóricos das análises que sustentam a pesquisa.

2 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO CRÍTICA SOBRE O TURISMO DE MASSA

Para iniciar a abordagem conceitual acerca do tema Turismo, verifica-se, possivelmente, que o mesmo se encontra ainda como um assunto que, notória e recorrentemente, visita os diálogos entre as pessoas quando as intenções são as de cogitar sobre evasão do cotidiano por meio de uma viagem, além de incluir possibilidades de ampliação de horizontes geográfico-culturais. Seguindo nesta perspectiva atrelada ao senso comum, comento que as ideias sobre Turismo, como a chance de acessar novos lugares e seus imaginários, por exemplo, entre outras conjecturas associadas ao conhecimento consuetudinário do direito ao lazer diletante (Dumazedier, 1999), parecem permanecer muito baseadas, sobretudo, em experiências de consumo das paisagens e da mercantilização da cultura do outro (Krippendorf, 2022; Beni, 2017).

Embora siga sendo discutido marginalmente e, por vezes, de maneira pífia ou inexpressiva por parte de diferentes campos de saberes científicos (Ouriques, 2016; Panosso Netto e Nechar, 2014), o Turismo vem sendo considerado um fenômeno sociocultural (Krippendorf, 2022; Moesch, 2000, 2002, 2004; Beni, 2017; Barretto, 2003) ou fenômeno humano (Sampaio, 2007) que, nascido do capitalismo, vem transformando territórios, positiva e negativamente, ao redor do planeta. O crescimento de tal atividade, globalmente, fez surgir um modelo tremendamente volumoso e incontrolável de consumo de viagens, denominado Turismo de Massa, como será apresentado a seguir, o qual impacta, sobrecarrega e colapsa as comunidades e ambientes por onde se reproduz, levando ao surgimento de uma série de objeções à sua prática (Conceição, 2020; Pollock, 1995; Moesch, 2004).

Anna Pollock aponta, criticamente, para a forma como o Turismo mimetiza as tendências ou transformações sociais, além de adequar sua estrutura de serviços ao senso comum, numa perspectiva *stricto sensu* economicista e utilitarista, inclusive sedutora como se apresenta a seguir:

Tradicionalmente, o turismo tem a tendência de seguir, não liderar, as forças de mudança e crescimento em nossa sociedade. Quando a máquina a vapor foi inventada, subimos a bordo dos navios a vapor e das ferrovias para expandir nosso alcance; quando o jato jumbo foi criado, movemos as massas para lugares mais exóticos com maior frequência e números cada vez maiores. Nossos valores e objetivos no turismo refletiram e seguiram os de nossa sociedade. Os destinos tornaram-se commodities – pedaços de "imóveis" ensolarados,

exóticos ou cheios de aventura que podiam ser "embalados" e vendidos. Os hóspedes tornaram-se, na melhor das hipóteses, passageiros sem nome e, na pior das hipóteses, meras noites de pessoas – geradores móveis de receita, divisas e multiplicadores. (Pollock, 1995, p.1 – tradução elaborada pelo autor)

Observa-se, sobretudo, no argumento da autora, que a mesma considera utilizar a expressão 'lugares mais exóticos', reforçando que há, no Turismo, a adoção de um olhar colonialista, estereotipado e ocidental, que discrimina e exotiza o que está fora do 'padrão', porém o usa para o interesse do mercado turístico das metrópoles. Tal visão é ainda adotada mundo adentro, principalmente pelo marketing de destinos, promovendo a 'exotização' do outro, sua cultura e território, como uma maneira de aumentar a atratividade de forma sensacionalista. Após este breve preâmbulo, e na expectativa de subsidiar uma aproximação dos fundamentos conceituais acerca do Turismo que facilitem compreendê-lo, criticamente, como um fenômeno social de massa, recorro a um recorte de seus antecedentes.

2.1 ANTECEDENTES PROTO-TURÍSTICOS

Suas origens fundamentais remontam a tempos bastante remotos, enraizadas em motivações que transcendem o mero ato de viajar. Peregrinações religiosas, expedições exploratórias, competições e a busca por conhecimento, entre tantas outras aspirações, já impulsionavam os proto-deslocamentos humanos em séculos anteriores ao que se aceita como o advento do Turismo moderno (Beni, 2017; Barretto, 2003).

Explico, outrossim, que os conceitos relativos à gênese do Turismo, este último ainda compreendido dentro das Ciências Sociais Aplicadas, já foram exaustivamente repensados e recriados por pesquisadores a ponto de gerar certas inconsistências e inseguranças conceituais para se determinar se isto é aquilo ou não (Moesch, 2000, 2002). Digo desta forma, visto que se trata de um campo epistêmico interdisciplinar (e até transdisciplinar) em constante e ampla transformação e poíesis, e não de um saber pertencente a um único domínio disciplinar de conhecimento (Moesch, 2002, 2004; Panosso Netto e Nechar, 2014).

O Turismo, então, como tenciono estabelecer para este estudo, mais do que de definições e categorias socioeconômicas, carece de diálogos propositivos que se manifestem a partir de novas e ousadas concepções que, por sua vez, partam,

prioritariamente, dos territórios a serem visitados e suas comunidades, e não do mercado. Aliás, proponho a partir deste ponto que, ao invés de visitas, considere-se a utilização da expressão ‘encontros’, após os quais nem comunidades nem viajores são os mesmos. Graburn (1989, p. 22 *apud* Medeiros, 2018, p.17) sugere, inclusive,

que o turismo seja uma maneira especial de entreter-se, um “afastar-se de tudo” (trabalho e casa), proporcionando relaxamento de tensões, e, para alguns, a oportunidade de se tornar temporariamente em alguém que não existe [*nonentity*].

Por conta disso, para fundamentar esta investigação, tomo como ponto de referência histórica, para compreender o Turismo como se conhece, hoje, o que resulta a partir da linha temporal do período que alude à Revolução Industrial Inglesa da metade do século XIX, com o advento do transporte ferroviário. Este fato faz com que emergja, inicialmente, uma atividade econômica burguesa de ascensão social caracterizada pelo deslocamento voluntário de pessoas abastadas para fora do sítio de residência, assim como por sua permanência no lugar de destino, em grande maioria, por motivos de bem-estar, lazer e interesses sociais e, por fim, pelas trocas comerciais derivadas do encontro entre estes viajantes e as comunidades europeias continentais visitadas (Krippendorf, 2022; Barretto, 2003; Castelli, 2016).

A ampliação subsequente da consolidação do trabalho moderno, do descanso remunerado e das férias, bem como a diminuição da jornada de trabalho semanal, apenas para citar alguns, são elementos que aos poucos vão dando forma à distinção entre tempo de trabalho e tempo de ócio, entre outros aspectos (Dumazedier, 1999). O agrupamento desses elementos passa a promover a geração, em escala, de uma demanda por viajar também por parte do proletariado, incentivada pelos incrementos nos meios de transportes na primeira metade do século XX, a exemplo dos vapores, carros particulares e aviões (Krippendorf, 2022; Ouriques, 2016; Zaoual, 2009).

Em parte, vale dizer que as teorias do tempo livre consideram, ainda que de forma um tanto cínica, irônica e contraditória, que o turismo seja uma *conquista* dos trabalhadores posteriormente apropriada pelos donos dos meios de produção no processo de privatização do mundo e do outro (Magalhães, 2008; Ouriques, 2016). O período entre guerras mundiais, por sua vez, acaba por determinar a possibilidade de exploração de outros destinos fora da Europa, como as Américas (Castelli, 2016; Krippendorf, 2022; Barretto, 2003), por exemplo.

Porém, é no final da Segunda Grande Guerra que se pode considerar que o Turismo se expande de maneira notável e volumosa em direção a outros territórios, apoiado pela descontrolada, arrebatadora e homogeneizadora emergência da sociedade de consumo (Barretto, 2003; Oliveira, 2005; Krippendorf, 2022; Beni, 2017). A busca vertiginosa por novas paisagens e culturas, a constar nos portfólios das empresas de viagens das grandes cidades europeias, pode ser cogitada como parte de um processo de colonização de destinações turísticas, homogeneizadas aos moldes e desejos da emergente leva de viajores, já no início da segunda metade do século XX (Krippendorf, 2022).

É possível ponderar, também, que o Turismo cresça quanto mais cresce a divisão do trabalho capitalista, se desenvolvendo e consolidando desde os grandes centros urbanos pelo planeta e criando relevantes contingentes de adeptos em diferentes classes sociais (Conceição, 2020; Ouriques, 2016), ainda que com capacidades de consumo bastante discrepantes e díspares entre si. Neste ponto, talvez, instaure-se o fetiche e a dependência explicitados pelos referidos autores, desde onde se rabisca ou rascunha a concepção de Turismo de Massa como uma 'cultura de massas'. A popularização das viagens ganha novos contornos nos países ditos desenvolvidos, tendo em vista salários mais altos e períodos de tempo livre remunerado maiores, além do crescimento de uma classe trabalhadora que passa a sustentar as economias das elites, com um distanciamento cada dia maior entre elas (Ouriques, 2016; Panosso Netto e Ansarah, 2009; Krippendorf, 2022).

Por sua vez, as cidades com apelos cênicos e hedonísticos, como estações de esqui, estâncias balneárias e *spas*, passam a ser cogitadas enquanto destinação e ganham notoriedade entre as elites, o que faz com que se requeiram, nestas paragens, serviços ainda mais exclusivos e especializados de hospedagem e lazer, principalmente nas rivieras do Mediterrâneo (Oliveira, 2005; Barretto, 2003). Para as elites, então, viajar era um direito. Para os proletários, no entanto, era supérfluo e insensato pensar a respeito, porque para os pobres, a viagem era a migração. Para a sociedade burguesa, era o Turismo.

Vale salientar, ainda, que a mão de obra destas estâncias turísticas era composta, prioritariamente, por personagens autóctones originários do eixo rural em decadência ante o complexo fabril emergente. Estes sujeitos acatavam rotinas e jornadas largas de trabalho subalterno, condicionados pela adoção de uma etiqueta

social rigorosa e excludente, além de regras e padrões de serviços correspondentes aos bens de luxo aspirados aos modos da elite dominante (Beni, 2017; Panosso Netto e Ansarah, 2009; Ouriques, 2016).

Mais do que precarizar condições de trabalho e acesso à renda, era necessário subalternizar as comunidades destes pequenos redutos cênicos. A ideia insidiosa corriqueira era de ir criando legiões de ‘serviçais modernos’, hipnotizados com as possibilidades de ascensão social promovidas e providas pelo advento de profissões glamourizadas. Entre estas, posso citar os mordomos de hotelaria, amas e governantas, *maîtres*, *sommeliers*, *concierges*, entre outras. Muito embora tais funções fossem invejadas e disputadas entre as equipes operacionais, escondiam humilhantes condições de servilismo e apagamento de identidades (Trigo, 1998; Castelli, 2016; Ouriques, 2016; Krippendorf, 2022).

Centenas de filmes⁸, livros e novelas, notoriamente, retrataram a solidão austera herdada com honras por esta classe de trabalhadores, em que a total servidão a uma família, empresa hoteleira ou escudo fazia com que a vida inteira destes sujeitos fosse destinada ao servir subalterno, em troca de que os mesmos viessem, posteriormente, a se fartar das migalhas pós-ceia recolhidas e dispostas entre os segredos das cozinhas sombrias (Oliveira, 2005; Castelli, 2016; Standage, 2005).

Estes aspectos tomam ainda maior relevância na escalada do Turismo de Massa com a promoção de novos destinos internacionais, tendo na propaganda turística o forte apelo globalizante de consumo das paisagens e culturas (Conceição, 2020), quase numa proposta colecionável de destinações cada vez mais capacitadas em termos de oferta de atrativos, estruturas de serviços de apoio e alimentação, segurança, bancos, entre outros (Beni, 2017; Zaoual, 2009; Panosso Netto; Ansarah, 2009).

A aceleração econômica do pós-guerra deu condições, de um lado, à ascensão de uma determinada ‘indústria do lazer’, dinamizada pela aviação e por viagens dirigidas a centros urbanos da cultura europeia em reconstrução, e parques internacionais como o da Disneyland⁹, em Anaheim, Califórnia – EUA (1955); e de outro lado, ao que era ‘desbravado’ enquanto viagem, dita exótica, às paisagens idílicas e paradisíacas dos destinos de sol e mar dos países periféricos e racializados

⁸ Apenas como sugestão, cita-se *La camarista* (2018 – México) e *Por amor ou por dinheiro* (1993 – EUA).

⁹ Disponível em <https://www.disneyguia.com.br/site/historia-da-disney/>, acessado em 19/07/2024.

do Caribe, América do Sul e Mediterrâneo (Barretto, 2003; Ouriques, 2016; Krippendorf, 2022; Acerenza, 2003).

Este volume cada dia maior do contingente de viajantes foi interpretado como uma oportunidade de geração de divisas por parte dos países-destino e, em mesma medida, fez nascer uma ideia um tanto hegemônica de que o Turismo gerava, magicamente, postos de trabalho e renda, ainda que não se deixasse claro qual a qualificação deste tipo de trabalho e de que dignidade de renda se estava falando (Panosso Netto; Ansarah, 2009; Beni, 2017; Ouriques, 2016).

Chega-se ao último quarto do século XX com a consolidação do Turismo enquanto atividade impactante na natureza, nas economias e culturas globais, muito especialmente por conta da gigantesca e eficiente malha de tráfego aéreo que encurtava distâncias e tempos, ainda que disponível a uma pequena parcela da população mundial (Krippendorf, 2002; Trigo, 1998; Ouriques, 2016; Oliveira, 2005).

O incremento e expansão de alcance dos meios de comunicação e da fotografia também são fatores a serem considerados quando se pensa na colonização da ideia do Turismo em escala global. Por meio do cinema, revistas, televisão, enfim, toma forma um projeto de criar a necessidade do consumo de viagens bem aos moldes do capitalismo, concebendo legiões de novos e potenciais consumidores ávidos por colecionar destinos por meio de viagens emocionais, como aquelas em lua-de-mel, por exemplo (Pires, 1997; Gastal, 2002, 2005). E, além destes fatores, grandes eventos esportivos mundiais, como Olimpíadas e Copa do Mundo, sem deixar de citar o Carnaval no Rio de Janeiro, anualmente, passaram a mover multidões em direção aos países-sede (Castelli, 2016; Oliveira, 2005).

Em meados dos anos 80 do século XX, com o acirramento da globalização e da Internet, fez-se por consolidar a promoção turística em dimensões exponenciais, alcançando e deslocando, numa velocidade irrefreável, todo tipo de viajante consumidor. Os períodos de pseudo-paz, mesmo após o 11 de setembro, reforçaram a demanda mundial dirigida às temporadas de lazer em inverno e verão, tanto na Europa quanto nas Américas, alternando os fluxos de passageiros em uma escala notável e gerando divisas em uma ordem jamais vista (Beni, 2017; Panosso Netto e Ansarah, 2009).

Diante do exposto até o momento, passo, a seguir, à apresentação de alguns

argumentos que, de maneira insurgente, permitam confrontar o Turismo de Massa por meio da sugestão de outros olhares. A mudança de perspectiva pode estar caracterizada por confluências que se dirijam à dimensão menos colonizadora desta prática, tornando possível experimentações que cogitem a epifania de narrativas anticoloniais (Chauvin, 2016), ou contracoloniais, mais evidentes (Bispo, 2015, 2023; Krenak, 2020).

2.2 A AUTOFAGIA DO TURISMO DE MASSA E A INSURGÊNCIA DE UMA POSSÍVEL ALTERNATIVA DESCOLONIZADORA DE TURISMO

Esclareço, oportunamente, que para balizar minhas inferências, recorro a alguns autores clássicos do pensamento decolonial, como Mignolo, Quijano, Maldonado-Torres, Fanon, e do campo anticolonial e contracolonial (Ferdinand, Krenak, Kopenawa, Jecupé e Bispo dos Santos). Ainda assim, apresento recorrentemente as perspectivas e abordagens decoloniais de autores do campo do Turismo, como Moesch, Ouriques, Krippendorf, Zaoual, Conceição, apenas para citar alguns, por compartilhar de sua forma de pensar o Turismo. Na extensão do corpo do trabalho, aplico a decolonialidade partindo de um pressuposto que tenha mais aplicabilidade metodológica do que, apenas, uma perspectiva teórica.

Sendo assim, ainda que o senso comum considere abordar o Turismo como um fenômeno ao alcance da grande maioria das pessoas enquanto usuárias, é equivocado sustentar que esta seja uma realidade universalmente aceita, sendo possível encará-la como uma situação de colonialidade do saber (Mignolo, 2003), banhada de fetiches, de geração de subalternidade e dependência, e que raras vezes é criticada com veemência pelos sujeitos que a praticam e estudam (Ouriques, 2016), inclusive por outras áreas da academia.

Aliás, vale considerar que, mesmo que o Turismo seja central no capitalismo, tanto como ferramenta quanto como meio, segue marginalizado como via de interpretação social, principalmente em contextos acadêmicos. Entendo que carece observar com maior acuidade o caráter exageradamente hedonístico, individualista e consumidor com que as sociedades atuais reiteram o direito delas mesmas ao lazer, ainda que em desconsideração ao que isso possa representar para as comunidades receptoras (Krippendorf, 2022; Moesch, 2004). O que se apresenta criticamente sobre

as características do Turismo de Massa, sinaliza que ele tende a ser encarado (porém, não com ingenuidade) como uma experiência de lazer por prazer de um volume incomensurável de passageiros diários com comportamentos exacerbados, e que resultam ou dependem, resumidamente:

- i) da consecução exitosa da viagem propriamente dita no modo de deslocamento particular-privado;
- ii) do tempo e formato da permanência no destino que é a ‘casa do outro’;
- iii) do modelo de consumo no destino;
- iv) da apropriação das paisagens e das manifestações de apagamento da cultura alheia;
- v) outros elementos que o categorizam enquanto prática de hedonismo e cultura de massa, sem atentar com o mesmo peso para as experiências de diálogo de saberes entre os diferentes grupos, visitantes e visitados (Ouriques, 2016).

Em suma, como se tenta acusar, o Turismo de Massa vem coroado de uma série de sensações de auto compensação, do regozijo pela fruição do tempo de não-trabalho durante o tempo de trabalho do ‘outro’, e pelo consumo da cultura do ‘outro’ enquanto mercadoria porque se crê que se possa, apenas para elucidar a presença de forte apelo neocolonialista nas práticas de Turismo convencionais (Moesch, 2004).

Tudo isto, mesmo diante da cegueira do esgotamento e do colapso que tal atividade gera nas comunidades receptoras, o que desencadeia certas patologias socioculturais e socioambientais graves, incluindo a violenta expropriação dos territórios e a subsequente evasão por parte dos sujeitos das comunidades autóctones, entre outras tantas (Ouriques, 2016).

A respeito da extrema violência que a expropriação dos territórios carrega, instrumental que serve à colonialidade do poder, do saber (Quijano, 2000), e do ser (Maldonado-Torres, 2022), Fanon (2022, p.33) orienta que:

Para a população colonizada o valor mais essencial, por ser o mais concreto, é em primeiro lugar a terra: a terra que deve assegurar o pão e, evidentemente, a dignidade da ‘pessoa humana’. Dessa pessoa humana ideal jamais ouviu falar. O que o colonizado viu em seu solo é que podiam impunemente prendê-lo, espancá-lo, matá-lo à fome; e nenhum professor de moral, nenhum cura, jamais veio receber as pancadas em seu lugar nem partilhar com ele o seu pão.

Ironicamente, visto enquanto atividade de lazer ou como um negócio, o Turismo segue sendo cogitado pelos países e regiões como solução e/ou estratégia de aproximação ou convívio pacífico entre os povos. Questiona-se, porém, como pode haver paz onde há desigualdade, apagamento epistêmico e da cultura do outro, subalternidade e violência?

O que parece não ser percebido ou enaltecido é sua realidade enquanto ideia cosmética de ambientalismo, admitida dentro de uma noção de desenvolvimento sustentável profilático que isola ou exclui comunidades autóctones, indígenas, ribeirinhos, quilombolas e outras populações humanas e não-humanas (Latour, 1994; Bispo dos Santos, 2015, 2023), numa cosmofofia topocida que cria, cotidianamente, não-lugares (Augé, 2024; Tuan, 2012). Seguindo com o discurso e com a prática irônica e cínica de gerar trabalho e renda sem qualificá-los ou mitigar a pobreza que deles resulta, os impactos deste modelo de atividade turística, a ser criticada e levada a cabo como tal, repercute de maneira significativamente negativa, tanto sobre o ambiente natural quanto sobre a maneira de pensar e agir das populações autóctones ainda resilientes, mudando sobremaneira seus comportamentos e costumes (Conceição, 2020; Trigo, 2005; Ouriques, 2016).

A noção de que o Turismo seja considerado uma atividade acessível a todos pode ser considerada uma ilusão que oculta as profundas desigualdades sociais e as relações de poder que a permeiam. Ao invés de promover a igualdade e a inclusão, o Turismo, muitas vezes, tende a reproduzir e intensificar as dinâmicas da colonialidade por meio de dominação, subalternizando e submetendo as comunidades locais aos interesses das empresas turísticas e dos turistas (Moesch, 2000). Aqueles sujeitos que, antes da chegada do Turismo, eram os donos da terra onde se encontram os atrativos naturais, por exemplo, com a espetacularização presente no projeto de Turismo são convertidos a meras marionetes desavisadas sem poder, vindo a ocupar, invariavelmente, postos de trabalho desqualificado sem perspectiva de capacitação para ascender socioeconomicamente.

A visão hedonista e individualista que predomina nas sociedades contemporâneas, associada ao consumo desenfreado, contribui para a perpetuação dessa lógica, em que os direitos e as necessidades das comunidades receptoras são frequentemente negligenciados e subalternizados (Krippendorf, 2022; Ouriques,

2016).

Sendo assim, o Turismo de Massa, como aponta Ouriques (2016) e outros autores, pode ser encarado como um fenômeno complexo que envolve relações de poder com o aprofundamento das desigualdades sociais, cuja face abissal reforça que o Turismo precisa ser uma experiência usurpadora de lazer individualista, invejável e hedonista ocultando as dinâmicas de poder que estão no seio dessa atividade.

Segundo o mesmo autor, o Turismo de Massa revela tal complexidade por meio de manifestações marcadas por uma profunda violência simbólica e material, sendo a busca fetichista por experiências exóticas, associada à lógica do consumo, a máscara de um processo de expropriação e despossessão das comunidades locais. Como se tenta indicar, a apropriação descontrolada dos territórios, a mercantilização das culturas e a imposição de valores e estilos de vida alheios constituem, entre outros aspectos, formas de violência que, notoriamente, são as marcas infelizes e nefastas da atividade turística e que precisam ser denunciadas.

Sendo assim, até mesmo a evasão dos sujeitos das comunidades autóctones, muitas vezes forçados a abandonar seus territórios para dar lugar ao Turismo hegemônico, pode ser considerada um dos resultados mais perversos e violentos desse processo (Krippendorf, 2022; Ouriques, 2016). A ironia reside no fato de que o turismo, frequentemente apresentado como uma atividade pacífica e promotora do encontro entre diferentes culturas, revela-se, em sua essência, um vetor de dominação e exclusão. Esta, aparentemente, é mais uma das formas de manifestação cínica do capitalismo.

Sob a máscara e falácia do desenvolvimento sustentável, este *ego-turismo* se apropria de territórios e culturas, marginalizando e invisibilizando as comunidades locais, em especial aquelas que possuem uma relação mais profunda com a natureza, como povos indígenas, ribeirinhos e quilombolas (Krenak, 2020, 2022; Bispo dos Santos, 2015, 2023). Essa prática, que resulta no que Augé (2024) denomina de "não-lugares", Bispo dos Santos (2015, 2023) chama de cosmofobia e Tuan (2012), por sua vez, associa à topofobia, se consolida em uma homogeneização cultural e na destruição de paisagens, saberes e modos de vida tradicionais e ecosófico (Guattari, 2009). Isto se materializa numa ruptura que é a própria marca do Capitaloceno¹⁰.

¹⁰ Alternativa ao conceito de Antropoceno, defendido por Moore (2022).

De um lado, a natureza e os seres sem os quais a Terra não seria, admitidos enquanto coisa ou mercadoria; e de outro, o próprio “*povo da mercadoria*” (Kopenawa e Albert, 2015), com todo o seu poder enfeitado de direitos. Como se pode observar, o Turismo de Massa, parido de uma lógica capitalista, euro e capitalocêntrica, tende a recriar, ainda hoje, os mesmos aspectos de supervalorização dos saberes europeizados, *Branços*¹¹ e baseados na ideia exacerbada de consumo, sempre em detrimento às epistemologias e subjetividades das comunidades e dos seres locais alcançados por esta atividade.

Como já se sinalizou anteriormente, o *modus operandi* do que se tenciona criticar, o Turismo de Massa, segue um modelo de formatação de destino turístico tal qual se escolhe um produto enlatado em uma prateleira de supermercado: ao encontrar um novo atrativo com apelos cênico-culturais, operadoras, agências e outras formas de empresas promotoras de turismo sistematizam a comercialização, selecionando estruturas privadas de apoio, como hospedagem e alimentação, para atender a determinados segmentos de consumo (Barretto, 2003; Trigo, 2005; Beni, 2017). A partir daí, segue-se um caminho de formatação de *produto*, estudando-se segmentos de interesse, capacidade de compra e estímulos de comunicação, distribuição e marketing.

Quase sem exceção, tais empreendimentos privados estão à borda de atrações naturais e culturais, ao mesmo tempo mais atraentes, interessantes e delicadas. O próximo passo é torná-las segregadas de todo o território comunitário a fim de que, prioritariamente, apenas os turistas possam aceder a elas. Outro aspecto muito relevante a ser reconhecido é que o Turismo de Massa acaba por gerar impactos extremamente danosos, e por vezes irreversíveis, ao ambiente natural e, com isso, impacta com profundidade e perenemente as comunidades autóctones daquele entorno (Ouriques, 2016; Moesch, 2004; Zaoual, 2009).

Entre os impactos negativos e autofágicos do Turismo de Massa pode-se presumir que uma série deles ocorra por sobre a natureza e as comunidades autóctones ali presentes, vindo a descaracterizar a ambos com velocidade e força praticamente irreversíveis (Zaoual, 2009). Reforçando, recorrentemente, tais comunidades são formadas por indígenas, quilombolas e ribeirinhos.

¹¹ Toma-se a mesma abordagem de Ferdinand (2022), quando o mesmo se refere a *Branços*, se considera os indivíduos ‘não-negros’ com poder de subalternização.

Dentre estes impactos a serem citados, destaca-se: i) alta pressão sobre os bens locais como água potável, por exemplo; ii) geração de lixo sem seleção e destinação condizente; iii) propagação da falsa ideia de que quanto mais se mantiver um local intocado menos gestão se terá sobre ele; iv) a desvinculação do pertencimento das comunidades autóctones com seus lugares devido à descaracterização recorrente, alterando modos de vida, manifestações culturais, linguagem, entre outros aspectos que são defendidos, pelos promotores da atividade turística, como valor de uso (Ouriques, 2016; Pires, 2017).

Ouriques (2016, p.20), a este respeito, orienta que é necessário

compreender que o valor de uso se subordina sempre ao valor de troca na sociedade capitalista e que o lucro, enquanto forma de manifestação da mais-valia, é o movimento impulsionador de qualquer atividade econômica. Aliás, o turismo, essa máquina de reconstituição capitalista é uma atividade que se desenvolve no contexto da transformação do tempo de não trabalho em tempo de capital.

A exploração ininterrupta destes territórios sensíveis alcança outros formatos de neocolonialismo, fazendo com que os mesmos virem moda nas telas de *smartphones* e *notebooks*, alcançando em tempo real os ávidos consumidores e colecionadores de novos lugares para *selfies*, excluindo a interação, integração e troca de saberes com as populações nativas e sua cultura. Para elucidar a forma ampla e insidiosa que o Turismo de Massa se manifesta e opera nos territórios, recorro a Pires (2017, p.35), que sinaliza os impactos deste modelo, entre os quais constam:

Expropriação e ocupação violenta do território por parte das forças e agentes turísticos; especulação imobiliária e da terra; expulsão e marginalização de populações locais; ruptura dos valores culturais e desequilíbrio da economia local; degradação de culturas tradicionais; manipulação da memória e da herança coletiva; violação de lugares sagrados; segregação étnica; formação de “guetos” turísticos; desvios de comportamento e prostituição de mulheres e adolescentes; comportamento grosseiro e insensível de turistas nos destinos estrangeiros; poluição e destruição do meio natural; imperialismo econômico de corporações transnacionais, neocolonialismo; evasão de divisas para o exterior.

Como se percebe, o Turismo de Massa, há muito sendo colocado em prática na esmagadora maioria das destinações dos países periféricos, segue sendo um instrumento da colonialidade e de capitalismo exacerbado que acaba, pelos motivos expostos anteriormente, por aniquilar as próprias fontes de sua pretensa atratividade,

o que alcança os olhares e mentes dos visitantes mais atentos. Por este motivo, considero, então, que o Turismo de Massa é autofágico.

Isto posto, acaba-se por justificar a propagação espontânea destas mazelas via redes sociais e a subsequente escolha, por parte dos turistas em potencial, por visitar outras destinações não tão precarizadas. Corroborando a crítica ante a autofagia do modelo colonizador do Turismo de Massa, recorre-se a Zaoual (2009, p.58 *apud* Bartholo et al., 2009), o qual sustenta que:

Com efeito, a qualidade de um sítio turístico recai sobre suas dotações naturais e culturais. Uma exploração sem limites e sem respeito destas últimas impulsiona irremediavelmente um esgotamento e, conseqüentemente, uma repulsa da demanda, logo, de investimentos. A procura da rentabilidade máxima destrói, a longo prazo, as bases dessa mesma rentabilidade. À sua maneira, Karl Marx diria: o capital é seu próprio coveiro ou a barreira de si mesmo.

Note-se que, já na perspectiva de Zaoual, se percebem declaradas características topofóbicas (Tuan, 2012), como será exposto mais adiante. Porém, é oportuno salientar que, em meio a este processo e em decorrência dele, tanto o ambiente quanto às comunidades atingidas e dilapidadas passam a conviver com situações de pleno empobrecimento.

Enquanto isso, a ‘indústria do Turismo’, célere e celebrativa, se mobiliza para abandonar o território exaurido e sucateado, ao mesmo tempo que se desdobra em encontrar, ou inventar, novas destinações a serem ‘desenvolvidas turisticamente’ ou ‘turistificadas’, deixando, aquelas anteriores, alijadas e em situação de abandono à própria sorte (Pires, 2017; Ouriques, 2016; Moesch, 2004; Krippendorf, 2022).

Além da precarização dicotomizante, separando natureza e cultura, e da deterioração socioeconômica, as comunidades acabam por ser alvo da ausência ou omissão do Estado, em torno de um caldeirão de patologias socioambientais graves decorrentes do declínio sistemático da atividade turística naqueles territórios (Moesch, 2000; Panosso Netto; Nechar, 2014).

Em suma, aqueles lugares com anteriores apelos cênicos de visitação por questões naturais e culturais, por exemplo, são conformados e formatados mediante a coisificação de seus elementos constitutivos, naturais e culturais, enquanto propriedades com fins turísticos. Isto coloca comunidades e natureza, para não dizer territórios inteiros, em situação de agonia, servilismo e subalternidade, na maioria das

vezes perdendo o direito ao uso daqueles lugares-espacos concomitantes à exploração turística (Baptista, 2023; Ouriques, 2016; Zaoual, 2009).

Pode-se atribuir a esta realidade como se tratando de um projeto cosmofóbico de controle e de topocídio (Bispo dos Santos, 2023; Zaoual, 2009; Tuan, 2012), que clama por uma alternativa práxis ecosófica (Baptista, 2023) e topofílica (Tuan, 2012), portanto, anticolonialista e descolonizadora, por meio de um outro Turismo possível, não de mais um neologismo, como tem ocorrido com certas formas de considerar o fenômeno.

Acredito, portanto, que se faz necessária e urgente uma nova abordagem de Turismo que confronte firmemente a lógica autofágica do Turismo de Massa, e parta da ideia fundante de que os espaços onde se desenrola são sítios simbólicos de pertencimento (Zaoual, 2006), lugares de saberes e conhecimento popular, ecosófico, político e epistemológico e, portanto, de luta pela vida comunitária. Apenas para traduzir o que se pretende com uma abordagem ecosófica de Turismo, recorro à ideia de que ela tende a ser uma articulação entre ética e política que unifique ambiente, humanos, não humanos, suas biointerações e subjetividades (Guattari, 2009; Baptista, 2023).

A fim de encerrar este capítulo e aprofundar um pouco mais sobre as possibilidades autofágicas, eco, cosmo e etnofóbicas do Turismo de Massa, passo a apresentar um cruzamento de raciocínios contrastantes, subsidiados pela topofilia e pela ideia descolonizadora de um outro Turismo.

2.3 TURISMO E TOPOFILIA: PARA ALÉM DO AMOR AO LUGAR

Na intenção de estabelecer um diálogo entre o conceito de topofilia, suas características e a almejada noção de um outro Turismo possível, parto das ideias postuladas por Yi-Fu Tuan, geógrafo sino-americano com reconhecido aporte na geografia humanista e ecocrítica, remetendo a aspectos físicos, sociais, culturais e perceptivos na construção do espaço geográfico. Tuan foi laureado, em 2012, com o *Prêmio Vautrin Lud*, considerado a maior honraria acadêmica no campo da Geografia, recebido, também, pelo geógrafo brasileiro Milton Santos, em 1994¹².

¹² Observatório do Terceiro Setor: Disponível em: < <https://observatorio3setor.org.br/noticias/o-brasileiro-perseguido-pela-ditadura-que-ganhou-o-nobel-da-geografia/>>, acesso em: 18 jul. 2024.

Etimologicamente, a expressão *topofilia* é composta por duas palavras gregas. A primeira, ‘*topo*’, significa lugar e, a segunda, ‘*filia*’, significa amor. Por aproximação, a topofilia pode ser considerada o carinho essencial ou amor a um determinado lugar, terra ou território, em decorrência de eventos significativos que se retêm ou se revisita na memória afetiva, individual ou coletiva.

Para Tuan, o lugar é sempre mais do que o lugar. Sendo assim, a topofilia se manifesta como um processo de conjunção de laços afetivos entre as pessoas e os lugares, de forma complexa, porém, vívida enquanto experiência, repleta de emoção e sentidos próprios. Tuan indica, também, que determinados lugares oferecem uma infinidade de estímulos sensoriais únicos e que as percepções e significados formam vínculos que variam de intensidade, sutileza e maneira de expressar-se. Grande parte destes estímulos, pode-se considerar, decorrem da interação intercultural entre os sujeitos do encontro promovido por um outro Turismo.

Remetendo ao conceito, a topofilia, segundo Tuan, revela a importância do *lugar* em relação ao espaço que o mesmo ocupa na afetividade e subjetividade dos seres humanos, sejam autóctones ou não, passando da mera concepção e subjetivação estética à configuração de sentimentos quase inexplicáveis inerentes a um determinado lugar. Para ele, amar os lugares se traduz na possibilidade de *querer ser parte*, aumentando a percepção ambiental quanto mais forte se apresenta o laço entre o lugar e as pessoas. Conforme descrito por Tuan (2012, p. 107),

o sentimento topofílico refere-se à conexão profunda e significativa que as pessoas desenvolvem com um lugar específico; A palavra "topofilia" é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o locus de reminiscências e o meio de se ganhar a vida.

Estabelecendo-se uma relação primária com a aspiração de um Turismo voltado para a geração de positivas experiências sensíveis entre visitantes e visitados,

Tuan (2012) enaltece que pequenos acontecimentos podem, à medida que o tempo passa, se transformar em um conjunto de sentimentos realmente significativos por determinado lugar, como foi comentado anteriormente (Zaoual, 2009 *apud* Bartholo, 2009). Estes sentimentos mudam a percepção ambiental e reforçam laços de cuidado e afeição.

Tomando o Turismo como meio, e não como um fim em si mesmo, isto pode ser associado, por exemplo, às experiências de aquiescência decorrentes do encontro entre viajores, uma determinada comunidade e suas territorialidades, numa emanção intercultural e interespistêmica. Possivelmente, o foco deste encontro esteja voltado para a valorização dos saberes comunitários, sutis ou explícitos; ou ainda, para adaptações ou aprendizagens mútuas mediante a observação do meio onde se inserem, em livre diálogo entre suas culturas, consolidando experiências de sentido e promovendo topofilia (Moesch, 2004; Panosso Netto; Nechar, 2014; Tuan, 2012). Cogita-se, portanto, experiências que vão muito além do mero diletantismo, de observar a paisagem e sua beleza cênica, mas que o turista seja ativo e que aprenda com tudo o que envolve e está implícito nestas experiências. Diante destas evidências, entendo que não se pode negar que o Turismo que se almeja tenha um caráter pedagógico implícito.

Mais do que aguçar a sensibilidade estética (vista enquanto teoria do conhecimento sensível), para além do assombro e arrebatamento diante de acidentes geográficos naturais e únicos, provavelmente, a troca de saberes fraternos entre os diferentes sirva de cuna para reforçar a relação que se oportuniza e internaliza, consolidando as sensações singulares que um lugar acaba por gravar na mente ou na alma das pessoas, ou ainda, em ambos (Tuan, 2012). O Turismo pode ser a janela ou tela para tanto. Com isto, a topofilia estimula que, entre os diferentes, laços sejam propostos, relacionamentos sejam tecidos, histórias comuns se textualizem, co-criem e vivifiquem. Estes aspectos estão muito próximos daquelas sensações benfazejas que alguns turistas guardam por determinados lugares e experiências, mais ainda quando estas sensações estão intrinsecamente correlacionadas com os sujeitos da comunidade (Moesch, 2004).

Manifestações de hospitalidade mútua, segurança, acolhimento e diálogo possivelmente sejam apenas algumas das expectativas constantes neste *alter* Turismo que se almeja e que a topofilia possibilita e promove, em oposição ao *ego*

Turismo. Parece, quero crer, que a topofilia está plena de cuidado, de aceitação das alteridades, como um modo de ser no mundo (Boff, 1999). Uma maneira, segundo o mesmo autor, de dar-se a conhecer mutuamente, onde o cuidado há de estar presente em tudo, fenomenológica e ontologicamente. Então, quem sabe, o Turismo possa envolver tudo o que a topofilia estabelece para promover o encontro entre os diferentes e seus contextos.

No Turismo que se deseja fomentar, a coisificação do outro, sua cultura e saberes, além de aspectos restritos à finalidade socioeconômica, à acumulação e centralização de receitas, à subalternidade, ao apagamento epistêmico e ao consumo das paisagens culturais *não são a tônica* a impactar um contexto topofílico. Como sugere Tuan (2012), quando, ao contrário, eventos de natureza negativa impactam os sujeitos e territórios, vinculando à imagem do lugar sentimentos ou significações de aversão, repulsa ou desprezo, denomina-se tal fenômeno de topofobia. Em alguns casos, estas experiências desagradáveis vão desde o acúmulo de lixo à falta de hospitalidade da comunidade, entre outros, acarretando por conseguinte sentimentos ou sensações de aversão, ojeriza e rejeição a estes lugares (Tuan, 2012; Zaoual, 2009; Ouriques, 2016). Imagina-se, assim, que a topofobia seja um caminho na construção do topocídio.

Dentre os aspectos que geram tal rejeição, apenas para exemplificar, pode-se ainda citar a degradação ambiental e cultural; excesso de gourmetização dos serviços; falta de cuidado com o patrimônio; situações de *over* nas atrações e produtos turísticos; ambientalismo cosmético; alta no custo de vida da comunidade receptora, abuso de substâncias como álcool e drogas, entre tantos outros. Conforme a intensificação destes impactos negativos do Turismo de Massa, ao passar do tempo, acredita-se que exista uma tendência à destruição física e cultural desses territórios, o que Tuan (2012) nomeia de topocídio, ou seja, a morte ou assassinato de lugares. Trata-se da ruína física e cultural (talvez epistêmica) de um lugar, resultando em sua descaracterização, depreciação, perda de seu significado e identidade, onde o *amor ao lugar* não pode mais habitar.

Vista desta forma, a autofagia do Turismo de Massa pode ser encarada, ao mesmo tempo, como um exemplo de topofobia e, com o passar do tempo, de topocídio. Por estas razões torna-se urgente a insurgência de uma alternativa descolonizadora possível de Turismo, que não só atenda ou supere as expectativas

do turista, mas principalmente, contemple a valorização das aspirações das comunidades receptoras, quem sabe auxiliando na recuperação, restauração ou regeneração do que, notadamente, é impactado no território. Mais ainda, que na concepção de Turismo que se almeja, haja um rompimento definitivo (ou tanto quanto for possível) com a fragmentada dicotomia entre humanos e natureza, como sugere Gersem Baniwa Luciano, naturalizando a humanidade e humanizando a natureza (Luciano, 2025).

Ao considerar a topofilia com esta veemência, encara-se a chance de que, em alguns lugares mais sensíveis, o Turismo que se aspira, pleno de experiências de sentido e até mesmo de esperanças – por que não? –, se manifeste *desde os povos* e não apenas *por meio dos povos*, evitando que tanto comunidades quanto turistas atuem como meros marionetes passivos a serviço de um sistema violento e hegemonicamente atroz. Entendo, assim, que por meio do Turismo seja possível instaurar contextos topofílicos para diálogos interepistêmicos e interétnicos, protegendo o território e quem nele exista, escapando à exotização, conectando estes elementos à terra porque, como afirma Baniwa, não há conhecimento sem terra (Luciano, 2025).

Na via contrária à desterritorialização dos grupos tradicionais e populares, acredita-se que o Turismo possa ser considerado como um elemento da atividade humana que resguarde e promova o território, apoiando a defesa de seres humanos e não-humanos. Onde o Turismo tenha esta função, o território pode ser percebido como o grande espaço de nascimento e renascimento de pensamentos, saberes, conhecimentos, enfim, como indica Baniwa, um locus epistêmico (Luciano, 2025). Isto, ao que parece, inclui topofilia, na expressão de cuidado, carinho, respeito e justiça por um lugar, sua gente, seus saberes.

Reitero, então, sobre a impreterível ascensão de uma forma descolonizadora de Turismo que sirva aos territórios e às territorialidades, e não o contrário. O Turismo pode ser a forma potente e dinâmica que impulse e dissemine topofilia por intermédio da interculturalidade, mas não apenas no sentido acadêmico. Num viés interétnico e interesistêmico, o Turismo pode promover a interculturalidade para muito além de um *encontro de saberes* (Luciano, 2025). Acredito que, com esta abordagem interepistêmica, talvez se conceba um Turismo no qual haja paridade ou simetria entre diferentes conhecimentos e, assim, se alcance fortalecer a

ancestralidade (Luciano, 2025) e, com estes valores como primícia, gerar receita justa e digna, sem falar nas oportunidades e na equidade.

Um outro Turismo com estas ênfases deve ser aquele que promova e gere relações benfazejas durante o encontro entre o visitante e o território, e que comunique a respeito destas trocas. Ainda pensando em topofilia, que rica experiência poderia proporcionar um Turismo onde a regeneração socioambiental e sociocultural promova a geração de economias dignas e não autofágicas, se contrapondo à lógica de Turismo hegemônica. Acredito que, assim sendo, ele possa assumir características insurgentes para ser, em essência, *de caráter* regenerativo e restaurador, intercultural e decolonial, se opondo com veemência às estruturas de poder implícitas no Turismo de Massa.

A fim de ilustrar, tomo o Turismo Comunitário, por exemplo, que é mais uma denominação qualitativa para se considerar o Turismo *praticado a partir de uma* Base Comunitária (Bartholo, Sansolo e Bursztyn, 2009), muito próxima daquela que foi determinada, aqui no Brasil, no I ENTBL – Encontro Brasileiro de Turismo de Base Local, em 1997, considerada como uma mescla das modalidades etnoturismo, ecoturismo e agroturismo (Sampaio, 2007b; Coriolano e Lima, 2003).

Indo um pouco mais além, o Turismo Comunitário que se insurge ao Turismo de Massa, ao defender a ancestralidade em diferentes dimensões, deve partir, conter e promover um certo tipo de *comunalidade* (Gutiérrez Aguilar, 2019), *traçando comunidades* (ou tecendo comunidades) e confluindo saberes (Bispo dos Santos, 2015, 2023), em um agir ético-político de *produção do comum*, desde um contexto popular e suas lutas, de um espaço-tempo de reprodução material e simbólica da vida, ou ainda, por intermédio da convivencialidade, segundo Sampaio (2007a), uma forma de hospitalidade com forte apelo solidário (Irving; Azevedo, 2003; Sampaio *et al.*, 2006).

Bispo dos Santos (2015, 2023) e Baniwa (Luciano, 2025) coincidem, ainda, quando propõem que valorizar o não colonizado é a maneira mais radical de resistir. Assim entende-se que a luta popular vá mais além do que ser a resposta à violência em todas as suas facetas.

No que se refere ao Turismo *de caráter* Regenerativo (que já tem sido discutido nos últimos dez anos no Brasil, enquanto tipologia), Corral-Gonzalez *et al.* (2024) tendem a entendê-lo como um propulsor de mudanças positivas socioecológicas,

ético-políticas, holísticas, socioculturais, socioeconômicas e duradouras nas comunidades onde se realiza, valorizando potenciais endêmicos, porém abertos a pequenas adaptações, não diante, apenas, do Turismo de Massa, mas da própria crise climática, por exemplo. A vida é considerada de forma não linear, então, aceita-se a atitude de adaptá-la, restaurá-la, regenerá-la, enfim, porque o que é ou está sendo provavelmente não seguirá assim indefinidamente.

Baseado nos princípios do paradigma de Wahl (2016), o Turismo Regenerativo busca ativamente regenerar, restaurar, curar e revitalizar os pensares dos sujeitos, os ecossistemas, comunidades e sistemas sociais, aumentando as chances da vida florescer, muito especialmente naqueles territórios que estão em risco ou à margem. No Turismo Regenerativo, o turista não é um cliente ou um mero observador passivo a ser servido. Ao contrário, ele é um agente de cooperação com o território onde se encontra, agindo integrado ao fazer comunitário, vivenciando topofilia. Resumidamente, tal paradigma ou *design* se estrutura em diferentes formas de manifestação topofílica como um *pensar coletivo* (entre sistemas interconectados ou redes); uso de princípios ecológicos evolutivos; promoção da integralidade e interconexão entre seres humanos e não-humanos; na percepção da evolução coletiva que surge para responder de maneira adaptativa às mudanças do contexto e, ainda, vir a manifestar o potencial único dos lugares e pessoas na complexa expressão de sua vitalidade.

É, segundo Corral-Gonzalez *et al.* (2024), um paradigma que exige o abandono de como o Turismo é atualmente pensado, concebido, dirigido e comercializado para, enfim, adotar uma outra concepção, inclusive, de sociedade por meio do Turismo. Este último argumento está intimamente ligado às mudanças na percepção dos consumidores (*clientes/turistas*) mediante a comunicação que parte das comunidades. Corral-Gonzalez (*et al.*, 2024) indicam que os *millennials* (geração nascida entre 1981 e 1996) são, potencialmente, o grupo consumidor que mais tem a chance, no momento, de mudar o comportamento do próprio consumo e da própria 'indústria', pela combinação entre a mentalidade 'ganha-ganha', o uso intermitente de *gadgets*¹³, o interesse próprio e pelo bem comum.

¹³ Pequeno dispositivo tecnológico com funções inovadoras para 'facilitar' o cotidiano. Ex: *smartphones*, monitores fitness, fones de ouvido, *smartwatches*.

Para Ccahua Gutiérrez (2025), o Turismo Regenerativo não é, apenas, uma evolução ou patamar superior do Turismo Sustentável, mas uma transformação profunda que transcende o paradigma da sustentabilidade (modelo de pensamento que mantém o *status quo* e mitiga, tão somente, os danos decorrentes da lógica de consumo exacerbado das culturas e das paisagens) e se fundamenta em princípios mais holísticos, profundos e relacionais, não podendo ser concebido e realizado sob a lente antropocêntrica e capitalocêntrica. Sendo assim, no Turismo Regenerativo está implícita a ideia de topofilia, porque quanto mais se conhece um lugar, mais se luta por ele, maior é o ímpeto de cuidá-lo, protegê-lo e ter afeição por ele (implícito no sentido de amor filia - *φιλία*).

Aproveitando para avançar um pouco mais nas proposições em torno da topofilia presente em diferentes percepções de Turismo, entendo que o *amor aos lugares* contempla a relação sustentabilidade e regeneração, abrindo a oportunidade de considerar a respeito de Sistemas Turísticos Adaptativos Complexos (CATS, na sigla em inglês), uma evolução do modelo sistêmico tradicional, como o SISTUR – Sistema de Turismo – de Beni (2017), seguindo o pensamento de Oyarzun Lillo e Taucare Taucare (2018).

Para Oyarzun e Taucare (2018), os CATS surgem da necessidade de reconceituar o Turismo sob a ótica da ciência dos sistemas complexos e da integração entre seres humanos e natureza, não separando a vida humana do que é natural, porém, abrindo mão de compreender o humano como motivo único de ser das coisas. Para os autores, o Turismo é um sistema vivo. Portanto, os CATS podem ser formados por redes formais e informais de forças não lineares, oriundas de elementos variados (pessoas, hotéis, saberes, restaurantes, florestas, rios, infraestrutura, etc.) formando uma estrutura complexa e dinâmica onde o que afeta a natureza acaba afetando os seres e a economia pensada e gerida localmente, *in situ*, criando um circuito de interação contínua, privilegiando aprender-se com a incerteza, sem limitá-la ou condená-la.

Esta interação entre os componentes do sistema permite que surjam propriedades de auto-organização e autogestão que nenhum dos componentes têm isoladamente. Dentre estas propriedades pode-se citar a adaptabilidade (o *desenvolvimento da capacidade do sistema de aprender e se ajustar a mudanças*), e a resiliência (o *sistema torna-se resiliente, permitindo que ele enfrente e absorva*

perturbações e impactos externos sem perder sua estrutura essencial).

Além do citado, inclui-se o desenvolvimento de governança colaborativa, aprendizagem social (pode-se dizer 'comunitária') e processos decisórios onde o controle e a tomada de decisão são compartilhados e distribuídos em múltiplos níveis, garantindo autonomia e legitimidade aos diferentes atores paritariamente, priorizando a manutenção da vida que está no centro de tudo.

Regressando ao que Ccahua Gutiérrez (2025) propõe, ainda, salienta-se que o Turismo Regenerativo deve beber da fonte da ancestralidade e do biocentrismo, incorporando aspectos de adaptação, diversidade e complexidade capazes de reverter a tendência degenerativa do modelo atual, concordando com o pensamento de Oyarzun Lillo e Taucare Taucare (2018) sobre os CATS. Cabe, também, na observação de Ccahua Gutiérrez, que a adoção de uma perspectiva regenerativa para o Turismo vai muito além da sustentação socioeconômica, ainda que a considere como dimensão que precisa ser repensada diante de sua viabilidade e potencialidade de transformação. Não seria, então, o Turismo Comunitário, os CATS e o Turismo Regenerativo meios e proposições para vivenciar a topofilia?

E, completando os argumentos favoráveis às concepções descolonizadoras de Turismo citadas, acredita-se que sigam os parâmetros do Turismo Consciente (*um neologismo com a mesma natureza daquele Turismo que é sustentável*) apresentados por Pollock (2013) onde a autora propõe o *florescimento dos destinos*, das comunidades e dos próprios viajantes, ao invés da mera mitigação de danos, com ganhos mútuos para os envolvidos.

A abordagem de Pollock (2013), concorda com Baniwa (Luciano, 2025), Corral-Gonzalez (et al., 2024), Oyarzun e Taucare (2018) e Ccahua Gutiérrez (2025), considera os seres humanos em pé de igualdade com os demais seres, mudando a *mentalidade*, não só do Turismo, mas das relações constantes dos encontros entre comunidade e visitantes. Nesta tentativa de mudança de paradigma, Pollock sugere uma migração de *projetos de sistemas técnicos para projetos de sistemas vivos*, focados em pensamento coletivo, diversidade e adaptabilidade para vencer os desafios da vida e das lutas em sua defesa, valendo-se de certas formas comuns àquelas dos ancestrais em seu tempo.

Para a mesma autora, a regeneração no Turismo deve advir das potencialidades endêmicas do lugar e do talento eco-regenerativo que o lugar manifesta, porque prosperar e evoluir são imanências do lugar.

Pollock (2013, *apud* Pereira et al., p. 96, 2024), ao sugerir um fundamento para o Turismo Regenerativo baseado na concepção de Turismo *Consciente*, apresenta sete princípios que podem ser observados por comunidades que querem tomar este caminho.

Tabela 1: Princípios do Turismo Consciente e Regenerativo

Respeitar 'o bastante'	Valorizar o <i>dar-se por satisfeito</i> e agir com base no <i>suficiente</i> , sem excessos, mas com qualidade e de forma equânime.
Gentes	Pessoas, ancestralidade, saberes e experiências dignas <i>devem ser priorizadas</i> . São aliados entre si e devem dar destaque àquilo que foca nos saberes Hospitaleiros/da comunidade anfitriã.
Lugar	O destino é o "lugar" e não o "produto". É necessário dar valor às singularidades do lugar. Não há outro com as mesmas características e valores.
Propósito	Ter horizontes e propostas de futuros claros que despertem a paixão e que orientem as memórias do resultado do encontro entre quem visita e quem é visitado.
Atração	Comunicar, atrair ou contribuir com a formação de turistas conscientes, que buscam os valores e a identidade do lugar, que não se atraíam apenas pela oportunidade do novo ou do preço.
Ritmo	Comunicar, sensibilizar e incentivar a desaceleração do ritmo do turista a fim de que ele possa vivenciar experiências transformadoras <i>in situ</i> e com aquelas comunidades, focando no "ser", no "existir", na presencialidade, ao invés do mero "fazer".
Cuidado	Toda a comunidade, e aqueles que vão ao seu encontro, devem ser protetores e cuidadores proativos, além de guardiães do patrimônio natural e cultural.

Fonte: Pollock, 2013 *apud* Pereira et al., 2024 – adaptado pelo autor.

Em certos aspectos, as ideias comunitárias, conscientes, regenerativas e adaptativas podem parecer, principalmente para olhares mais pragmáticos, demasiadamente utópicas. Mas, diante do exposto, questiona-se: afinal, o que se tem de alternativa que seja mais concreta e que ofereça melhores resultados a médio prazo no Turismo? Será que a escolha por '*manter*' presente o ideal '*sustentável*', por meio de nossas urgências comuns, já não se tornou insustentável?

Nesta perspectiva, o que tenciono considerar no que concerne à topofilia, ao

Turismo Comunitário, aos CATs e ao Turismo Regenerativo, não é que eles sejam novas esperanças *para o Turismo*. Em um viés bem particular, sugiro considerar a chance humilde que se tem de que, por meio destas concepções de Turismo, haja esperança para os territórios, para os lugares, para a Vida.

No fundo, questiono: o que as formas de Turismo Comunitário, Indígena, Regenerativo, Consciente e os Sistemas Turísticos Adaptativos Complexos têm em comum? Elas se articulam como instrumentos de defesa e promoção dos territórios, valorizam e dão evidência paritária aos saberes e cosmovisões, compartilham uma base filosófica e operacional comum, que é a ruptura com o modelo de Turismo de Massa. Desta maneira, formam um ecossistema de abordagens que priorizam a vida, o caráter interepistêmico e interétnico, a valorização da ancestralidade, a sustentabilidade sistêmica e a gestão comunitária da economia gerada por meio do Turismo.

Limitando as proposições e considerações sobre a topofilia, neste momento, às considerações dos CATS, das tipologias de Turismo Regenerativo e Comunitário (incluindo o Indígena Comunitário), apresento, a seguir, o Capítulo 3, respectivo à cicloexpedição e coleta de dados.

3 A CICLOEXPEDIÇÃO PAVEÍ GUATA PORÃ: POR ENTRE CAMINHOS E CICLOS

3.1 PREÂMBULO

Aproveito para declarar que minha vivência nesta cartografia se mesclou entre o que ouvi, vi e senti. Portanto, optei por usar a paráfrase como meio de transcrição e, possivelmente, ao passo que vou transferindo o que ouvi e presenciei, acabo por ir interpretando as falas, acontecimentos e contextos. Então, acredito que, muito possivelmente, algumas análises já se fazem notar no decorrer da transcrição das ocorrências e vivências da cicloexpedição.

Parte do que vai sendo tecido na coleta de dados se dá em imediata consequência do que vivo, portanto tem suor, dúvidas, uma agenda apertada de encontros e quilômetros a serem cumpridos, alguns duros abandonos, um ‘pensar-agir’ ofegante e, muitas vezes, tudo isto vai sendo raciocinado enquanto estou sobre o selim da minha bicicleta, contra o vento e minhas incertezas.

Reforço minha opção pela paráfrase como forma de transcrição por ser o mais próximo do que foi dito e do que entendi. Não foram montados cenários, salas especiais para entrevistas e nem mesmo houve como regravar alguns depoimentos, porque simplesmente não havia tempo, tendo em vista uma série de variáveis, além do fato, já descrito, de possuir tão somente dez dias (sendo oito da cicloexpedição propriamente dita) para realizar a empreitada. Várias falas foram ‘amputadas’ ou pelo início, fim, ou pelo meio, por terem sido tomadas na fruição dos encontros e das conversas.

Na maioria das vezes, a captura de áudio e vídeo foi bastante truncada e interrompida, tendo em vista os locais onde se davam. Ruídos, espaços com muitas pessoas que chamavam a atenção de quem estava falando; descontinuidade da fala de alguns entrevistados, *roncos* do mate, enfim, foram alguns dos determinantes para que eu escolhesse por parafrasear o que resultou de nossos encontros.

A pouca habilidade com a câmera de ação emprestada generosamente pelo colega de PPG-ICAL e amigo, Ramón Lourenço, se faz notar em várias tomadas, por exemplo, quando a bateria acaba intempestivamente. O que fazer? Interromper a conversa para trocar a bateria ou seguir buscando absorver o que está sendo tecido

e arrematado?

Desde o selim e o guidão da minha bicicleta a 40 km/h, era bastante complicado fazer fotos e vídeos enquanto pedalava forte para cumprir o cronograma. Aprendi muito com tudo isso. Ainda bem que contava com minha companheira Sandra no carro de apoio, registrando em foto e vídeo o que era possível.

Imagem 2 - Pesquisador frente ao Monumento a Andresito



Monumento a Andresito Guacurarí - 10/04/2025
Av. Costanera - Posadas - Argentina (Foto: Sandra Schiavi)

Aclaro que minha pretensão de cartografia afetiva, sentimental, cultural, e social teve início lá atrás, no planejamento do roteiro da cicloexpedição, aproximadamente em meados de dezembro de 2024, ainda que a coleta de dados propriamente dita estivesse presumida para ser realizada no horizonte futuro de abril ou maio de 2025. Remetendo à compreensão do formato escolhido para a coleta de dados, explico que por cicloexpedição entende-se uma ação de cicloturismo ou cicloviagem (viagem de bicicleta) com caráter exploratório, que perfaz um caminho

em bicicleta ao interconectar os pontos relevantes de um determinado roteiro pré-estabelecido ou não. Ao cumprir a trajetória vou existindo na observação dos aspectos de interesse desde uma dimensão muito próxima da cota dos caminhos e de todos os veículos, mas, principalmente, dos pedestres. Quando possível, busco escapar para perto de onde as pessoas transitam, a fim de proporcionar alguma interação com elas em frações de segundos, mesmo que se trate, tão somente, de um aceno, meneio ou um sorriso.

Em muitas ocasiões, o poderoso *aguyjevete*¹⁴ se fez presente e me impulsionou emotivamente, por mais que minhas incertezas doessem tanto quanto minhas pernas. A sonoridade desta saudação Guaraní foi o bálsamo de toda a cicloexpedição, no Paraguai e na Argentina. E eu nunca conseguirei agradecer como gostaria.

Imagem 3 - Pesquisador - parada para descanso



Ruta PY - 06 - Capitán Miranda hacia Encarnación - Depto. de Itapúa - 09/04/2025
(Foto: Sandra Schiavi)

¹⁴ *Aguyjevete*, em Guaraní, pode ser entendido, dependendo do contexto, como o desejo de boa acolhida, experiência de carinho e afeto, bem-estar espiritual, gratidão profunda.

Viajo solitário (ainda que com carro de apoio próximo), assim, emergo na ambiência que inclui, além de meus pensamentos, relevos e seus acidentes (montes, lagos, banhados, rios, coxilhas, florestas etc.), sons (urbanos e rurais), intempéries (calor, frio, neblina, chuva, ventos), trânsito e seus obstáculos (traçado urbano, acostamento em diferentes níveis de estado, falta de acostamento, pontes, sinalização ou falta dela, humor dos motoristas, volume de tráfego etc.), colhendo experiências e inferências com vistas a entretecer interpretações futuras.

Estou e *me vou* à disposição daquilo que está para além das intempéries; das pedras jogadas involuntariamente pelos pneus dos caminhões que passam nos dois sentidos; dos ‘presentes’ que os pássaros me enviam dos céus; das vozes das crianças, enquanto passo ligeiro pela frente da grade da escola provincial, acenando para mim, animadas e felizes gritando “*aguyjeveteeeeeeee*”, e nem permito que vejam a fusão de lágrima e suor que consta de minha emoção agradecida por ouvir suas vozes.

O vento seca a lágrima e o suor, tão rapidamente, percebo. Sou parte daqueles minutos que duram tanto, porém, sinto que aquelas crianças jamais saberão quem fui; a lembrança que terão de mim irá desvanecendo conforme me desfaço no horizonte trêmulo do asfalto. Nestas circunstâncias, para quem me vê, o que estou fazendo não importa; passo a ser parte da paisagem, do instante, e na impermanência percebo que, enquanto sigo pedalando, outros me notam e me esquecem, tão imediatamente.

Ouso, em minha sina, existir e (*des*)existir. Imagino que fui, dias depois, quem sabe, parte de uma conversa entre membros de uma das comunidades por onde passei, em algum momento do dia, e fui citado como um ‘estranho viajando de bicicleta’ pelo lugar, ora vejam só. Algo de mim, silenciosamente, vai circulando pelo território.

E, assim, ao circular com minha bicicleta pelo território, me permito pensar sobre o ‘*guata*’, o ‘*estar a caminho*’ ou o ‘*caminhar*’ Guarani (Pradella, 2011; Ladeira, 1992), que dentro de sua cosmovisão quiçá possa ser entendido enquanto expressão profunda de seu modo de vida (*ñandereko*); modo de existir em movimento como eixo central de sua cultura, espiritualidade e identidade ou, ainda, o *caminhar* na constituição do seu *ser* (substantivo) para *ser* (verbo) *pueblo* que, conscientemente, *caminha junto* (Chamorro, 2008).

Imagem 4 - Ruta Jesuítica Jesús de Tavarangue - PY



Fonte: o autor (08/04/2025).

Este *caminhar contínuo* Guaraní é *ser contínuo*, que não observa ou se restringe, nem às fronteiras, nem à morte. Posto isto, sigo o *guata* enquanto *palavra peregrina*, a metáfora presente nos cantos e danças desta essência de existir em direção a um futuro contínuo, horizonte ou porvir inacabável (*tenondé*) e que está intimamente ligado à espiritualidade, porque, dessa forma, os Guaranis se mantêm conectados a *Ñanderu* – Ser Supremo/Criador (Lima, 2022; Benites, 2015) –, em busca da ‘Terra sem Males’ – *yvy marãne’ỹ* (Jecupé, 2001) – e da imortalidade (Cadogan, 1959 In Chamorro, 2008).

Este *existir-profundo* no *caminhar* é, também, um símbolo de liberdade, de *ver-viver-sentir* a própria utopia (Chamorro, 2008), por meio de um movimento sagrado contínuo que perpassa seu *território-mundo* (*yvyrupa*), um *chão-terra* conectivo e móvel, que se manifesta enquanto cosmopolítica e sugere, também, uma *geopolítica Guaraní*, ao lançar olhares sobre seus territórios sem fronteiras e limites impostos (Godoy Bueno, 2020; Benites, 2015).

Imagem 5 - Ruta Jesuítica Jesús de Tavarangue - PY



Foto: Sandra Schiavi - 08/04/2025

Com esta mesma perspectiva, Angeli e Caldas (2024, p.5), acrescentam que

uma das histórias da vida no/do planeta pertence aos povos da nação Guarani. [...] A poética de suas narrativas se entrelaça com a persistência em existir e resistir ao longo de séculos de muita violência. Seus modos de conceber existir parecem conjugar ambiente (teia de relações vinculares entre humanos e não humanos) e o *caminhar*, em uma relação complexa de complementaridade entre os termos. Seu mapa é móvel, sua geografia questiona a dominante que estabelece as fronteiras geopolíticas, e seu chão está sempre em movimento e constituição a cada passo dado, enlaçando a um só tempo firmeza e delicadeza. Um chão vivo na contramão do chão-empalhado, fabulado e idealizado como estático e duro, tal e qual ainda se estuda nos livros, gráficos e mapas escolares.

Corroborando o que argumentam os autores, o *guata*, então, se instaura na circularidade do tempo cíclico, espiral, no comunitário, no ciclo da vida, no *começo-meio-começo*, na *não-morte*, reivindicando renovação e continuidade do florescer da vida (Borges, 2002).

Ouso, neste momento, aludir parte desta ideia de circularidade com a concepção essencial que a bicicleta *inspira pelo 'ciclo'*; pelo giro do pedivela e dos pedais livres, que vão para trás antes de mover tudo para frente; do impulso (*im*)possível oferecido pela corrente ligada ao câmbio de marchas *imortais* que se concatenam infinitamente; das rodas humildes que pedem licença ao chão, em silêncio, apenas para ir além e continuar sua sina de assemelhar-se ao *caminhar*, das reflexões que proporcionam este *movimento-mantra* ao permitir que eu revise o que julgo compreender, num diálogo entre minhas dúvidas, incertezas e, até mesmo, esperanças.

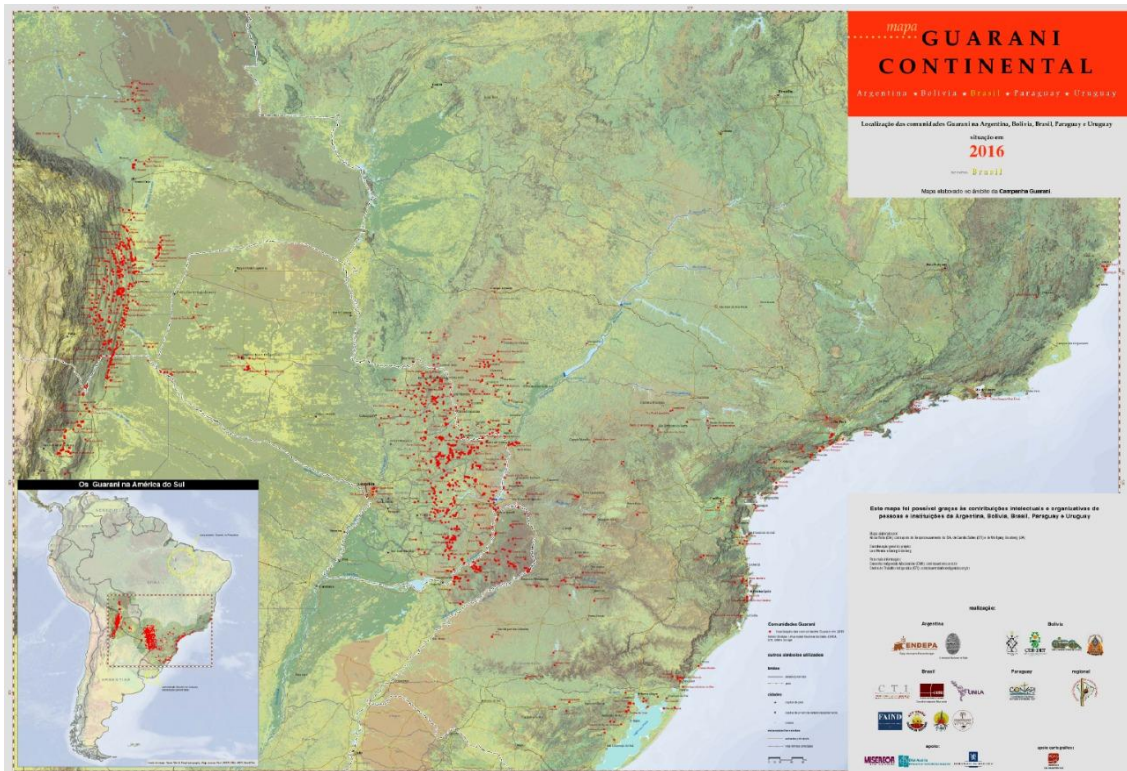
Já, na intenção de ilustrar este território onde se insere a cicloexpedição, indicando a presumida e ampla presença Guarani, recorro a dois mapas que apresentam esta noção. No primeiro, constam os territórios determinados como 'Guaranis' encontrados na Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguay e Uruguay¹⁵, e que, ainda que a fonte seja de 2016, acredita-se que correspondem o mais aproximadamente possível àqueles com forte presença Guarani atual.

Já no segundo mapa, estão indicadas terras indígenas, grupos étnicos (incluindo não-Guaranis), sítios arqueológicos e 'aldeias', alcançando, porém, apenas os territórios estimados entre Argentina, Brasil e Paraguay.

Conforme ilustram os dois mapas apresentados, reitera-se a forte presença Guarani neste contexto territorial do Recorte Espacial escolhido, ainda que para este estudo se dê maior relevância a uma geopolítica Guarani que reforça a circularidade e a presença contínua, recorrente, ainda que vagante, em um mesmo território.

¹⁵ Da mesma maneira que se fez com o endônimo Paraguay, será utilizado o endônimo 'Uruguay', que é o nome do país na sua própria língua, em troca do exônimo 'Uruguai'.

Figura 2 - Pretensa ocupação territorial guarani



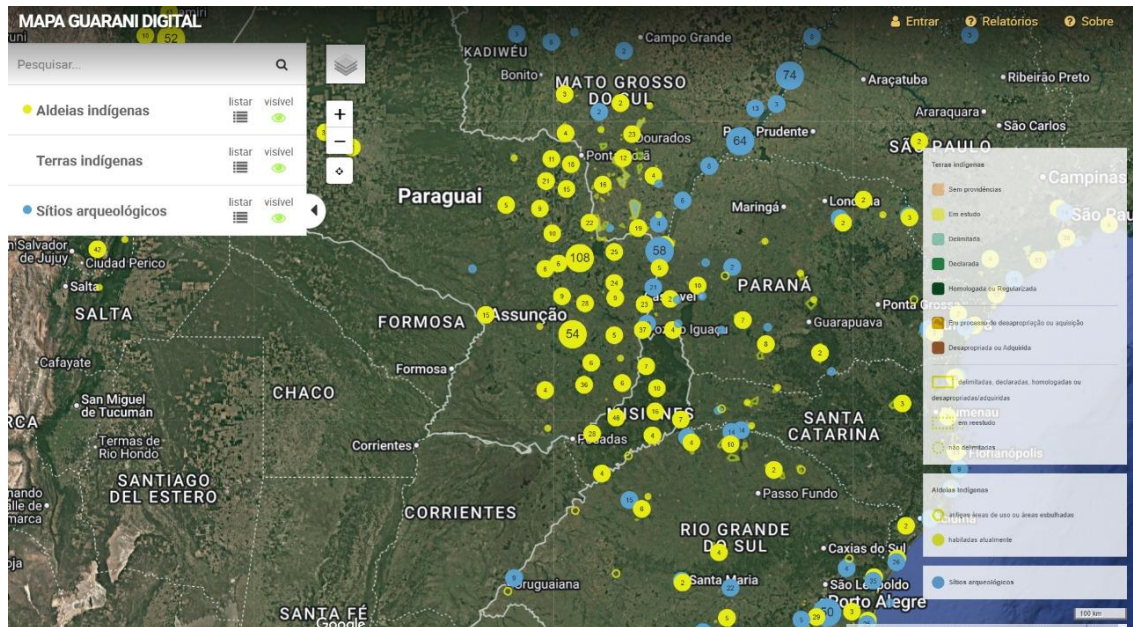
Fonte: Mapa Guarani Continental - Instituto Socioambiental, 2016

Diante do que se percebe no mapa da Figura 3, a seguir, possivelmente, ele relaciona os territórios Guaranis que são interligados pelo *guata*, circularmente, indicando aldeias/comunidades que podem ser deslocadas ainda que as terras indígenas permaneçam.

Alerta-se, entretanto, que são inúmeros os conflitos fundiários entre Guaranis, 'brasiguaio'¹⁶ e grileiros nesta região.

¹⁶ O termo surgiu por volta de 1980, com a migração de brasileiros, maioria pequenos agricultores, movimento este que gerou e ainda gera uma série de conflitos violentos por terra.

Figura 3 - Mapa Guarani Retã Digital



Fonte: Grünberg, G. et al., 2008.

Quando, por sua vez, decidi por indicar no título deste estudo o recorte ‘em caminhos Guaranis’, esclareço que trato de assumir como ponto de percepção e lugar epistêmico político, primeiramente, a própria geopolítica Guarani (Pradella, 2011; Ladeira, 1992, Jecupé, 2001) que não pressupõe fronteiras e que é, por lógica histórica, pré-existente às concepções de estados e nações, portanto, de limites geográficos formais. Isto pode ser corroborado a partir do que indicam Angeli e Caldas (2024, p.6) quando afirmam que:

Este modo de pensar-sentir-agir-imaginar seu território faz borrar as fronteiras estabelecidas pelas dinâmicas coloniais. Anteriormente, esparramavam-se pela Argentina e Patagônia, Uruguai, Paraguai, Guianas e Suriname, em trajetórias percorridas. Hoje, esses povos seguem em conflito com as lógicas de demarcação de suas terras, já que as formas de viver e de estar Guarani são pouco ou nada respeitadas neste processo. Para esses povos, a geopolítica deste chão tem outros desenhos, móveis, que se estabelecem pelo traçado do constante “guata” – caminhar – elemento fundante de sua filosofia.

Não quero descrever nem sobrescrever caminhos físicos, estradas ou trilhas, contudo, reconhecer que há caminhos ontológicos, cosmovisionais e culturalmente guaranis, os quais, presume-se, vêm sendo solapados, sobrepostos e sobrescritos

pela colonialidade há mais de 500 anos. Porém, eles ainda estão lá, desvelados por meio de uma forte e contínua construção do ser Guarani, co-criando territórios de existência e re-existências na consequência da luta cotidiana e incessante do seu *guata*. Reforço: há mais de 500 anos lutam para existir e existem! Como indica Angeli e Caldas (2024, p. 7),

a narrativa Guarani segue criando um mundo que põe em crise a geopolítica e a economia dominante, esta que recorta, impõe fronteiras, transforma tudo em mercadoria, separa humanos entre si em um jogo cruel pautado nas dinâmicas de poder oriundas do capitalismo, além de apropriação e violência no regime da propriedade privada, seja ela individual ou estatal.

Sendo assim, neste fazer-pensar-agir, tento *situar-me* para poder experimentar o que me apresenta este território em testemunho. Como indica Stengers (2023, p. 74),

[...] situar-se não tem nada a ver com ocupar um ponto de vista [...] ser capaz de se situar [...] implica estar em dívida com as existências dos outros, daqueles e daquelas que fazem outras perguntas e fazem uma situação importar de outra maneira, que ocupam a paisagem de um modo que impede a apropriação em nome de um ideal abstrato, seja ele qual for.

Aspiro que os entendimentos e inferências possibilitados pela cicloexpedição, como serão expostos na sequência, entreguem de si para suscitar uma concepção comunitária, regeneradora e tofílica de Turismo. Passo, a seguir, a apresentar os detalhes da cicloexpedição em termos de organização, suporte técnico e apoio à trajetória.

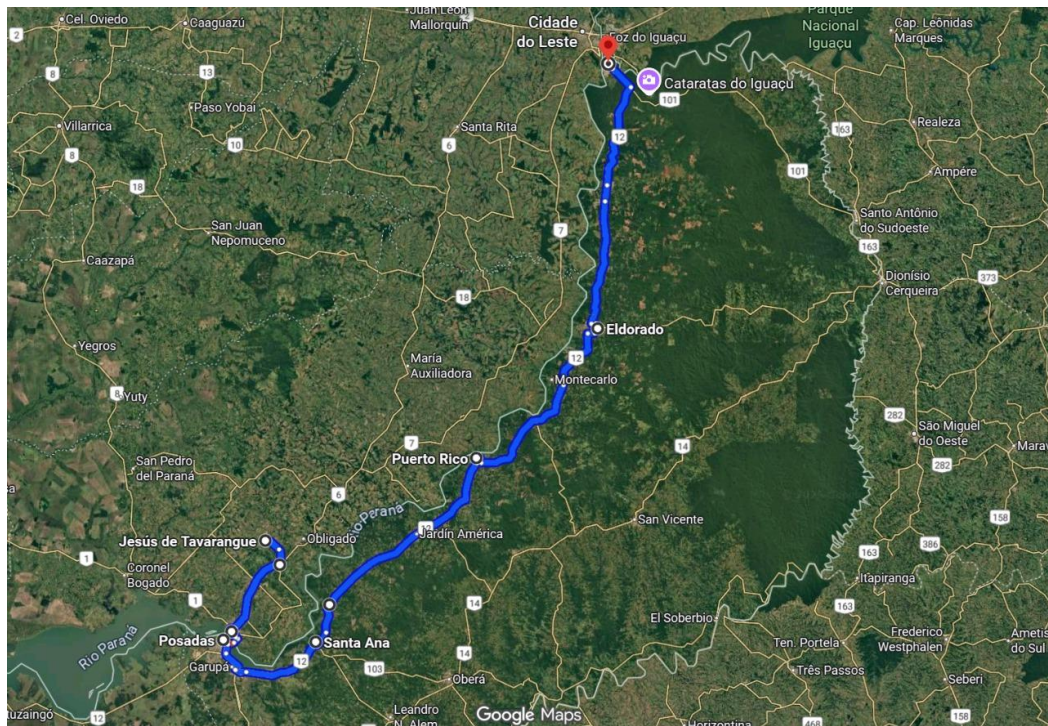
3.2 DETALHES LOGÍSTICOS, TÉCNICOS E DE PLANEJAMENTO

Ao planejar este roteiro tive em mente a baixa violência estrutural percebida naqueles territórios por meio de levantamento de informações na Internet. Busquei reconhecer os gargalos urbanos/rodoviários presentes na trajetória e, assim, encontrar os melhores percursos para a jornada em bicicleta, contando com estruturas de apoio como hotelaria, restauração, acesso à Internet, patrulhamento de servidores públicos de segurança, entre outros aspectos.

A fim de obter as informações que contemplassem os objetivos da pesquisa, preferi percorrer um caminho entrecruzando comunidades indígenas, vilas e

pequenas cidades onde imaginava encontrar sujeitos, subjetividades e elementos culturais autóctones, tipologias de Turismo e narrativas atuais contrárias ao Turismo de Massa. Neste caso, em especial, escolhi a trajetória estendida por este roteiro pré-estabelecido, como já sinalizado anteriormente no Recorte Espacial, sobrescrito por caminhos Guaranis, contemplado entre os territórios do Departamento de *Itapúa* - Paraguay, por um trecho longo da Ruta Nacional 12 na Província de *Misiones* - Argentina e, finalmente, Foz do Iguazu - Brasil, com base no levantamento de pontos de interesse, atendendo o que indicam os objetivos específicos 'a)' e 'b)' desta pesquisa.

Figura 4 - Mapa percurso presumido Pave'í Guata Porã (07 a 16/04/2025)



Fonte: Elaborado pelo autor utilizando o app Google Maps

Queria, desta forma, pedalar e alcançar o entorno de lugares com elementos e práticas contrastantes tanto de diferentes concepções topofílicas de Turismo quanto do Turismo de Massa no Paraguai, Argentina e Brasil, preferencialmente, já reconhecidos como tal.

Focando nos espaços identificados como de Turismo de Massa, inclui-se aqueles relativos ao patrimônio histórico-arquitetônico tombado pela UNESCO, como

as Missões Jesuíticas Guaranis (no Depto de *Itapúa* - PY e na Província de *Misiones* - AR). Além destes, aproveitei para contemplar, em período de baixa temporada, alguns balneários da costa do Rio Paraná.

As capitais *Encarnación* (Depto de *Itapúa* - PY) e *Posadas* (*Misiones* - AR) se convertem em fortes atrativos para o Turismo de Massa em diferentes épocas do ano, contando com a alternância proporcionada pela ponte entre os dois países unindo as margens do Rio Paraná.

E, finalmente, mas não menos importante, resolvi fechar a cicloexpedição alcançando a controversa realidade de *Ciudad del Este* - PY, que atrai centenas de milhares de visitantes para a região transnacional, e os destinos mundiais dos Parque Nacional Iguazú - Puerto Iguazú - AR e Parque Nacional do Iguazu - Foz do Iguazu - BR.

Imagem 6 - Placa do território dos 'Os 30 povos'



Junto à entrada da Missão Jesuítico Guarani de Santa Ana - Misiones - 10/04/2025

Foto: Sandra Schiavi

No tocante às Missões Jesuítico-Guaranis, a imagem anterior fornece um panorama geral de como se dava a ocupação espacial dos '30 povos' onde se encontravam reduções, reduções com vestígios preservados e aquelas que são

consideradas pela UNESCO patrimônio da humanidade. Para esta pesquisa e mediante o tempo que dispunha, optei por aquelas que se encontravam próximas à rodovia PY-06, no Paraguay, e às que quase se debruçam sobre a Ruta 12 - Misiones - Argentina. Antecipo, porém, o que será apresentado em pormenores no dia a dia da coleta de dados, presente na seção 3.3 *Rodas na Estrada*, a seguir, indicando que no território *paraguayo* a cicloexpedição partiu da Missão Jesuítica de Jesús de Tavarangue (1685 em Alto Paraná - transferida até 1760), localizada no distrito de Jesús¹⁷, no Departamento de Itapúa, distante aproximadamente 12.3km da Ruta 6, 15km da *Missão Jesuítica Guarani de La Santísima Trinidad de Paraná* (1706), em Trinidad, e a 40 km distante da capital do Departamento, Encarnación.

Ambas missões fazem parte do conjunto de 30 missões estabelecidas pela Companhia de Jesus (Ordem dos Jesuítas) na bacia do Rio da Prata, entre os séculos XVII e XVIII, com a tarefa de cristianizar os nativos que encontrassem, como já se expôs anteriormente. Das duas missões visitadas neste contexto, a de *La Santísima Trinidad de Paraná* é a que se encontra melhor preservada, ainda que a alta pressão turística costume ser um dos desafios encontrados para a manutenção e gestão integrada daquele patrimônio¹⁸.

Nomeei, afetivamente, de '*Pave'í Guata Porã*'¹⁹ (Belo Caminhar juntos) a esta cicloexpedição com a pretensão de dar ainda maior caracterização à intencionalidade de percorrer tal recorte espacial desde uma *geopolítica Guarani*, com destaque à sua presença expressiva no território, o que empresta uma natureza de olhar contrastante ao que está afeto ao Turismo de Massa. A cicloexpedição ocorreu entre os dias 7 e 16 de abril de 2025 e contou, além de mim viajando em bicicleta, com um carro de apoio como logística própria, conduzido por minha namorada, Sandra Schiavi, docente de pós-graduação e pesquisadora de áreas afins, que se encontrava, oportunamente, nos últimos dias de férias. Este apoio logístico, como se verá a seguir, foi capital para o alcance de determinados lugares, garantindo proteção, referência e

¹⁷ O distrito de Jesús, segundo o mais recente Censo (INE, 2022), tem população aproximada de 5.197 habitantes, enquanto Trinidad, onde se encontra a Missão de La Santísima Trinidad del Paraná, conta com um pouco mais de 10.000 habitantes, segundo a mesma fonte.

¹⁸ Mais detalhes podem ser encontrados em <<https://whc.unesco.org/en/list/648/>>, acesso em 1 jul. 2025.

¹⁹ Inspirado no que contempla a obra "Guata Porã: belo caminhar", do Instituto Socioambiental, citada na bibliografia deste estudo.

acompanhamento em todo o caminho, o que conferiu, em meu entendimento, sucesso à proposta de cicloexpedição.

Quanto ao período de realização, optou-se, por proceder a coleta de dados antes do *Exame de Qualificação*, pelos motivos que evidencio a seguir:

- a) tinha, a fim de cumprir a cicloexpedição, tão somente dez (10) dias contando, exclusivamente, com minhas economias, ainda que em situação de desemprego e sem bolsa de nenhuma natureza;
- b) dos dez dias totais, 2 foram usados para cumprir, de carro, o trajeto de ida de Maringá a Foz do Iguaçu (404 km no dia 07/04), de Foz do Iguaçu a *Jesús de Tavarangue* (272 km no 08/04), e de retorno, mais um dia ao final do percurso, a fim de regressar de Foz do Iguaçu a Maringá - PR (404 km no dia 16/04), o que resultou em, apenas, 7 dias para percorrer, pedalando e interagindo com os sujeitos, o trajeto um pouco mais de 400 km que me propus;
- c) o carro de apoio, como já citado, nesta circunstância conduzido por uma pessoa da confiança nos últimos dias de férias, se traduziu na única possibilidade de realização do proposto, por não ter opções de apoio com estas características;
- d) o período escolhido coincidiu com o momento de baixa temporada de Turismo nos territórios a serem percorridos, facilitando deslocamentos, valores de custo e disponibilidade de hospedagem;
- e) planejei cumprir com todas as exigências acadêmicas presenciais (disciplinas obrigatórias, não-obrigatórias e estágio docente) em um ano de residência em Foz do Iguaçu, por conta do alto custo de vida da cidade, o que levou a realização da coleta de dados para o segundo ano do Mestrado, já que me encontro residindo em meu domicílio em Maringá - PR, desde janeiro de 2025.

E, como forma de poder ter tempo, ainda que breve, para interação com as comunidades e sujeitos, optei por pedalar trechos com distâncias diárias compreendidas entre 13 km e 80 km, em dias alternados, o que fez com que, em alguns lugares de interesse, eu não fizesse pernoite, aproveitando para dividir o meu cotidiano entre longas horas de pedalada e outras de conversa com pessoas contatadas previamente.

3.3 ESCOLHA DOS PONTOS DE INTERESSE E ELABORAÇÃO DO ROTEIRO

Entre os meses de setembro e dezembro de 2024, busquei estabelecer contato com lideranças de Turismo e Turismo Indígena na província de Misiones - Argentina, sem muito êxito. Já quase a ponto de tomar uma outra via, alcancei o Instituto Superior de Turismo Indígena Karáí Correa²⁰, de Puerto Iguazú - Misiones - Argentina, por meio da plataforma *LinkedIn*, e estabeleci comunicação com a Diretora, Professora Viviana Bacigalupo.

Como expus à Diretora Viviana, minha investigação carecia de contatos amplos, não apenas por Misiones, mas, também, pelos Departamentos de Itapúa e Alto Paraná, tendo em vista a necessidade de estabelecer encontros para conseguir entrevistar, se possível, um pessoa em cada cidade que estava incluída em meu roteiro preliminar. Vale dizer que o ponto de partida e chegada da cicloexpedição não foram alterados, pois calculava o que haveria de pedalar dentro do limite de 7 dias totais, já excluindo os dias de chegada para iniciar a coleta de dados e de regresso, ao final, à Maringá.

Imagem 7 - Pesquisador e professores Claudio Salvador, Prof. Beto e Profa. Viviana



Instituto Superior Indígena Raúl Karáí Correa - 15/04/2025
Foto: Sandra Schiavi

²⁰ Para mais detalhes sobre o Instituto Karáí Correa, ver: [Instituto de Turismo Indígena Karáí Correa](#)

Após algumas trocas de e-mails com o objetivo de apresentar meu projeto, a Professora Viviana, de maneira perspicaz e sensível, intuiu e me dirigiu ao Prof. Claudio Salvador, coordenador pedagógico do mesmo Instituto, tendo em vista seu profundo conhecimento sobre Turismo Indígena Comunitário (TIC)²¹ no recorte transnacional e geopolítico Guarani da pesquisa.

Assim que tomou conhecimento do teor da coleta de dados, da forma que a mesma se daria (Cicloexpedição), e sabendo de meu limite de tão somente 10 dias para realizá-la entre deslocamento em carro de apoio, 400 km em bicicleta e momentos abertos à vivências de interculturalidade, o Prof. Claudio Salvador, diligentemente, entrou em contato com uma série de pessoas de seu círculo fraterno e, entretidas no formato de rede de Turismo do entorno proposto, sensibilizou-as a acolher minha demanda de encontrá-los e dialogar com elas pessoalmente, o que foi imediatamente atendido por todas e todos.

Por esta doação generosa de tempo e sabedoria, reconheço a pessoa do Professor Claudio Salvador como o curador da cicloexpedição *Pave'í Guata Porã* e, particular e espiritualmente, como um *Arandu Guazú*²², ainda que o mesmo, humildemente, se refira a si como um aprendiz.

Um comentário a mais ainda deve ser feito sobre o Professor Salvador: na grande maioria das mensagens que trocamos entre nós, via WhatsApp, ao final, ele costumava repetir uma frase muito potente e que gerou em mim uma reflexão perenal: *'sempre para servir'*. Questionei-me, a partir de então, de que servem os encontros entre as pessoas senão para se colocarem a *serviço* mútuo?

Saliento, de imediato, que entendo que o uso propositivo da expressão *servir*, nestes contextos, ressignifica o servir²³, principalmente, quando cogito que este ato

²¹ Trata-se de uma variação do Turismo de Base Comunitária, onde as vivências interculturais em territórios indígenas são geridas pelas próprias comunidades, atingindo todas as faixas etárias do povo ou grupo, assim como a equalização do resultado deste Turismo em meio à comunidade.

²² Segundo o líder *Mbya* Javier Villalba - um dos entrevistados da coleta de dados - *Arandu Guazú*, em Guarani, literalmente equivale à ideia de 'grande sábio', sendo *'arandu'* a palavra para 'sábio ou sabedoria' e *'guazú'*, a palavra que significa 'grande'. Ainda assim, sabendo que a língua Guarani é aglutinante, a palavra *'arandu'* é composta por duas outras palavras: *'Ara'* - que significa 'tempo, espaço, cosmos'- e *'andu'*, por sua vez, significa 'sentir/ouvir' - que em Guarani são indissociáveis. Sendo assim, *Arandu* pode ser compreendido como um ser que sente e ouve o tempo, o espaço e o cosmos.

²³ Para ampliar e esclarecer sobre a correlação entre o servir, o cuidar e a dádiva, sugere-se o ensaio *Ressignificando o Servir* (Cezar, 2022), disponível em:

pode ser compreendido como a nobreza do ato de *cuidar* (Boff, 1999). É possível, também, que eu possa interpretá-lo como uma das formas assumidas pelo paradigma da *dádiva* (Camargo, 2004; Mauss, 1988; Caillé, 2002), doando-se a si mesmo com intenção de estabelecer, manter ou restabelecer os vínculos entre as pessoas. Após esta reflexão, quem sabe, ousou acreditar, este seja um dos elementos a serem levados em consideração ao idear um insurgente modo de Turismo cuja motivação seja ir ao encontro do *outro* para, com ele, colocar-mo-nos *a serviço* da vida *no território*, que é a vida *do território*, e co-criar formas de contribuir com a sua manutenção e regeneração.

Após uma semana de conversas via WhatsApp e email, tive a definição das pessoas com as quais teria encontros durante a cicloexpedição e, então, passei a planejar e roteirizar o traçado levando em consideração identificar, na trajetória, pontos de interesse para cicloviantes cujos critérios, a priori, fossem: segurança; variedade de tipo de terreno; constante proximidade com pequenas comunidades receptoras e sua cultura; indicação de oportunidades de contrastes entre elas; presença de infraestrutura de apoio, além de escapar às zonas de monocultura agrícola, entre outros. As pessoas que, tão generosamente, aceitaram me receber para participar da coleta de dados e ceder suas opiniões sobre o Turismo realizado em seus contextos serão apresentadas, uma a uma, a cada dia do roteiro na seção seguinte. Todas tomaram ciência do teor e detalhes de minha investigação, e assinaram o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*, os quais se encontram em documento único em PDF no link²⁴ específico indicado abaixo. Assim sendo, com a definição dos contatos, dos agendamentos e o planejamento criado, era hora de colocar as rodas na estrada.

3.4 RODAS NA ESTRADA

Usando o carro de apoio para carregar a bicicleta, bolsas e utilidades, seguimos, Sandra e eu, desde Maringá - PR até Foz do Iguaçu - PR no dia 7 de abril, a fim de poder descansar antes de tomar a rota definitiva que nos levaria ao início da

<<https://www.rizomaecosistema.com.br/floresta/ressignificando-o-servir>>, acesso em 2 set. 2025.

²⁴ Para saber mais, ver:

<https://drive.google.com/file/d/1I7tsxdP1caCfmgw4IJuZEU0fBcFiOzx1/view?usp=drive_link>, acesso em: 15 jan. 2026.

pedalada e da coleta de dados em campo.

Todos os depoimentos relativos à coleta de dados se encontram em um espaço digital denominado PASTA DRIVE, onde está o compêndio de conteúdos não editados da cicloexpedição *Pave'í Guata Porã* e que pode ser acessado, na íntegra, pelo Qr-Code abaixo ou pelo link: [PASTA DRIVE](#) .



3.4.1 Primeiro dia da Cicloexpedição: desde Jesús de Tavarangue a La Santísima Trinidad de Paraná - PY

No dia seguinte, 8/04, por volta das 4h da manhã, cruzamos pela Ponte Internacional da Amizade desde Foz do Iguaçu para Ciudad del Este - Paraguay a fim de tomar a Ruta 7, sentido *Jesús de Tavarangue*. Ao adentrar, àquela hora, o território paraguayo por *Ciudad del Este*, o impacto inicial já era esperado (por mais que o conhecêssemos a priori), ao visualizar o espaço topofóbico e topocida surgido em decorrência do tipo de consumismo e poder paralelo que minera a cidade e que, irremediavelmente, por mau costume se passou a ser chamado pelo senso comum de 'Turismo de compras', porta de acesso para uma série de patologias sociais graves que tatuam o lugar e são base para um capitalismo mafioso (falarei disto mais adiante).

Fundada sob o nome Flor de Lis (1957), a 'cidade onde sol nasce'²⁵, *Táva Kuarahyresême* em Guarani (que já foi conhecida por *Puerto Presidente Stroessner* em homenagem ao ditador Alfredo Stroessner, deposto por golpe de estado em 1989, pelo general Andrés Rodríguez e com apoio dos Estados Unidos²⁶) sobrevive ao estigma de um sistema de comércio com baixa tributação e sob a forma de transação ilegal de mercadorias (leia-se contrabando), dada sua instituição há mais de 60 anos

²⁵ Para saber mais, ver: Município de Ciudad del Este. Disponível em: <<https://www.mcde.gov.py/>> .

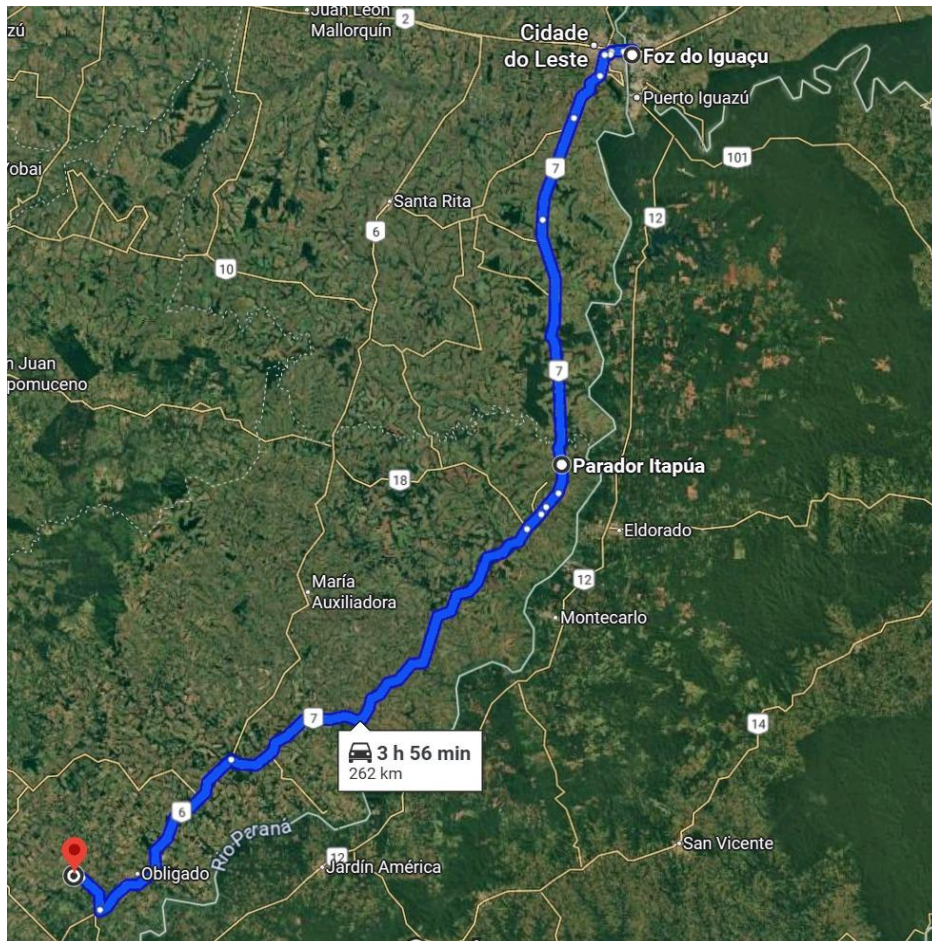
²⁶ Para saber mais, ver: Arquivo Nacional - Memórias Reveladas. Paraguai: 68 anos da trilogia corrupta de Alfredo Stroessner. Brasil - Ministério da Gestão e Inovação em Serviços Públicos. 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/memoriasreveladas/pt-br/assuntos/noticias/paraguai-68-anos-da-trilogia-corrupta-de-alfredo-stroessner>>, acesso em: 13 set. 2025.

como uma Zona Franca de comércio, estrategicamente.

Não escondo o receio e a tensão que habitava meu silêncio dentro do carro ao singrar, naquele horário, pelas avenidas mal iluminadas de *Ciudad del Este* observando, sob as tendas, cidadãos que tentam sobreviver, faça chuva ou sol, vendendo *chipas* ou fazendo câmbio irregular de moedas. Com Sandra ao volante, mesmo sob forte chuva, agarramos umas *chipas* recém feitas, seguimos em meio a um zigue-zague pelas ruas, mal sinalizado e com parca iluminação, e em pouco tempo encontramos a estrada, bem pavimentada, porém, sem acostamento. Dali, a ideia era seguir pela Ruta PY-07 (Departamento de Alto Paraná) até o Paradoiro Itapúa, distante 102 km de *Ciudad del Este*, onde fizemos uma breve pausa para o café da manhã.

O Paradoiro Itapúa, na localidade de *Mayor Julio Don Otaño*, está há poucos quilômetros da divisa com o Departamento de Itapúa. Dali, nossa tarefa era, rapidamente, alcançar a Ruta PY - 06 já no Depto de Itapúa e atingir o ponto de referência, a *Missão Jesuítico Guarani de Jesús de Tavarangue*, conforme explicitado na Figura 5.

Figura 5 - Traçado Foz do Iguaçu / Jesús de Tavarangue



Fonte: Elaborado pelo autor utilizando o app Google Maps.

Esclareço que a trajetória preliminar citada não foi cumprida em bicicleta por algumas razões bastante determinantes: por conta da brevidade de tempo disponível e por apresentar limitados pontos de interesse que correspondessem aos objetivos da pesquisa. De igual forma, tomei conhecimento ao conversar com colegas do PPG-ICAL, que o referido trecho relativo à Ruta PY - 07 cruza por um território com ostensiva monocultura e conflitos fundiários no Paraguai, além de períodos indefinidos e intempestivos de pulverização de glifosato²⁷ nas lavouras.

Além destes obstáculos, a falta de cobertura vegetal à borda da pista e a pouca

²⁷ Para saber mais, ver: <<https://noticias.ufsc.br/2015/07/uso-de-glifosato-pode-causar-riscos-a-saude-indica-parecer-tecnico-de-pesquisadores-da-ufsc/#:~:text=Uma%20peti%C3%A7%C3%A3o%20do%20MPF%20enviada,rubens.nodari@ufsc.br>>, acesso em: 02 nov. 2025.

presença de acostamento, dificulta longas pedaladas com alta exposição ao calor intenso (tanto do sol quanto aquele emanado pelo asfalto), visto que o único ponto de apoio é o Parador Itapúa, como indicado bem ao centro da figura anterior. Realizamos este trecho, de *Ciudad del Este* até o Parador Itapúa no início da manhã do dia 8 de abril, o que proporcionou um contraste de realidades muito claro.

Ao abandonar o Depto. de Alto Paraná e adentrar o Depto. de Itapúa pela Ruta 7, a mudança de cenário e do contexto socioambiental é notável. A paisagem no Depto. de Itapúa, quase de imediato, aparenta ser mais atenuada e com recorrentes espaços contemplativos, contando com a presença de pequenas municipalidades rurais e comunidades indígenas. Isto pode representar lugares pensados para a observação de natureza conservada (pequenas unidades de conservação de uso responsável) e pela oferta ordenada de algumas propriedades com fins turísticos, contando com pequenos balneários de rio, atividades ecoturísticas e de aventura.

Como se nota na figura anterior, no sentido de Trinidad, a Ruta 7 - PY encontra a Ruta 6 - PY e, a partir daí, aumenta ainda mais a oferta de Turismo e espaços de lazer em estâncias rurais com forte apelo natural, como é o caso do que se encontra nas localidades de *Bella Vista, Obligado e Hohenau*, além de algumas comunidades e assentamentos indígenas, como *y'Aka Marangatu, Guavirami, Guarapay, Pycasu Ygua, Arasa Poty, Macutinga, Ape-Aime*, entre tantas outras, já a caminho da Missão Jesuítico Guarani de La Santísima Trinidad.

Apesar de ter cumprido um longo trecho de carro no dia anterior, ainda no dia 8 de abril, decidimos chegar na localidade de Jesús ao final da manhã e realizar a primeira breve visita, agendada sob sugestão do Prof. Claudio Salvador e organizada pela Coordenadora das Missões Jesuíticas no Paraguay, senhora Ana Belén Espinoza, na *Missão Jesuítica Jesús de Tavarangue*²⁸, acompanhados do guia credenciado Andrés Acevedo Gonzalez.

Importante salientar que, para fins cicloturísticos, a localidade apresentava uma aura tranquila e segura, variado comércio, espaços de alimentação e hospedagem, além de um povo que se demonstrou gentil e acolhedor quando necessitamos.

O local funciona diariamente das 07h às 18h (no verão) e até às 19h30 (no

²⁸ *Tavarangue* é uma expressão em Guaraní que significa 'a cidade que teria sido' ou 'o povo que teria sido', aludindo ao fato histórico da expulsão dos Jesuítas do Paraguay, em 1767, que interrompeu as obras da Missão e que, por conta disso, nunca foi terminada ou habitada.

inverno), oferecendo visitas noturnas de sextas-feiras a domingo, após 20h. O prédio principal contém algumas características arquitetônicas mouriscas únicas encontradas em prédios deste gênero.

Imagem 8 - Missão Jesuítica Guarani Jesús de Tavarangue



Foto: o autor (08/04/2025)

Andrés, que faz parte de um competente grupo de guias credenciados, é mestiço e reconhece a importância de tirar do soterramento as narrativas ancestrais e autóctones. Enquanto adentramos o perímetro da Missão, ele passou a comentar livremente que por muito tempo, nos guiamentos e em outros espaços, se falava apenas a respeito dos personagens Jesuítas sem dar protagonismo aos Guaranis.

Com uma expressão de contentamento, informou, então, que há alguns anos ele contava, como colegas de trabalho, com guias Guaranis treinados e credenciados. Para ele, esta realidade há muito esperada, era uma forma de valorizar a presença Guarani naquele entorno. Indaguei, enquanto caminhávamos por entre as vias da Missão, sobre como se dava o Turismo ali naquele espaço, e ele corroborou minhas expectativas indicando que o Turismo, em grande parte, acontecia mediante a chegada de grupos trazidos por operadoras, muitas vezes, de *Encarnación* ou *Asunción*. Estes grupos, em sua maioria, eram compostos por turistas estrangeiros (predominantemente *gringos* dos EUA e da Europa), com interesses que iam do

histórico-arquitetônico ao puramente contemplativo e que, quase em sua totalidade, demonstravam pouca noção da presença Guarani como os verdadeiros habitantes daquelas terras.

Imagem 9 - Missão Jesuítico Guarani Jesús de Tavarangue - PY



Foto: Sandra Schiavi (08/04/2025)

Outro ponto muito interessante que tratamos enquanto caminhávamos é que o guiamento, realizado pelos guias das operadoras de fora do contexto regional, costumeiramente narrava sobre o ocorrido naquelas missões de maneira fantasiosa, um tanto fantástica e nem sempre dava crédito à presença Guarani, citando-os como meros marionetes a serviço dos Jesuítas. Notadamente, quase em sua totalidade, os guias de Turismo que acompanhavam estas 'excursões' não eram de origem Guarani.

A forte presença de operadoras turísticas da capital - *Asunción* - e de *Encarnación* (que é a principal entrada para turistas que chegam desde diferentes áreas do Brasil, inclusive por se tratar da cidade com aeroporto mais próximo das missões) se faz notar de maneira ostensiva no tocante, não ao volume, mas à voracidade, mais uma característica do comportamento do Turismo de Massa. Visitações que, para *paraguayos*, duravam em média 1h30, para os grupos conduzidos pelas operadoras não chegavam a mais que 30 minutos, os quais eram utilizados para a produção de fotos ou filmagens rápidas, a fim de sobrar tempo de

passar por outros pontos de interesse, como a missão mais próxima, paradores com acesso à Internet, banheiros e alimentação.

Imagem 10 - Interior da Missão de Jesús de Tavarangue - PY



Foto: Sandra Schiavi (08/04/2025)

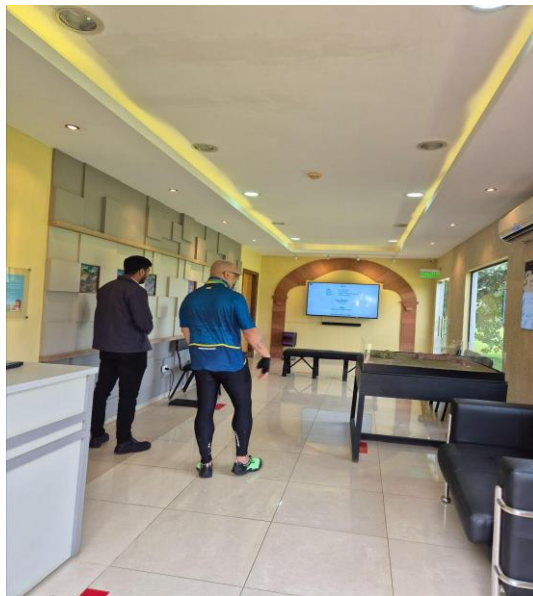
Enquanto paramos para conversar, inclusive, cruzou por nós um grupo de turistas portugueses conduzidos por um guia de operadora, pouco simpáticos e resmungões, com aquelas expressões que revelam pouco caso, como se dissessem uns para os outros, com desdém: *eu tenho isso aos montes na minha terrinha, oh, pá!*. E se foram, tão rápido quanto chegaram, como num estalo de dedos, para a felicidade dos ouvidos diante da volta do silêncio das paredes e das memórias. Percebi que, muito possivelmente, além do valor do ingresso no atrativo (que pode ter sido superfaturado na operadora), quase nada de receita foi ingressado naquela comunidade. Coincidindo com o que eu pretendia encontrar, porém muito antes do que tinha expectativas, os comentários de Andrés foram o primeiro relato composto por uma narrativa descolonizadora que buscava *des*-cobrir (ou tirar de cima), ainda que de maneira tímida, o violento apagamento perpetrado sobre a ancestralidade e a autoctonia Guarani.

Ainda dentro das conversas descontinuadas e informais, Andrés chegou a ressaltar que tal apagamento tem sido promovido, em parte, pelo processo histórico,

mas também ‘pelos que mandam’ e que é, muitas vezes, necessário concordar com tais condições e pressão das operadoras de viagens, porque são elas que levam os turistas, portanto, a receita. Por estes motivos, informou que contando com a articulação da Coordenadora das Missões no Paraguai, Sra. Ana Belén Espinoza, havia sido criado ali em Tavarangue, um *Centro de Turismo Inteligente Avá Retá* (Terra dos Guaranis, segundo ele mesmo), dando prioridade à cultura, saberes, idioma e modo de vida Guarani.

Nele estão disponíveis elementos do cotidiano do idioma, da cultura Guarani, como arco e flecha, cocares, instrumentos, além de pequenas peças de barro, úteis para o dia a dia nas comunidades, todas muito bem feitas. Ouvindo Andrés apresentar o espaço, ainda foi possível perceber que a forma que tratava tais objetos não se dava como se fossem meros instrumentos artísticos.

Imagem 11 - Interior do Centro de Turismo Inteligente Avá Retá



Missão Jesuítica Guarani Jesús de Tavarangue - PY - 08/04/2025

Foto: Sandra Schiavi

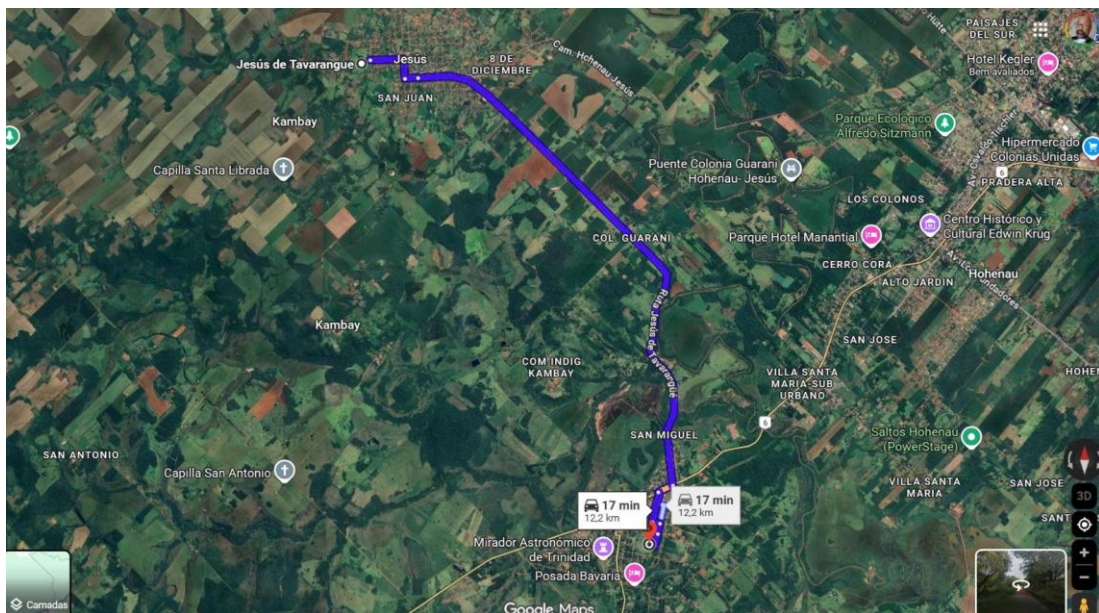
Entendi que aqueles objetos são parte da vida Guarani, não *souvenirs*. Dei-me conta, então, que para os *jurua*²⁹, se tratava tão somente de objetos para colocar em cima de uma mesa ou estante, mas que para os Guaranis formavam parte de sua identidade, eram instrumentos usados em rituais e cerimônias, contendo uma forte

²⁹ Nome atribuído por indígenas às pessoas não-indígenas.

carga de significados.

Finalizando a visita, o guia fez questão de elogiar o trabalho que a Coordenadora Ana Belén vem realizando nos últimos anos, o que resultou na promoção de maior identidade e respeitabilidade à atuação dos guias, o que acaba incentivando que outros(as) jovens, incluindo Guaranis, se interessem por trabalhar nas Missões. Logo após a visitação à Missão e ao *Centro de Turismo Inteligente Avá Retá*, dei início ao primeiro trecho pedalado da cicloexpedição, partindo de Jesús de Tavarangue pela *Ruta* de mesmo nome, com a finalidade de pedalar até a *Missão Jesuítica Guaraní de La Santísima Trinidad de Paraná*, cerca de pouco mais de 12 km depois.

Figura 6 - Mapa do trecho pedalado no dia 08/04
De Jesús de Tavarangue até La Santísima Trinidad de Paraná



Fonte: Elaborado pelo autor utilizando o app Google Maps.

Ao adentrar a área pavimentada do bairro anexo à Missão de *Jesús de Tavarangue*, encontrei uma configuração distrital muito arborizada, limpa e organizada, novamente sentindo a sensação de tranquilidade e de uma vida simples contemplada para a comunidade. As residências não tinham discrepâncias de tamanho e nem ostentação entre si, configuradas em terrenos razoavelmente idênticos, apresentando cercas baixas e, quase que invariavelmente, contavam com quintais e jardins urbanos variados, onde se estendiam carreiras de hortaliças,

diferentes ervas de chá, pequenos arbustos de erva-mate, além de outras frutíferas e árvores mais altas como laranjeiras e mangueiras.

Esta configuração de bairro rural se manteve por quase 4 km até dar vez a uma pista não urbana, praticamente sem acostamento, cujas bordas matizavam campos de pasto gordo para gado leiteiro em pequenas propriedades rurais, onde a agricultura de subsistência e muitas árvores frutíferas, além da erva-mate nativa, indicavam uma lógica particular de território com significado mais profundo, somente quebrada ao chegar nos arredores da Ruta 6, em *Trinidad*, com os ruídos que correspondem a uma via departamental de alto volume de tráfego.

Ao chegar na *Missão de La Santísima Trinidad de Paraná*, a recepção por parte da Sra. Ana Belén Espinoza foi muito cordial e buscou deixar-nos à vontade, porém, como sabia de nosso cronograma, tratou de providenciar um guia nativo para acompanhar-nos na visitação à Missão. Havíamos almoçado rapidamente, então, sobrava pouco mais de uma hora para percorrer o perímetro tombado na companhia do guia e de Ana Belén.

O guia credenciado pela SENATUR³⁰ - *Secretaria Nacional de Turismo del Paraguay* - e selecionado para realizar nosso guiamento foi César, um jovem com pouco mais de 1,50m, do povo Guarani *Mbya*, com quem comentei, para quebrar um pouco o gelo (pois todos estavam um pouco tensos e ansiosos), que o meu sobrenome (*apellido*) era igual ao nome dele, ainda que no meu caso fosse escrito com a letra 'z'. Esta foi a deixa para começarmos uma conversa calma enquanto caminhávamos em direção ao perímetro da Missão.

César nos comentou que, assim que tomou conhecimento, tratou de participar da formação ofertada pela Secretaria Nacional para guiamento nas Missões, porque acreditava que seria uma oportunidade de ter uma receita concreta enquanto se preparava para atuar na profissão de seus sonhos, advocacia.

Alguns passos adiante, antes de começar o guiamento propriamente dito, disse que no tempo dos Jesuítas os Guaranis da região usavam tão somente o nome espiritual, mas que hoje em dia, é comum que utilizem dois nomes: o espiritual e o

³⁰ Para saber mais, ver: Disponível em: <<https://senatur.gov.py/>>, acesso em: 05 jul. 2025.

mestiço³¹, sendo que o nome espiritual é utilizado apenas dentro da comunidade e o nome mestiço, como forma documental.

E, enquanto Sandra adentrava o perímetro da Missão acompanhada da Coordenadora Ana Belén, César se deteve uns segundos e comentou que, tudo bem, poderíamos chamá-lo de César, mas que daquele ponto em diante era a partir do seu nome espiritual que ele nos guiava. Creio que eu não esperava por aquilo. Notei um silêncio profundo nos 5 segundos que se seguiram e eu não sabia, mesmo com o roteiro em mente, o que perguntaria a seguir. Deixei, então, conformado com a forma que fui arrebatado naquele início de condução, que ele tomasse à frente apresentando seu trabalho.

Imagem 12 - Interior *Missão de La Santísima Trinidad de Paraná* - PY



Sandra Schiavi e o guia Guaraní Mbya César - 08/04/2025
Foto: o autor

³¹ Eles consideram o nome não espiritual como sendo mestiço, ou seja, fora de sua cultura e etnia, comumente nomes espanhóis.

Uma das últimas Missões a serem construídas nas proximidades do Rio Paraná, fundada em 1706, *La Santísima Trinidad de Paraná* é, hoje, a maior e uma das mais bem conservadas entre as Missões Jesuítas. No ano de 1993, ambas missões, *Jesús de Tavarangue* e *La Santísima Trinidad de Paraná*, foram declaradas Patrimônio Mundial pela UNESCO.

A imponência da fachada de *La Santísima Trinidad* corresponde ao seu interior, ainda muito bem conservado, com paredes de mais de quatro metros de altura. E sobre a cobertura do vão entre elas, é difícil de se imaginar quando ali havia um teto de madeira. Ao adentrar os espaços ou entrecruzar pelos corredores, voltar a vista atrás e rever cada detalhe, traz uma sensação bastante difícil de ser colocada em palavras, mas não é nada se comparada à imponência da árvore ancestral que transcende o tempo e fica em um dos pátios internos. Ela se lança por sobre toda e qualquer estrutura de pedra, vista de longe ou de perto, é uma presença inteira, completa.

Imagem 13 - Missão Jesuítico Guarani La Santísima Trinidad de Paraná - PY



Foto: Sandra Schiavi (08/04/2025)

Ainda dentro do dia 08/04, apesar da intensidade das atividades que tiveram início na madrugada do mesmo dia ao cruzar de Foz para Ciudad del Este, restavam duas mais. A primeira, se tratava de uma breve reunião com todos os guias Guaranis

e mestiços de ambas Missões visitadas (incluindo Lucas, da comunidade Pindó, que trabalha na *Missão Jesuítica Guarani Cosme y Damián*, distante 146 km dali, ainda que soubéssemos que não a visitaríamos). E a segunda, a título de oferecer uma devolutiva imediata em forma de agradecimento, era uma palestra ministrada por mim sobre Turismo e Topofilia, em um dos salões da parte administrativa de La Santísima Trinidad.

Ao serem perguntados onde gostariam de realizar a primeira e breve reunião comigo, por unanimidade, todos os(as) guias escolheram a *árvore centenária* citada anteriormente. Enquanto uns e outros chegavam para a conversa, perguntei à Sra. Castorina Obregón o motivo de terem escolhido realizar o encontro embaixo da referida árvore. Ela, também Guarani *Mbya*, assistente técnica da SENATUR e liderança da comunidade de Guaviramí, respondeu que aquela árvore tinha um imenso significado para seu povo, porque era lá que ficava, antigamente, a *opy guazú* (casa de reza), onde eram realizados os *ñeemongarai*, cerimônias para nomear as crianças. Então, o motivo da escolha era muito especial.

Imagem 14 - Reunião sob a árvore ancestral



Foto: Sandra Schiavi (08/04/2025)

Conforme chegavam, apresentei os objetivos e alguns dos resultados presumíveis do projeto. A intenção daquele primeiro encontro era realizar um 'quebra-

gelo', reuni-los informalmente em um lugar significativo, tomar uns mates e, em forma de conversa ou troca de ideias, saber um pouco a respeito do Turismo que é realizado junto às Missões. Aos poucos, o grupo foi se soltando enquanto conversávamos se havia alguém de fora de Jesús, além de Lucas, há quanto tempo cada um estava trabalhando na missão, enfim, tentativas de aquecer a conversa, mas logo depois que falavam, voltavam a ficar muito tímidos. Percebi uma figura mais séria entre o grupo de guias, e só fui entender mais tarde que se tratava de um Coordenador enviado pela SENATUR, enviado de Encarnación, para *garantir que tudo sairia de acordo*. Tentei avançar na atividade uns minutos mais, porém, fomos avisados que os minutos que dispúnhamos para tal atividade fora diminuído pela metade.

Os motivos eram logísticos: grande parte dos(as) guias necessitava tomar um transporte coletivo específico e com horário fixo para voltar às suas residências. Além disso, era perceptível que se aproximava chuva e as estradas que levavam às comunidades se tornavam ainda mais precárias com o clima ruim que era esperado.

Passamos, então, ao momento de minha fala sobre Turismo e Topofilia. Após a breve apresentação feita pela Coord. Ana Belén, pedi que o Cacique Benito, da comunidade *Guaviramí*, pai de César, dissesse algumas palavras ou fizesse uma oração de boas-vindas a todos. Ele, então, tomou a frente, fez uma breve oração desejando que todos aproveitassem aquele encontro e que a viagem prosseguisse como planejado e em paz. A Sra. *Castorina Obregon* tratou de traduzir, logo em seguida. Havia, em meio ao público, membros da comunidade *Guaviramí*, representantes desta comunidade que trabalhavam com grupos de mulheres em torno da erva mate, equipes de guiamento e, também, membros da comunidade de Trinidad de diversas áreas, os quais se aproximaram para conversar ao final de minha fala.

Entre os argumentos, o que mais chamou minha atenção foi o de um senhor, beirando os 60 anos de idade, que já havia cruzado de bicicleta, anos atrás, desde o Ushuaia - Argentina até Cartagena de Índias - Colômbia. Ele comentou que a região do entorno das Missões era perfeita para pequenos circuitos de cicloturismo visto que havia, além do patrimônio histórico-arquitetônico, muita presença de patrimônio vivo junto às comunidades Guaranis, as quais protegem, entre outras coisas, o saber ancestral de produzir a erva mate (grupos de mulheres). Segundo ele, estes mesmos grupos estavam, também, guardando as fontes de água limpa e os pontos mais densos do '*monte*' - floresta, além de organizar um banco de sementes nativas

regionais.

Ainda tive a oportunidade de conversar rapidamente, devido ao avançado da hora, com a Coord. Ana Belén. Ela comentou que havia sido muito importante para a equipe a apresentação dos conteúdos que eu havia levado e que, muito possivelmente, em breve, haveria um circuito de guiamento em bicicleta unindo a Missão de *La Santísima Trinidad*, a produção de erva mate nativa e a comunidade *Guaviramí*.

Ainda assim, com toda a fraterna acolhida que recebemos, com toda a disponibilidade de Ana Belén em atender-nos o melhor possível, havia certa tensão no ar, possivelmente em decorrência da presença do Coordenador da SENATUR entre os ouvintes, responsável pela avaliação dos projetos da UNESCO naquelas Missões.

Imagem 15 - Final da palestra sobre Turismo e Topofilia - Trinidad



Foto: smartphone no modo automático (08/04/2025)

Primeiro dia encerrado com êxito. Ir para o hotel, comer alguma coisa quente, ajustar detalhes da bicicleta e descansar para partir no dia seguinte, bem cedo.

3.4.2 Segundo dia da Cicloexpedição – pedalar até Encarnación

Dia 09/04, contemplar uma última vez a fachada de *La Santísima Trinidad de Paraná*, um abraço e uma foto com Ana Belén, e partimos, eu de bicicleta e Sandra

no carro de apoio. Estava consciente de que a trajetória e a agenda de compromissos deveriam estar concatenadas para que tudo fluísse como planejado. Eu sabia, de antemão, que teria que deixar de lado encontros interessantes, algumas localidades seriam vistas muito rapidamente ou abortadas, tendo em vista o escasso tempo de que dispunha.

Mas, para mim, era importante passar por isso. Eu havia me reconectado com aquela região com a mesma intensidade das vezes anteriores, quando fiz cicloturismo nas bordas do rio Paraná. Havia uma aura agradável presente e entendi que, apesar ou além das obrigações de minha pesquisa, estava fazendo exatamente o que me propunha há mais de um ano atrás, quando me candidatei a este Mestrado.

Imagem 16 - Com Sandra e a Coord. Ana Belén Espinoza



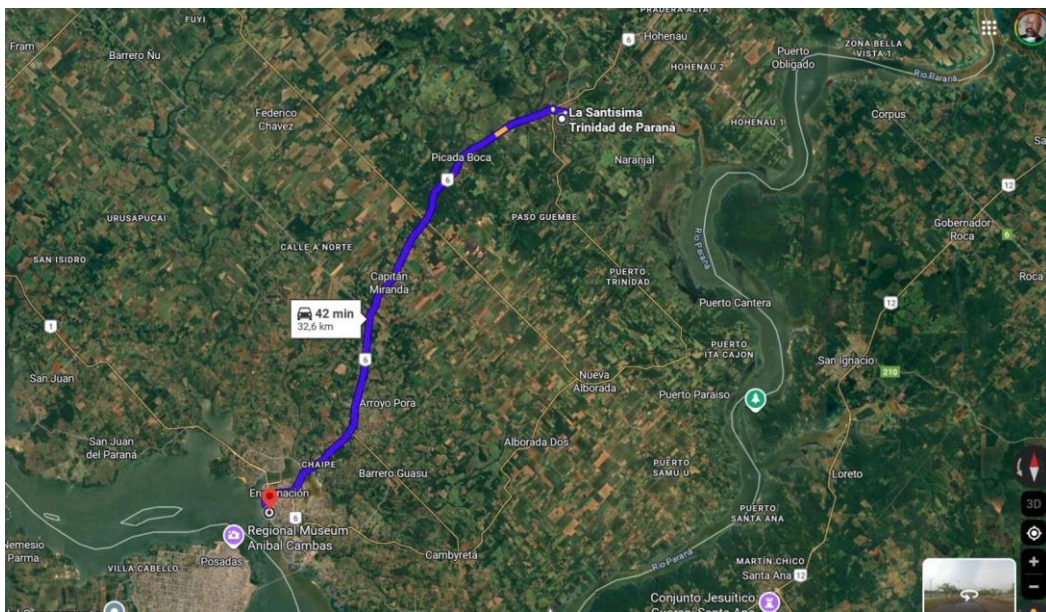
Foto: smartphone no modo automático (09/04/2025)

Deixar para trás aquela paz inteira pesava. Ter que seguir, abrindo mão de mais tempo junto a uma comunidade que trabalha o Turismo para o território da vida (e não o contrário), pesava muito. Até hoje, sigo agradecendo e compreendendo que comecei no lugar certo. Ainda que eu tenha escolhido pedalar sem meus alforjes

(malas de garupa) por conta do carro de apoio de Sandra, minha bicicleta pesava um bocado, como se estivesse presa àquele chão, àquela terra. Primeiro, porque não queria ir-me daquele lugar. Em poucas horas de permanência, algo de tão bom presente naquele território me prendeu à vontade de ficar um pouco mais.

Segundo, por questionar-me, enfim, se eu daria conta de realizar o que me dispunha, afinal, aquela seria a primeira pedalada que eu realizaria após ter sido atropelado, fazendo cicloturismo, há 4 anos atrás, no Brasil. Os traumas físicos e psicológicos povoaram minha mente. Pouco a filosofar, muito a pedalar. Tomei a Ruta PY-06, sentido Encarnación, tendo pouco mais de 40 km para cumprir até a *Playa San José*, um dos principais endereços do Turismo de Massa na capital.

**Figura 7 - Mapa do trecho pedalado no dia 09/04
De La Santísima Trinidad de Paraná - PY a Encarnación - PY**



Fonte: Elaborado pelo autor utilizando o app Google Maps.

A Ruta PY-06 apresentava mais tráfego do que eu supunha, porém, com o acostamento bem asfaltado e largo, aproveitei para fazer uma boa média de velocidade, pois havia presumido algumas paradas técnicas, porém, não tinha ideia do que encontraria pela frente quando chegasse ao entorno de Encarnación.

Flanqueando a rodovia, as pequenas propriedades de agricultura familiar começaram a ser cada vez mais esparsas conforme eu somava quilometragem em direção à capital do Departamento de Itapúa. Muito diferente da estrada entre *Jesús de Tavarangue e La Santísima Trinidad de Paraná*, esta era uma rodovia, com maior intensidade de fluxo de veículos e necessidade de atenção redobrada, ainda que

houvesse melhor disposição de acostamento.

Em lugar das árvores frutíferas abundantes e dos pequenos lotes de erva mate nativa, quase mesclada a uma floresta secundária recorrente entre Jesús e Trinidad, os outdoors comerciais passaram a ser uma companhia visual constante, recortando o que havia de vista e me lembrando que nem tudo é perfeito.

Pouco mais de 16 km depois, a primeira parada se deu na pequena localidade de Capitán Miranda, onde combinei com Sandra que, sem Internet no celular, faríamos o acompanhamento do carro de apoio no modo 'visual'. Este trecho não apresentava atributos cênicos ou culturais de destaque, ao contrário, demonstrava presença visível de atividade agrícola de monocultura em expansão, tendo em vista os tipos e variedades de implementos que se encontravam à borda da rodovia.

Imagem 17 - Pesquisador junto ao pórtico de Capitán Miranda



Foto: Sandra Schiavi (09/04/2025)

Das estruturas de hospedagem, não mais que três bastante pequenas e humildes, um camping fechado há poucos metros da rodovia e algumas cabanas seguindo a moda dos alugueis de temporada. Sobre comunidades Guaranis no local, apenas uma aparecia no aplicativo de georreferenciamento e em uma placa quase

caída na beira da estrada. Se tratava de uma comunidade bem distante daquela rodovia, já próxima à barranca do rio Paraná, nas imediações do Complexo Ecológico Museu da Árvore. Fora estes detalhes, *Capitán Miranda* não nos chamou a atenção.

Quanto mais avançava em direção à capital, mais tráfego tomava conta da rodovia e, por vezes, do acostamento, me obrigando a redobrar a atenção. As pontes, que antes continham acostamentos largos e seguros, com *guardrails*³² altos e rígidos, passaram a dar mais espaço para os veículos, colocando pedestres e bicicletas em corredores estreitos mal cuidados, com *guardrails* baixos e instáveis, além de dar a sensação de que a manutenção há muito não era feita.

Além destes detalhes, há um em especial que sempre considerei com respeito: tenho pânico de altura. Então, nestas situações de ter que passar pedalando pela borda externa das pontes, sem qualquer estrutura de segurança, por vezes com falhas entre as placas no piso, foi um desafio a mais. Lembrando que, estas questões de infraestrutura e segurança viária completa, incluindo sinalização vertical e horizontal, fazem parte da hospitalidade de uma cidade. E não dispor destes aparatos dá a sensação de hostilidade.

Imagem 18 - Pesquisador em Playa San José - Encarnación - PY



Foto: Sandra Schiavi (09/04/2025)

Finalmente na capital do Departamento de Itapúa, *Encarnación* (distante 370

³² Barreiras físicas colocadas à borda das estradas a fim de que os veículos, ao colidir não tenham maiores prejuízos, como cair em abismos, rios etc.

km de *Asunción*, capital do país), a pedalada do dia se encerra, mas não os compromissos, que comentarei a seguir. Apenas para citar, a *Playa San José* é a praia do Rio Paraná mais central, popular e conhecida da capital, contando com infraestrutura completa de salva-vidas, banheiros, quiosques, além de uma oferta de hospedagem e gastronomia ampla e diversa. As demais praias, como as de *Mbói Ka'e* (um pouco mais afastada do centro da capital) e *Pacu Cuá*, ambas com boa balneabilidade, são calmas e com vista para o entardecer.

Porém, imagina-se, facilmente, como devem ficar estas praias na temporada alta de verão. Infelizmente, por questões relativas ao pouco tempo disponível para cumprir tantas atividades, foi excluída a visita à *Missão Jesuítica Guaraní San Cosme y Damián*³³ (de 1632), distante 87,4 km de *Encarnación*, o que nos custaria, em trajeto de ida e volta, em torno de quatro horas, comprometendo absolutamente a consecução do último compromisso do dia, que também já estava agendado.

Esta Missão citada é muito especial por vários motivos, porém, dois chamaram a atenção. O primeiro, porque se trata da única missão jesuítica que ainda é celebrada missa na igreja original, até os dias atuais. E o segundo, é o fato de que, desde 1703, com a chegada à missão do padre jesuíta Boaventura Suárez, se promove o estudo astronômico, muito especialmente por meio de um telescópio construído por Guaranis sob sua supervisão.

Apesar de ser um aparelho rudimentar, funcionava plenamente. Atualmente, tem espaço ali o *Centro de Interpretação Astronômica Buenaventura Suárez*³⁴, onde os visitantes têm condições de conhecer como os Guaranis interpretam o céu desde sua cosmovisão. Dando sequência, para seguir desde *Playa San José à Posadas* – capital da *Província de Misiones* – Argentina, é necessário cruzar a Ponte Internacional *San Roque González de Santa Cruz*, o que se trata de um feito porque, dependendo do horário, as filas de veículos são intermináveis e a travessia, de pouco mais de 3 km, pode levar até 5 horas.

Após intermináveis buscas em plataformas dos dois países, não foi encontrada informação sobre a possibilidade e condições para cruzar a ponte de bicicleta, o que

³³ Para saber mais, ver: Disponível em: <<https://www.caminodelosjesuitas.com/attractivo-turistico/mision-de-san-cosme-y-san-damian/>>, acesso em: 08 out. 2025.

³⁴ Para saber mais, ver: <<https://visitparaguay.travel/places/centro-de-interpretacion-astronomica-o-planetario-buenaventura-suarez>> .

indica que não se cogita que o cicloturismo possa ser uma forma ideal de realizar turismo nesta região.

Com a bicicleta dentro do carro, comendo umas *chipas* de última hora e contando com um pouco de sorte, cruzamos rapidamente pela imigração e alcançamos a hospedagem contratada já no meio da tarde.

Imagem 19 - Pesquisador palestrando na UNAM



Curso de Turismo - Universidad Nacional de Misiones
UNAM - Posadas - Argentina - 09/04/2025
Foto: Sandra Schiavi

Um par de horas depois, ainda no dia 09/04, encontramos a professora do Curso Superior em Turismo, *Claudia Wrobel*, Coordenadora do Projeto de Extensão *Ñeé de Turismo da Universidad Nacional de Misiones (UNAM)*, que analisa questões alusivas ao Turismo Comunitário e ao Turismo Comunitário Indígena Guarani. A professora Claudia nos conduziu até o auditório onde seria realizada a palestra para docentes e estudantes do curso superior em Gestão do Turismo e, também, para alunos(as) do curso superior de Guia de Turismo Nacional.

Uma espetacular audiência de mais de 80 estudantes (sem lista de chamada) ocupava quase todos os lugares do auditório e me deu a chance de expor minhas inferências sobre o tema. Tomei conhecimento, informalmente, com professores do

colegiado de curso, que uma grande parte destes(as) estudantes têm interesse em aprofundar seus estudos em Turismo Comunitário, Turismo Comunitário Indígena e em Turismo Cultural, principalmente no que se refere à possibilidade de qualificar o grau de hospitalidade³⁵ das empresas regionais de Turismo, atuais e futuras e, assim, aumentar a atratividade com consciência e responsabilidade.

Imagem 20 - Final da palestra sobre Turismo e Topofilia - UNAM



Curso de Turismo - Universidad Nacional de Misiones
(UNAM) - Posadas - Argentina - 09/04/2025
Foto: Smartphone no modo automático

Levamos um pouco mais de uma hora de atividade entre minha explanação e as perguntas da audiência, tanto por parte de estudantes quanto de docentes. Uma parte das questões estavam voltadas à trajetória percorrida em bicicleta, porém, a melhor parte delas estava dirigida à compreensão sobre a relação entre Topofilia e Turismo, por ser uma abordagem que não haviam conhecido até o momento.

Percebi que o interesse dos(as) estudantes estava muito em sintonia com o que tem sido realizado pelo INAI – *Instituto Nacional de Asuntos Indígenas*³⁶, com o reconhecimento da ocupação ancestral de territórios Guaranis e que “*no solo implica la ubicación geográfica, sino que abarca una visión integral de la cultura, las*

³⁵ Capacidade a ser treinada e desenvolvida para ser mais hospitaleiro. Para mais ver: Camargo (2004), nas referências deste estudo.

³⁶ Para saber mais, ver: <

tradiciones y la relación de las comunidades con su entorno”, em declaração do *Ministerio del Agro y la Producción de Misiones*, em maio de 2024.

Tal declaração, se for levada a cabo, sinaliza também para o Turismo Comunitário e Turismo Comunitário Indígena oportunidades de valorização e atratividade há muito sendo esperadas pelo setor, colocando em primeira linha a cosmovisão Guarani, seus valores, cultura e luta.

Depois de uma excelente refeição acompanhados de colegas professoras do Curso de Turismo da UNAM, fomos preparar o próximo dia e, finalmente, descansar.

3.4.3 Terceiro dia da cicloexpedição - pedalar até as Missões Jesuíticas Guaranis de Misiones - Argentina

O dia 10/04 chegou com ‘cara de poucos amigos’, céu nublado, porém, com muito calor. Deixamos a hospedagem e fomos até o ponto de partida deste dia, junto ao Monumento ao *caudilho guarani misionero Comandante Andresito Guazurari* ou *Guacurari y Artigas*, um dos mais fiéis colaboradores do general da Banda Oriental (atual Uruguaia), *José Gervásio Artigas*, que o apadrinhou e adotou como filho, permitindo-o assinar Andrés Artigas³⁷. Andresito chegou a ser Governador de Corrientes e Misiones, feito reconhecido e homenageado pela lei 27.117, sancionada em dezembro de 2014, como o único governador indígena da história da Argentina.

Mas, por que este lugar? Por que começar a pedalada do dia aqui? Acredito que são vários os fatores que me levaram a tomar esta decisão. Sou gaúcho, natural de Pelotas, berço cultural do *Sul* mais próximo do que foi, um dia, a Banda Oriental. Trago em mim uma vivência forte em torno da musicalidade pampeana e, por conta disso, muito latinoamericanizada. Minha infância foi coroada por uma presença uruguaia e argentina muito forte, onde as estórias e histórias se confundiam nos relatos de gente querida e nas letras das canções que eu tocava ao violão desde muito jovem, como ‘*Los ejes de mi carreta*’³⁸, do imortal compositor e cantautor Atahualpa Yupanqui³⁹, considerado o *pai* do folclore argentino, e que aprendi a apreciar também com meu avô, mestiço de toda sorte.

³⁷ Para saber mais, ler: ‘Os Gaúchos e a geopolítica na Bacia do Prata’, de Santos Filho (2022), nas referências deste trabalho.

³⁸ Tradução livre: ‘os eixos da minha carroça’, num contexto rural do Sul do Brasil.

³⁹ Pseudônimo de Héctor Roberto Chavero, em homenagem ao último imperador inca.

Entre tantos heróis e outros personagens de minha infância, estava Andresito Guacurari, para mim configurando de forma honorável como um dos membros da *Liga de los Pueblos Libres*, confederação de províncias e outros territórios rioplatenses criada e liderada pelo General Artigas, entre 1814 e 1820, em oposição, entre tantos aspectos, aos interesses centralistas de Buenos Aires, defendendo um modelo federal com autonomia provincial e soberania popular.

Já voltando a atenção para Posadas, no quesito infraestrutura turística está muito bem equipada com centros públicos de lazer, museus e praias muito bem cuidados, inclusive com campings abertos durante todo o ano. Entre as praias de Posadas, se pode citar *Playa El Brete* (mais famosa e dentro de uma zona residencial) e *Costa Sur* (ideal para esportes aquáticos). Na temporada de verão, ambas são alvo do Turismo de Massa a 'todo vapor'.

Imagem 21 - Pesquisador junto ao Monumento a Andresito Guacurari



Costanera Posadas - Misiones – Argentina
Foto: Sandra Schiavi (10/04/2025)

Aparentemente, a cidade em si demonstra ser bem organizada e limpa (pelo menos naqueles espaços feitos *para o turista*), e foi muito perceptível a presença de

bicicletas ocupando as ciclovias, ciclorrotas, parques, praças e outros espaços livres. Isto pode ser um indício de que a comunidade é suscetível a receber cicloviantes por ter forte presença das bicicletas em seu cotidiano e, também, por ser um caminho considerado por cicloturistas para cruzar entre estes países.

Porém, o que vimos foi tão somente os espaços urbanos nobres próximos à Costanera e aqueles destinados ao Turismo, nos quais também se pode perceber um forte higienismo social. A pergunta que permanece é: como estarão esses espaços e qual o comportamento da comunidade e dos turistas em plena temporada de verão? Que aspectos de Turismo de Massa serão mais evidentes?

Imagem 22 - Pesquisador pela RN12 em direção a Santa Ana



Distrito de Candelária - Ruta Nacional 12 - Misiones - Argentina
Foto: Sandra Schiavi (10/04/2025)

Com uma diferença de 15 minutos entre nossas partidas, Sandra e eu combinamos de manter esta frequência de alternância de dianteira. Sendo assim, ora ela se distanciava por 15 minutos à frente, ora eu ia adiante pelo mesmo período de tempo. Assim, compreendemos que seria a melhor forma para garantir a segurança de ambos em caso de necessidade.

Utilizando a farta oferta de *ciclo estruturas*, entre os espaços públicos de lazer que cobrem a orla de Posadas, segui com a intenção de dirigir-me ao *Jardim Botânico Alberto Roth* e ao entroncamento entre a Costanera e a RN 12, observando a constante calma do Rio Paraná e do *Arroyo Zaimán*. Ainda assim, confesso que sair pedalando de qualquer cidade de médio e grande porte é um exercício de atenção e de paciência para cicloviantes. Por todos os lados, algo está vindo em sua direção, e quase todas estas ‘coisas’ são grandes, estão em alta velocidade e são, digamos, muito pesadas.

Então, ainda que eu estivesse curtindo a pedalada e a observação do entorno, todos os meus sentidos estavam focados na manutenção da minha integridade física e presença no generoso acostamento.

Imagem 23 - Pela via de barro até a entrada da Missão de Santa Ana



Santa Ana - Misiones - Argentina
Foto: Sandra Schiavi (10/04/2025)

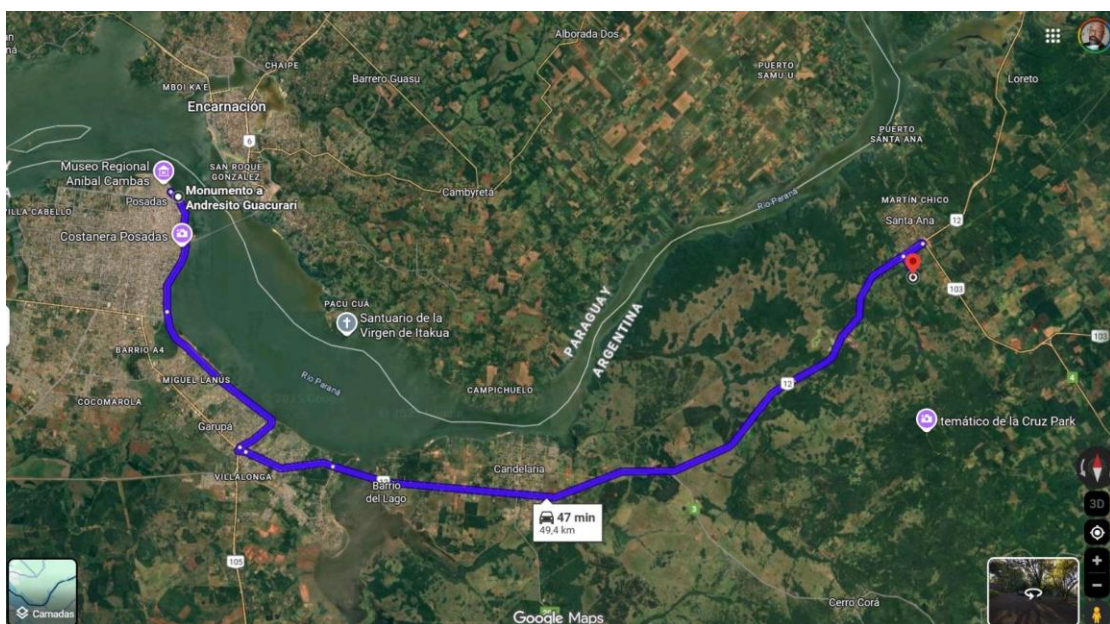
Além disso, há que se relatar sinalização inexistente, vandalizada ou em conflito com os aplicativos, o que gera um risco a mais para quem viaja pedalando. Nas grandes cidades, todo veículo maior que uma bicicleta é um risco em potencial, ainda que eu esteja fazendo tudo certo. Ironicamente, percebe-se que muitas pessoas estão dirigindo velozmente para onde confluem a maioria dos outros veículos. Então, estar pedalando em na saída viária de uma cidade de médio ou grande porte nestas condições não é muito convidativo.

Posadas não é diferente. Sorte que dispõe de uma malha viária com acostamentos largos, ainda que com sinalização insuficiente, motivo pelo qual, embora o grande volume de tráfego àquelas horas da manhã proporcionou que alcançássemos a Ruta Nacional 12 com certa tranquilidade, via distrito de *Garupá*.

Daí, sem perder mais nenhum minuto, segui em direção a Santa Ana. O trecho de 50 km flui para quem pedala, devido à excelência do largo acostamento e asfaltamento impecável, ainda que atravessasse por uma região metropolitana bastante movimentada junto a *Candelaria*. O fluxo de carros e caminhões de serviço toma conta da marginal e da via principal, acompanhados de seus ruídos característicos. Aos poucos, ao sair da área urbana de *Candelaria*, já nos arredores do bairro *San Cayetano*, tudo vai se acalmando.

Figura 8 - Mapa do trecho pedalado no dia 10/04

Desde Monumento a Andresito - Posadas a Missão Jesuítica Guarani de Santa Ana



Fonte: Elaborado pelo autor utilizando o app Google Maps.

Porém, algo se faz notar, infelizmente. Seguindo por um pouco mais de 32 km, dos dois lados da rodovia a paisagem é composta por gigantescas áreas de reflorestamento de eucalipto. Nada de riachos, animais silvestres e, por sorte, ainda consegui avistar algumas poucas aves.

Nenhum atrativo natural ou cultural que contivesse, em si, alguma atratividade. Nenhum meio de hospedagem a servir de apoio para quem está pedalando por este trecho. Nada, por lógica, de comunidades ou assentamentos indígenas. Enfim, o que se verifica é que por toda essa quilometragem, impera a monotonia da monocultura que, numa velocidade superior a 100 km/h, os condutores dos veículos não a percebem. Esta mudança drástica perdura por poucos minutos, para as pessoas que estão em veículos, até alcançar o entorno de Santa Ana.

De bicicleta, morosamente, se nota tudo, e o *nada*, também. De súbito, um forte cheiro à madeira queimada e um ruído de máquinas tomou conta da borda do acostamento da Ruta Nacional 12 (RN 12), logo quando eu estava passando ao lado de uma fábrica de erva-mate⁴⁰. Nem mesmo o aceno gentil de um funcionário da fábrica, sem nenhum EPI⁴¹, e dando sinais de cansaço às 15h, apagou aquele impacto.

O gigantesco *outdoor* da marca de erva-mate, produzida em escala, nem permitiu que eu visse a tímida e única placa de sinalização indicando a entrada de acesso para a Missão Jesuítica, logo antes de um trevo em péssimas condições viárias. Isto fez com que eu tomasse uma estrada mal conservada de barro (como se vê na Imagem 24), voltando por, aproximadamente, 1 km, até encontrar a via asfáltica que leva, efetivamente, à *Missão Jesuítica Guarani de Santa Ana*, 1,5 km adiante. O que se percebe, então, é que o acesso a esta importante via e ao patrimônio histórico ficou interrompido pela duplicação da Ruta Nacional 12 e nada mais a respeito foi feito. Parece que não importa ou, se importa, importa menos.

Nuestra Señora de Santa Ana, fundada inicialmente em 1633 na Província do *Tape* (que hoje corresponde a uma grande parte do território do Rio Grande do Sul), foi transferida para a Argentina em 1637, ocupando a atual localização na Província de Misiones, em 1660, até a expulsão dos jesuítas em 1767⁴².

⁴⁰ CBSé - Para saber mais, ver: Disponível em <<https://tiendacbse.com.ar/>>, acesso em 09 out, 2025.

⁴¹ Equipamento de Proteção Individual.

⁴² Para saber mais, ver: <**GISSOS, Martín**. Sobre a periferia: os arrabaldes das Missões Jesuítico-

Um pequeno centro de visitantes guarda, de maneira bastante humilde, a entrada do sítio declarado Patrimônio Cultural Mundial pela UNESCO, em 1983/1984, junto a outras Missões Jesuíticas Guaranis como *San Ignacio Miní*, *Santa Ana*, *Nuestra Señora de Loreto* e *Santa María La Mayor*, na Argentina, e, já em terras do Rio Grande do Sul, no Brasil, São Miguel das Missões, todas inseridas no mesmo processo⁴³.

Nenhum totem de informação na entrada, além da placa de Monumento Histórico Nacional. Não havia recepcionistas, guardas ou alguém que pudesse dar alguma informação. Quiçá, nos finais de semana e nas férias estudantis, haja alguma demanda de visitantes. Aqui, senti o contrário da sensação que tive nas missões paraguaias. Não havia sinal de operadores turísticos com suas vans e, claramente, tive a sensação de abandono do ente público ou comunitário. Parecia que ninguém se importava.

Imagem 24 - Pesquisador na entrada da Missão Jesuítica Guarani de Santa Ana



Santa Ana - Misiones - Argentina
Foto: Sandra Schiavi (10/04/2025)

Guarani. Tradução de Jorge Eremites de Oliveira. **Fronteiras: Revista de História UFMS**, Campo Grande, MS, v. 2, n. 4, p. 251-274, jul./dez. 1998. Disponível em: <<https://share.google/2XeQ23DXgXIEslb02>> , acesso em 12 nov. 2025.

⁴³ Para saber mais, ver: IPHAN - Missões Jesuíticas, no Brasil, Ruínas de São Miguel das Missões: Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/39>>, acesso em 11 nov. 2025.

A chegada na Missão de Santa Ana se deu em um horário que permitiria a visita. Porém, se fosse o caso de realizá-la, comprometeria que passássemos pelas demais missões e conseguíssemos chegar em San Ignacio antes do entardecer. Havia que tomar uma decisão e, às vezes, no cicloturismo, é o caminho que diz como ele quer ser percorrido. Não havia, além da própria missão, outro atrativo de cunho natural ou cultural que instigasse a possibilidade de visita ou contemplação. Decisão tomada e havia, sim, que seguir, para dar por completo o roteiro do dia, tendo em vista que as *Missões de Santa Ana e Loreto* estão bastante deterioradas em relação àquelas que visitamos no Paraguai, necessitando, em vários espaços, de palanques de madeira para manter de pé algumas paredes.

Ainda sobre Santa Ana, o distrito homônimo conta com pouco mais de 4 hospedagens dispersas, atuando no sistema de aluguéis de temporada, e nada além de duas pequenas praias com enseadas para barcos pequenos e lanchas. Além da modalidade de camping selvagem (quando se acampa sem nenhuma estrutura logística), não aparentou haver possibilidade de hospedagem nas proximidades da missão.

Imagem 25 - Interior da Missão Jesuítico Guarani de Santa Ana



Santa Ana - Misiones - Argentina

Foto: acervo pessoal do autor (Jan - 2005)

Imagens 26 e 27 - Interior das Missões Jesuíticas Guarani de Santa Ana e Loreto



Santa Ana e Loreto - Misiones - Argentina

Foto: acervo pessoal do autor (Jan - 2005)

Como disse anteriormente, o território que estava percorrendo naquele momento estava repleto de reflorestamento, o que faz com que a paisagem seja monótona e não promova o encontro de outras formas de vida menos controversas e conflitantes. Como nossa passagem por Santa Ana e Loreto não permitiu visitação às Missões, recorri a três fotos relativas ao seu interior (Imagens 25, 26 e 27), originadas de meu acervo pessoal, criado a partir das ciclovagens realizadas anteriormente (no ano de 2005), as quais citei no item *1.3 Justificativa*. Como se pode ver nestas poucas imagens, parte do que havia de prédios foi tombado pelo tempo, por intempéries e talvez por outros motivos menos naturais. Pelo que percebi, em levantamento anterior, além da Missão Jesuítica Guarani, não haviam outros motivos para permanecer mais tempo no entorno de Santa Ana, então, segui pedalando debaixo de muito sol e calor convergente do asfalto.

Retomando à Ruta Nacional 12, pouco mais de 5km depois de deixar Santa Ana, há uma sinalização confusa que leva a uma conversão mais confusa ainda, à direita, a fim de se tomar a estrada que leva à *Unidade Penal de Loreto*, que é a mesma que leva ao distrito de Loreto. A estrada é asfaltada e conta com uma ciclovia bem cuidada na borda direita, algo que me surpreendeu a este ponto. Parece ser uma ciclovia de trabalho, interligando a unidade penal ao vilarejo mais próximo à missão, porque compreendo que se for por motivações turísticas, pode-se dizer que, objetivamente, a mesma *liga nada a lugar nenhum*.

Os próximos cinco quilômetros em direção à missão transcorrem pela mesma estrada que, agora, beira uma mata secundária, salpicada de diminutas propriedades de militares (gendarmes)⁴⁴ e, outras, que se imagina fossem casas de trabalhadores das papeleiras regionais (indústrias de papel e celulose). A citada mata secundária não se estende por mais que 2 km, pois em volta de tudo está o reflorestamento de eucalipto. Ainda sob a pressão do horário e do trajeto restante a ser cumprido pedalando, resolvi que não visitaria o interior daquela Missão, porque entendi que a observação que estava fazendo dela, vazia e mal cuidada, resultaria nos dados que queria obter.

Queria, sim, colocá-las no percurso da cicloexpedição a fim de enaltecer sua presença e a diferenciação, se houvesse, entre todas elas, no sentido de volume de público, além de comportamentos que levassem a considerar, ou não, que pertenciam à tipologia Turismo de Massa. A noção que se teve é que a *Missão Jesuítica Guarani Nuestra Señora de Loreto*, assim como a de Santa Ana, estava precarizada pelo tempo e pelo abandono.

O diminuto povoado, em seu entorno, que se debruça em grande parte sobre a *calle de Los Abuelos*⁴⁵ estava adormecido para muito além da *siesta*, ainda que contenha a *Reserva de Biodiversidad Chakra Awka* e um pequeno santuário de devoção sincrética ao *Gauchito Gil*⁴⁶, idêntico àqueles que se encontram, facilmente, por sobre as bordas das rodovias de grande parte do país.

⁴⁴ Membros da *Gendarmeria Nacional Argentina*, uma força de segurança federal com organização, treinamento e disciplina militar. Atuam como uma força policial militarizada.

⁴⁵ Rua dos avós (tradução livre), mas que pode referir-se à forma nobre e carinhosa como são tratados os anciãos em comunidades mestiças.

⁴⁶ Para saber mais, ver: ARAUJO, Danielle; MARTINS, José Renato. Gauchito Gil - el santo rojo. *Plural: Antropologías desde América Latina y del Caribe*, Buenos Aires, Argentina, ano 2, n. 3, p. 303-311, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://asociacionlatinoamericanadeantropologia.net/revistas/index.php/plural/article/view/93>.

Imagem 28 - Mural em frente à Missão Jesuítica Guarani de Loreto



Loreto - Misiones - Argentina

Foto: Sandra Schiavi (10/04/2025)

O correr das horas me fez correr mais ainda com a bicicleta, ‘voando’ pouco responsabilmente pela estrada de barro e pedras de nome sugestivo, citado há pouco. A *calle de Los Abuelos* era o limite entre algumas quadras de residências e a área de reflorestamento, parecendo ser esta a única opção de trabalho nos arredores, além da Unidade Penal. Após sair da *calle de Los Abuelos*, passei a girar os pedais com pressa. Mesmo assim, ainda foi possível verificar algumas hospedagens no estilo ‘aluguel de temporada’, nos dois flancos da Ruta 12, bem junto ao *Rio/Arroyo Yabebyry*. Vi, rapidamente, espaços como *Arandu Ñandejara*, *Cabaña El Comandante*, *Mi lugar* (cabaña misionera), *La morada del rio*, entre outros, os quais são vistos desde a rodovia e no Google Maps, ainda que poucos deles apareçam nos mecanismos de busca. A sensação que tive foi que havia ali um estado de ‘depressão’ alcançando tudo ao redor e que eu não entendia, ao certo, se também não havia certa convivência ou conveniência de fazer de tudo para manter ‘*tudo*’ como está.

Imagem 29 - Santuário a El Gauchito Gil



Loreto - Misiones - Argentina

Foto: Sandra Schiavi (10/04/2025)

Vale explicar que quando, porém, estas hospedagens alternativas fora dos sítios urbanos surgem nos mecanismos de busca, acabam por oferecer valores muito acima dos praticados na cidade, como se pode ver, a seguir, na *Imagem 30*.

Como se observa na imagem citada, logo abaixo do nome do estabelecimento, a menção '*Gerenciado por um anfitrião (pessoa física)*' significa que se trata de arrendatário ou de uma pessoa contratada para fazer a gestão pelo proprietário e, portanto, não se reconhece como Pessoa Jurídica, não incidindo em impostos específicos (tributação) de meios de hospedagem.

Como estão distantes do centro urbano, negócios turísticos como estes acabam por ofertar o serviço conhecido como '*all inclusive*', incluindo as refeições e parte das bebidas (água e refrigerante, porque as outras são cobradas a preços altíssimos) na diária, o que faz com que o hóspede não tenha motivos para sair do empreendimento e interagir com a comunidade do entorno.

Sendo assim, empreendimentos com estas características possivelmente venham a lesar a comunidade do entorno por não gerar tributação, nem mesmo sobre serviços e, ainda, por não possibilitar que a receita por meio do Turismo seja equalizada na comunidade.

Normalmente, são operados pelos gestores contratados que vivem na propriedade e contratam, para realizar o trabalho pesado, mão de obra barata das populações que vivem no entorno, quase como uma 'nova escravidão moderna'. Neste caso, não será considerado Turismo de Massa, caso se observe tão somente o volume ou número de hóspedes, porém, quando se tem em mente que o comportamento da oferta acaba por afetar de maneira topofóbica, direta ou indiretamente, às comunidades, daí sim, pode ser entendido como tal, pois se trata de um comportamento exclusivista, individualista e que acumula os benefícios das receitas deste Turismo nas mesmas mãos.

Encerrando a pedalada e o dia, chegamos a San Ignacio, uma pequena cidade que cresceu ao redor da *Missão Jesuítica Guaraní de San Ignacio*, declarada Patrimônio Mundial pela UNESCO, em conjunto com outras Missões em 1984, como dito anteriormente. Buscamos hospedar-nos numa pousada junto à rua principal, bastante central, cujo arrendatário nos recebeu com extrema hospitalidade, ainda que não tenha dado consentimento para ser citado neste trabalho.

Imagem 30 - Aluguel de Temporada - Loreto - Misiones – Argentina



Fonte: o autor - App Booking - print de tela - 30/11/2025

Faltava tomar um banho rápido e seguir para a apresentação de 'Som e Luz' das Ruínas de San Ignacio. Depois de uma longa jornada, todo viajante, seja turista ou não, espera encontrar, além de uma boa hospedagem, serviços que consigam condizer com as expectativas.

Em locais onde o Turismo de Massa se instala, isto é parte da decepção, porque raramente as coisas funcionam, justamente pelo esgotamento dos recursos, falta de manutenção, *over* nas atrações, precarização das leis do trabalho, entre outros aspectos que já citei.

Imagem 31 - Na fila para o espetáculo de Som e Luz

San Ignacio - Misiones - Argentina

Foto: o autor (10/04/2025)

Sáímos rapidamente para garantir os ingressos, porque o guarda da portaria da Missão nos havia informado que era necessário chegar bem cedo para garantir vagas.

Mesmo com a fome de quem estava na estrada o dia todo pedalando, fomos os terceiros a chegar, exatamente no horário indicado pelo guarda da portaria. Estava frio para o dia 10/04. Ficamos mais de 1 hora aguardando na rua e no relento. Até que, surpreendentemente, chega uma van de uma operadora de Turismo, desce um grupo de pessoas, abre-se o portão para elas e o mesmo guarda da portaria que nos atendeu diz aos que estavam esperando que a sessão daquele dia seria dirigida apenas a operadores e agentes de Turismo.

Imagine-se a revolta de todos, fato este que durou em torno de 15 minutos, quando eis que volta o referido guarda, com uma feição de pouco caso, dizendo que poderíamos passar.

Imagem 32 - Fragmento da projeção do espetáculo de Som e Luz



Ruínas de San Ignacio - Misiones - Argentina

Foto: Sandra Schiavi (10/04/2025)

Porém, mais tarde nos demos conta de que o ingresso, que em dias normais custaria algo em torno de R\$45,00 por pessoa, nos foi cobrado em dólar o equivalente a R\$300,00 para Sandra e eu. Já bastante decepcionados, nos sentindo lesados de várias formas, sendo tratados como partes de uma ordem de serviço, como marionetes do sistema, acatamos conscientemente, mais uma vez, o desrespeito, permanecendo mais meia hora, em pé e no frio.

Até que o funcionário que iria conduzir o grupo de 40 pessoas em que estávamos chega sem dar boa noite nem nada, de posse de uma lanterna simples e informa: *'quando eu acender a luz, fiquem até onde o fecho de luz ilumina. Quando eu apagar, me sigam'*. E eis que o grupo, em grande medida formado por pessoas com mais idade que nós, tenta proceder de acordo com a 'ordem', contando com a

sorte do caminho que cada um escolhia. À noite, farejando hipnotizados o fecho de luz ínfimo que nos conduzia, tropeçando por entre o pasto e as canaletas que tomavam conta do entorno dos prédios, o grupo tentava, trôpego, se locomover e se postar de acordo com o que ordenava o nada gentil prestador de serviço.

Imagem 33 - Fachada do centro de visitantes



Ruínas de San Ignacio - Misiones - Argentina

Foto: o autor (10/04/2025)

Tem início a projeção de imagens nos troncos das árvores ou nas colunas de borrifos de água a uma certa distância do grupo a fim de que todos tivessem a visão da cena completa. E o que se vê? Uma experiência constrangedora, para quem tem o mínimo de criticidade, ver e ouvir algo feito ao estilo ‘*Pocahontas*’ da Disney, contando uma versão de história maquiada, infantilizada e fetichizada sobre os Guaranis, onde os jesuítas são apresentados como aqueles que ‘trouxeram a cultura’ e se transformaram nos salvadores dos indígenas. Note-se que esta é, possivelmente, a missão jesuítica Guarani que mais recebe visitantes em toda a província de Misiones⁴⁷. Fico a imaginar qual será a mensagem que os visitantes levam para suas vidas.

Quarenta e cinco minutos depois de muito desconforto, o mesmo condutor

⁴⁷ Para saber mais, ver: <<https://economis.com.ar/misiones-cierra-2025-con-mas-de-dos-millones-de-turistas/>>, acesso em: 10 jan. 2026.

nada educado ou gentil, e agora apressado, indica a suposta saída movendo a lanterna aceleradamente (o que mais lembrava uma discoteca com luz estroboscópica) e todos saem, como podem, por um portão, a caminho do que, aos poucos, vai se entendendo como o acesso iluminado da rua de comércio, lógico, logo atrás do parque das ruínas. A tal saída dá direto para uma praça de artesanato ou vice-versa, porque se nota que a tônica é consumir e deixar o máximo de dinheiro no menor tempo possível. Mais uma vez, a presença do Turismo de Massa, silenciosa e insidiosamente onde menos se espera. Seguimos, finalmente, buscando algo para comer, sendo assediados a comprar artesanato fetichista e nada autêntico, até conseguir chegar de volta ao hotel e nos preparar para a manhã seguinte.

Havia, ainda, a possibilidade de visitar a *Misión Jesuítica de Corpus Christi*, onde opera o *ITEP - Instituto Tecnológico Provincial* e realizar uma palestra presencial para os alunos do Curso Superior de Gestão em Turismo. Porém, houve uma paralisação nos transportes, em todo país, e tivemos que trocar por uma palestra virtual, sendo ministrada dias depois.

Imagem 34 - Neblina forte complica a visão



Ruas de San Ignacio - Misiones - Argentina

Foto: Sandra Schiavi (11/04/2025)

3.4.4 Quarto dia da cicloexpedição - buscando o Tekoá Yacutinga

Manhã seguinte, o que esperar? Chuva forte durante a noite, neblina mais forte ainda logo de manhã cedo, como se percebe na *Imagem 34*. O dia 11/04, em San Ignacio, começou com alguns desafios, mas havia que seguir. Nos retardamos, ao máximo possível, no café da manhã, quase que numa cerimônia para aquecer a água para o mate com o intuito de que se movesse a massa de umidade que tomava conta do entorno da cidade e, possivelmente, de boa parte do caminho a percorrer.

Imagens 35 e 36 - Neblina forte complica a visão



Pesquisador se afastando de San Ignacio - Misiones - Argentina

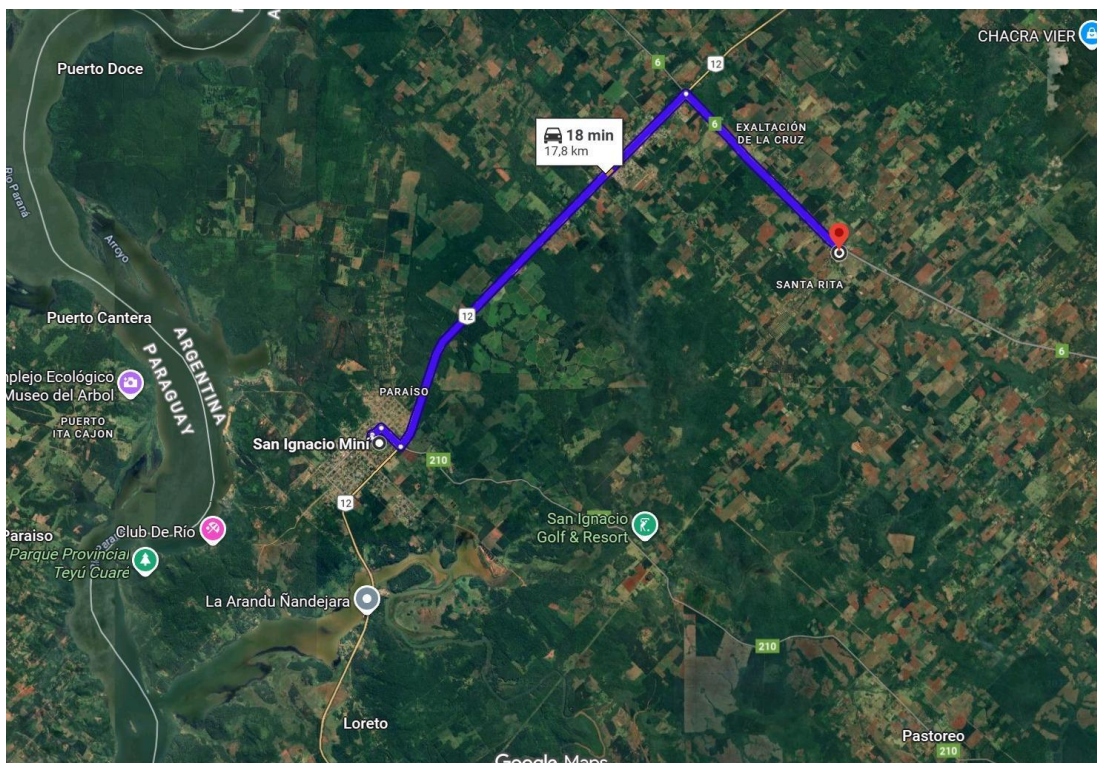
Foto: Sandra Schiavi (11/04/2025)

No traçado urbano, a visibilidade alcançava em torno de 50m, porém, havia um agravante: eu utilizo óculos multifocais para miopia e hipermetropia, com grau alto, o que me obriga a usá-los para tudo o dia todo e, com a neblina, estava ainda mais difícil de enxergar porque as gotículas de névoa ficavam presas na lente dos óculos. Acreditei, positivamente, que logo as coisas ficariam melhores e segui pedalando pela avenida principal da cidade, mesmo assim, até encontrar a Ruta 12, novamente.

E, lá, o que já estava difícil se tornou bem mais quando percebi que, além da neblina e chuva esparsa, não havia acostamento, como se verifica nas *Imagens 35 e 36*. Ou seja, eu tinha que pedalar pelo mato ou pela linha branca pintada que indica o

limite do asfalto, ambas com considerável risco de acidente. Apostei na crença que tudo ficaria bem e segui pedalando, ora pelo mato aos trancos, ora arriscando tudo pela linha branca e tênue pintada no asfalto, à frente de carros e caminhões.

Figura 9 - Mapa do trecho pedalado no dia 11/04
Desde a Missão Jesuítica Guarani de San Ignacio a Tekoá Yacutinga



Fonte: Elaborado pelo autor utilizando o app Google Maps.

Tínhamos um compromisso com hora marcada e decidi arriscar pedalando uns 17 km até um posto de gasolina localizado no entroncamento da Ruta Nacional 12 com a Ruta Provincial 6, que leva desde Corpus (onde se encontram os fragmentos de outra Missão Jesuítica) até a localidade de Campo Viera, sobre o entroncamento da Ruta Nacional 14, nas proximidades da cidade de Oberá.

Como nossa passagem por Corpus foi cancelada devido à paralisação geral no dia anterior, alteramos nosso roteiro em direção a Roca Chica. Nosso destino do dia, então, ficava no meio do caminho entre Roca Chica e a RN12, há poucos quilômetros pela *Ruta Provincial 6*. Por este motivo, resolvemos guardar a bicicleta no carro e seguir até o *Tekoá Yacutinga* para encontrar-nos com a *Cacica Ruperta Morinigo*.

Minutos antes de chegarmos e sermos recebidos no *Tekoá Yacutinga* a neblina foi ficando esparsa e o céu se apresentou límpido, novamente. Assim, foi muito fácil perceber que ali, tão perto do caos da rodovia, o tempo flui em outro ritmo, os sons

guardam outros saberes.

Cacica Ruperta nos recebe tendo numa das mãos, o celular (que nunca larga) e, no rosto, um sorriso gigantesco oferecido do alto dos seus menos de um metro e meio de pura disposição. Fez questão de nos receber com alegria, reunindo a grande maioria de seus *parentes*⁴⁸ no pátio coberto, e fez questão de dizer que o seu povo se tratava de *Mbyá Guaraní*⁴⁹.

Imagem 37 - No Tekoá Yacutinga em Roca Chica



Entre *Roca Chica* e *Gobernador Roca* - *Misiones* - Argentina

Foto: Sandra Schiavi (11/04/2025)

Aqueles que não puderam comparecer, justificaram a ela que estavam trabalhando. Os demais, e as crianças, curiosas e brincalhonas, ficaram conosco conversando por tradução e sorrindo, muito tranquilos, boa parte das duas horas que

⁴⁸ Muitas vezes, “*parente*” é usado como forma de respeito e pertencimento, categoria nativa, através da qual os representantes de diferentes povos (e até do mesmo) reconhecem-se uns aos outros enquanto indígenas. Para saber mais, ver: <<https://agencia.fiocruz.br/glossario-de-termos-indigenas>>, acesso em: 01 out. 2025.

⁴⁹ O 4.º Censo Nacional Indígena revelou que a população que integra as etnias originárias é de 140.205 indivíduos, divididos em 19 povos. O contingente mais numeroso é o *Mbyá Guaraní* (27.690), seguido por *Avá Guaraní* (22.085), *Nivaclé* (17.820), *Paĩ Tavyterã* (15.604) e *Nnlhet* (8.695). O menor grupo é o *Tomárãho*, com somente 213 integrantes. Para saber mais, ver: Disponível em <<https://www.ine.gov.py/resumen/260/iv-censo-nacional-indigena-2022-resultados-finales-de-poblacion-y-viviendas>>, acesso em: 03 nov. 2025.

permanecemos por lá. *Cacica Ruperta* é mais do que uma mulher forte de seu povo. Ela é tanto uma alavanca quanto um redemoinho ou uma torrente. O que ela diz, está dito. Mandou, com voz suave e firme, trazer as artes que vários de seus *parentes* haviam criado, e lá estavam elas.

Disse para trazer *Ka'á* (termo para 'planta', 'mato' ou 'floresta' atribuído também à erva-mate nativa-orgânica), que produzem à maneira 'antiga', e lá estava uma boa quantidade, recém preparada, para que pudéssemos cevar mais tarde.

Imagem 38 - Peças de arte Tekoá Yacutinga



Tekoá Yacutinga - Roca Chica - Misiones - Argentina

Foto: Sandra Schiavi (11/04/2025)

A cacica acumulava, inclusive, a função de agente de saúde e professora em seu Tekoá, fazendo do seu território um espaço para a vacinação e consultas gratuitas para os *parentes* das comunidades vizinhas.

Ela comentou que tenta ensinar o ofício das artes e do artesanato aos mais jovens, porque é um *talento que já está com os Guaranis há muito tempo*, como esteve

com seu pai. Segundo ela, já que muitos jovens Guaranis não têm oportunidades, então, ela se compromete em ensinar e mantê-los juntos. Assim sendo, vários *parentes* também vão assumindo, aos poucos, este ofício da produção de artefatos em argila ou madeira como uma forma, também, de sobreviver.

Inclusive, naqueles dias, o *Tekoá Yacutinga* estava sendo ‘visitado’ por uma imagem em madeira de uma ‘*Virgem Maria*’ que foi enviada por outro cacique de um lugar no interior do Paraguai, que eu acabei por não compreender.

Ela comentou que o cacique paraguaio não queria que a vestimenta da ‘*Virgem*’ fosse feita por *juruá* de maneira nenhuma, mas, sim, por alguém que conseguisse demonstrar, na arte, o seu *ñandereko*.

Imagem 39 - A ‘Virgem Maria’ enviada do Paraguai para ser vestida pela Cacica



Tekoá Yacutinga - Roca Chica - Misiones - Argentina

Foto: Sandra Schiavi (11/04/2025)

Ela, então, criou uma vestimenta especial para a peça de madeira, e fez questão de nos mostrar, assim como vários objetos produzidos pelo seu povo.

Entre imagens de vários animais, cestos e utensílios em madeira, estavam outras peças em argila, como duas *pavas* (chaleiras), uma delas bastante antiga.

Colocou estas artes numa mesa de forma organizada, explicando cada uma delas. Creio que fez desta forma para que os jovens percebessem o jeito de apresentar o resultado de seus ofícios. Adquirimos algumas peças, porém, não senti que esta fosse a primeira intenção da Cacica. Ainda assim, acredito que os mais jovens aprenderam com esta ação. Na sequência da conversa informal, eu quis saber sobre o *Tekoá Yacutinga* estar ou não aberto para receber visitantes, turistas.

Ela me explicou que receber gente que é *desconhecida* pode ser perigoso, mas se os visitantes chegam por meio de pessoas da sua rede, do seu círculo, ou que a conhecem de diferentes espaços, então, sim, ela recebe até pequenos grupos para um dia de convívio com ela e seus *parentes*. Comentou, inclusive, que esta é uma forma de ter uma receita que não se origina do artesanato. Depois de nos apresentar toda a sua gente, fez questão de nos levar a um pequeno galpão onde estava sendo esculpido um 'cristo crucificado' por um de seus talentosos *parentes*.

Imagem 40 - Pesquisador, erva-mate orgânica e Cacica Ruperta Morinigo



Tekoá Yacutinga - Misiones - Argentina

Foto: Sandra Schiavi (11/04/2025)

Ela explicou que aquela geração de receita também é uma forma de conseguir sobreviver no mundo dos *juruaá*, usando a sua moeda.

Ela acrescentou que, entre as *comunidades*, não existem moedas, existem trocas de bens e colaborações. Aproveitei e perguntei se uma imagem cristã não chocava com o que acreditavam. Ela, muito tranquila, comentou que ‘este’, apontando para a imagem que estava sendo esculpida, é *filho d’Aquele que acreditamos*. E, ‘eles’ (*juruaá*), precisam desta imagem para crer. Nós não, porque temos tudo ‘isso’ e apontou girando em volta, como uma criança gira feliz soprando um dente-de-leão pelo ar.

Imagens 41 e 42 - Entalhe do crucificado e artes do povo do Tekoá Yacutinga



Tekoá Yacutinga - Misiones - Argentina

Foto: Sandra Schiavi (11/04/2025)

Com a mesma tranquilidade e alegria com que nos recebeu, tratou de conduzir-nos de volta ao pátio coberto para finalizarmos nosso encontro. A mesma calma que havia quando chegamos, duas horas antes, se manteve presente todo o tempo que flui em outro ritmo, enquanto os sons seguem guardando outros saberes.

Imagem 43 - Pesquisadores e comunidade do Tekoá Yacutinga



Tekoá Yacutinga - Misiones - Argentina

Foto: Smartphone no modo automático (11/04/2025)

Um pouco antes de seguir o roteiro e deixar o *Tekoá Yacutinga* e sua gente, perguntei à senhora Ruperta se havia alguém que poderia fazer uma breve oração, a fim de agradecer por este encontro e desejar que tudo ficasse bem. Ela, bem satisfeita e prontamente, chamou um irmão que é xamã para realizar o que pedi naquele momento. Reuniu, mais uma vez, seus *parentes*, e ao final da reza, traduziu para nós dizendo que haviam agradecido pela saúde dos *parentes* e pela unidade do grupo, além de agradecer, também, pelo *encontro* que tivemos, e que tudo fosse o melhor para todos.

Vale salientar que durante todo o tempo que estivemos no Tekoá Yacutinga, a cacica anterior, chamada Helena, mãe da Cacica Ruperta, esteve nos acompanhando, de posse de seu *petyngua*⁵⁰, como se estivesse conferindo,

⁵⁰ Cachimbo sagrado Guaraní, de onde provém a fumaça sagrada tataxina. Por meio desta fumaça sagrada os guaranis conseguem, por meio dos Karaí e Kanhã Karai (xeramõi e xejary, pajé, ou xamã), se comunicar com o divino, espíritos e ancestrais. Para saber mais, ver: Disponível em: <

autorizando e confirmando que tudo o que estava acontecendo seguia de acordo com os *espíritos*, comentou ao final a Cacica Ruperta.

À frente, como se vê na *Imagem 43*, a escultura em madeira da ‘Virgem Maria’ está vestida com o traje especial criado pela cacica *Ruperta Morinigo* e com todos os parentes reunidos. Muito especial a despedida, porque todos fizeram questão de nos cumprimentar e desejar *aguyjevete* para nós que seguíamos nosso *caminhar*, e acabamos percebendo que esta palavra tão forte, tão expressiva e potente, nos acompanhou até ali por algum motivo. Foi apenas o tempo de tomarmos o carro e o clima se alterou novamente, convidando a uma breve e leve garoa a nos acompanhar.

É digno de nota, também, que buscamos, ao passar pela cidade de *Ruiz de Montoya*, conhecer uma indústria de erva-mate e conversar com os gestores, mas não nos responderam em positivo. Finalizando o dia 11/04, chegamos à hospedagem agendada, uma pequena pousada chamada *La Casona Rural Km 1469*, totalmente *bike friendly*, na cidade de *Puerto Rico*, onde nos recebeu *Rosana Silva*, a gerente do empreendimento. A hospedagem está localizada numa das margens da Ruta Nacional 12, há poucos metros do trevo de acesso à cidade. Além da conversa que tinha agendado com o *Karáí Miní Javier Villalba*, tencionava encontrar-me, também, com uma liderança do *Tekoá Mbya Yvyrá Poty*, nas redondezas, mas as agendas não se encaixaram.

Imagem 44 - Pesquisador e *Karáí Miní Javier Villalba*



La Casona Rural Km 1469 - Puerto Rico - Misiones - Argentina

Foto: Sandra Schiavi (11/04/2025)

A cidade de *Puerto Rico*, com seus quase 20 mil habitantes, apresenta forte presença étnica alemã (originária do Rio Grande do Sul - Brasil e da região de *Hunsrück* - Alemanha), e conta com uma oferta de Turismo de sol e praia, na alta temporada de verão, e de Turismo Rural nas demais épocas do ano, apresentando diversos meios de hospedagem e alimentação, além de uma orla pavimentada junto ao Rio Paraná.

Ainda que com todo este apelo, a cidade é considerada a capital da indústria de Misiones, com seu processo agroindustrial vinculado à produção de erva-mate. Minha intenção, porém, era utilizar o espaço do *La Casona Rural Km 1469* para encontrar, na manhã seguinte, *Karáí Miní Javier Villalba*, liderança do *Tekoá Tekovê Paranay*, onde vivem cerca de 800 pessoas, nos arredores do povoado de *El Alcazar*. E foi isso que aconteceu.

3.4.5 Quinto dia da cicloexpedição - Encontrando *Karáí Mini Javier Villalba*

Manhã do dia 12/04, *Karáí Javier* viajou desde *Tekoá Tekovê Paranay* até *La Casona Rural Km 1469* apenas para nossa conversa em torno da natureza do Turismo realizado na região. Antes da chegada de Javier, coincidente e de maneira informal, *Rosana Silva*, no café da manhã, comentou a respeito dos roteiros turísticos agroecológicos que são realizados nos entornos de *Puerto Rico* e em cidades de outras regiões missioneiras, como é o caso de *El Soberbio*, do outro lado da província de Misiones, nas barrancas do Rio Uruguai, por exemplo.

Ela comentou que havia empreendimentos coordenados por coletivos organizados de modo empresarial, porém, ainda assim, acreditava que nestes espaços se levava em conta o impacto gerado pelo Turismo sobre o território e suas gentes, escapando do *modus operandi* do Turismo de Massa. Acrescentou, ainda, que a *Pandemia Covid-19* foi a causa da falência e fechamento de vários estabelecimentos de alimentação e meios de hospedagem tradicionais na cidade, diminuindo bastante a capacidade de carga nos períodos de alta temporada.

Estive a levantar algumas informações a respeito e, acredito, seja interessante observar estes empreendimentos desde outra perspectiva. Reitero que, infelizmente, não havia como ir ao encontro destes estabelecimentos, por conta do limite de tempo que dispunha.

O *Circuito Turístico Agroecológico de Misiones*⁵¹, do qual faz parte o *La Casona Rural Km 1469*, é um conjunto privado de chácaras, pequenas fazendas e casas rurais espalhadas pela província de Misiones, com a totalidade de suas atividades voltadas ao cultivo agroecológico, reeducação socioambiental, equoterapia, além da oferta de visitas turísticas com fins de entretenimento imersas em um outro ritmo e um outro comportamento por parte de quem visita. Promete uma reconexão com o espaço natural via experiências de contato direto com a natureza, desde um ponto de vista sistêmico e regenerativo.

Rosana também argumentou que alguns destes empreendimentos não usam as plataformas de agenciamento e reservas como *Booking, Kayak, Trivago* etc. Isso permite que se coordene o volume de demanda por temporada, impedindo situações de *over*⁵² e não ficando na mão de operadoras de Turismo. Além disso, informou que, em sua grande maioria, são os próprios proprietários dos empreendimentos que vivem e trabalham há muitos anos com suas famílias nestes territórios, permitindo que possam manter um forte laço de respeito e convívio com o entorno comunitário, incluindo a possibilidade de receita digna dirigida às comunidades indígenas.

Muitas destas famílias são guardiãs de sementes crioulas (nativas) há vários anos e sensibilizam os visitantes a respeito do que envolve este conhecimento ancestral. Atuam contribuindo com demandas comunitárias regionais, coordenando ações regenerativas planejadas que vão desde a melhoria de uma ponte na estrada vicinal, a oferta de logística que apoia famílias Guaranis a levarem o que produzem às feiras livres nas cidades, até o compartilhamento do sinal de Internet rural e telefonia com comunidades indígenas. Inserem nas programações das atividades dos hóspedes ou visitantes o repovoamento dos rios com peixes endêmicos e o reflorestamento com espécies nativas, oficinas sobre saúde integral, além do encontro intercultural coordenado com comunidades indígenas em seus *Tekoá*, entre outras vivências. Percebe-se que, além de atuarem no eixo do Turismo Regenerativo,

⁵¹ Para saber mais, ver: <<https://circuitoturisticoagroecologicodemisiones.com.ar/>>, acesso em: 16 jul. 2025.

⁵² Situação que ocorre quando os atrativos ou empreendimentos estão com superlotação, inviabilizando a qualidade dos serviços e gerando descontrolado operacional e gerencial, impactando excessivamente sobre recursos, equipamentos, energia, funcionários, ambiente do entorno, produção de lixo etc. Trata-se de uma ocorrência infelizmente comum em destinos turísticos em alta temporada, acarretando topofobia e, no decorrer do tempo, topocídio.

incluem-se na tipologia de Turismo Pedagógico.

Há uma questão presente neste Circuito Turístico que chama a atenção: o processo de sucessão familiar está em plena marcha, com os jovens adultos assumindo a gestão sob orientação dos pais e avós, porém, incorporando novas adaptações técnicas e recursos tecnológicos do século XXI. Finalizamos a conversa com Rosana e passei a acompanhar o recém chegado *Javier Villalba*.

Javier e eu sentamos, então, no pátio coberto da pousada e em companhia de um chá de camomila começamos nossa conversa, que transcrevo em forma de paráfrase. Tratei de explicar melhor a respeito de minha pesquisa e do que havia encontrado nos dias anteriores. Comentei que havia sabido, pelo Professor Claudio Salvador, de *Puerto Iguazú*, de que, há pouco tempo, as comunidades estavam se capacitando e trabalhando juntas utilizando a ideia do Turismo Comunitário e do Turismo Indígena, entre outros, buscando escapar do difamado Turismo de Massa e suas armadilhas.

A este respeito, ele comentou que estão neste *caminhar* a fim de fortalecer, primeiramente, o lugar e seus *parentes* com o suprimento de demandas básicas, reorganizando o território. Acrescentou que os rios e os arroios já não eram tão saudáveis como antes, que a selva já não era mais a mesma, então, entendiam que haviam que conversar entre eles com o objetivo de ‘ver’ como deveriam recomeçar o *caminhar*.

Explicou que a noção de tempo para os Guaranis é muito diferente daquela dos *jurua*. Como exemplo, comentou que estavam há 7 anos com esse trabalho de *Turismo Comunitário Indígena Guarani*, e que neste tempo houveram 4 ou 5 visitas de escolas da região, além de pessoas de outros grupos da região.

Estabeleceram que, a fim de se preparar para receber pessoas, iriam começar as atividades com as crianças e jovens, porque entendiam que eram eles que divulgavam as experiências rapidamente entre seus pais e amigos. Então, resolveram mostrar a este público as práticas com as quais se sentiriam mais identificados, como a produção do mel, da mandioca, por exemplo.

Imagem 45 - Pesquisador com Rosana Silva e Karáí Miní Javier Villalba



Puerto Rico - Misiones - Argentina

Foto: Sandra Schiavi (12/04/2025)

Ele explicou que preferiam fazer tudo de forma diferente do que já ocorria em *Iguazú* (se refere a *Puerto Iguazú - Misiones*), porque lá existiam outras comunidades Guaranis que estavam acostumadas a sobreviver do Turismo há algum tempo, porém, apresentavam ao visitante aquilo que não era a realidade dos Guaranis, usando de um pouco de fantasia e adaptação, descaracterizando a forma como viviam, e isso demonstrava claramente que se tratava de algo diferente do que seu grupo queria mostrar.

Então, ele e sua comunidade *Tekovê* entendiam que tinham, sim, que aprender com estas comunidades de *Iguazú* que já usavam de práticas turísticas para obter economicamente o seu sustento, porém, sem que isso levasse a descaracterizar a verdade do que viviam. Ele reiterou que queriam utilizar a economia do Turismo a seu favor, mas mostrando a realidade do seu *Tekoporã*, de seu *Buen Vivir*, diferentemente do que acontecia no Turismo de Massa, alertou, porque às vezes os operadores queriam ‘vender umas pedrinhas’ dizendo que aquilo fazia parte da vivência Guarani. Mas Javier reforçou que não é isso o que queriam que houvesse em seu *Tekoá*.

Quando falamos sobre os bons exemplos que existiam dentro do Turismo Comunitário Indígena Guarani, comentei que gostaria muito de passar algumas horas, na sequência da cicloexpedição, na comunidade *Jasy Porã* (em *Puerto Iguazú*) e

conversar com *Karáí Tataendy Santiago Moreira* e com a *Cacica Chabeli Duarte*, que desenvolviam a atividade desde 2005.

Javier esclareceu positivamente que eles foram os que melhor tiveram a capacidade de dizer *não* ao Turismo de Massa, vindo a criar oportunidades dignas de trabalho e geração de renda para os jovens Guarani, porque em outros cantos isso é bastante difícil. Segundo ele, em grande parte da província de Misiones, o jovem Guarani não tem oportunidades, nem de capacitar-se, nem de trabalho e renda dignos.

Acrescentou, ainda, que queriam mostrar aos operadores de Turismo e aos turistas o que é a sua cultura, como se dá a sua realidade, como vivem, como tudo acontece na concepção de seu tempo, com os seus valores respeitados. Um pouco indignado, Javier acrescentou que as operadoras de Turismo querem vender, porém, vender sem mostrar a realidade e, ainda, em troca de miséria.

Por isso, acrescentou que, com Santiago, Chabeli, Salvador (Prof. Claudio Salvador) e com a formação oferecida no Instituto Karáí Correa, os *parentes* começaram a confrontar o Estado, as empresas e o Governo da Província. Daí, infelizmente, numa manobra, o Governo da Província de Misiones transformou Santiago em um diretor político (*Director de Turismo Indígena de Base Comunitario en el Ministerio de Turismo*⁵³), mas não se sabe até que ponto ele será valorizado e terá força para que os Guarani possam ressurgir *pelo* Turismo, por intermédio do Turismo.

⁵³ Para saber mais, ver Projeto Mate: Disponível em: <<https://proyectomate.org/el-turismo-comunitario-indigena-ya-es-oficial-en-misiones/>>, acesso em 11 nov. 2025.

Imagem 46 - Pesquisador e Javier Villalba ao final da conversa



Puerto Rico - Misiones - Argentina

Foto: Sandra Schiavi (12/04/2025)

Javier demonstrava uma atitude positiva, porém crítica em relação a como o Turismo está sendo trabalhado na província. Ele comentou que o Governador, em um determinado momento, disse que *nesta província o sistema turístico é todo vertical e todos terão que respeitar isso*. Neste sentido, as lideranças Guaranis sempre buscavam conversar antes com Santiago porque queriam ser participantes e discutir a respeito de tudo.

De acordo com Javier, é ótimo que um *irmão* esteja lá, no Estado, lutando e buscando determinar como deve ser o Turismo Guarani, ainda que as relações dentro das instituições dos *jurua* não sejam absolutamente transversais como se dá entre os Guaranis. Mas comentou que sonha que possa haver um equilíbrio de interesses e que desta maneira, com o tempo, quando passarem a surgir mais profissionais Guaranis de Turismo formados pelo Instituto Karai Correa, de posse de um título, que eles possam ir diante de um Governador disputar pelo Turismo da forma que os Guaranis querem. E assim, comentou, com certa satisfação, que a partir disso irão começar a mudar toda a ideia de Turismo que envolve os Guaranis na província.

Ainda falando dos desafios que ele tem encarado como liderança do Tekoá Tekovê, comenta que hoje, em sua comunidade habitam mais de 400 pessoas e que é necessário pensar coletivamente em alternativas de sobrevivência para todos. E que, talvez, por intermédio do Turismo isso seja possível. Acrescentou que quando era pequeno, seu avô o levava ao rio para praticar e caçar com arco e flecha. Hoje, por mais que ele queira ensinar o seu filho, não pode, visto que não há mais peixe porque não há mais rio. Não se trata de nostalgia, mas de uma sobrevivência de saberes.

Para finalizar, conversando sobre as operadoras de Turismo e outros agentes, ele comentou que é muito triste presenciar certos guias e operadoras concessionárias reproduzindo uma história sobre eles que não é a verdadeira. Disse, ainda, que os Guaranis precisam criar grupos organizados que trabalhem especialmente esse tema relativo à disseminação correta de sua história, quem sabe utilizando subversivamente das ferramentas que os *juruá* se valem. Reforçou que eles, Guaranis, existem, mas não da forma como os retratam e que, talvez, uma das dificuldades para fazer valer a sua história é que sua cultura valoriza a tradição oral, além do fato de haver, proporcionalmente, poucos autores indígenas sendo reconhecidos e dando luz à história, saberes e vivência Guarani. Seriam necessários muitos mais.

Comentou ainda que, à época, os jesuítas mal entendiam os Guaranis, porém, escreviam de acordo com o que era melhor para eles mesmos. Javier acredita que precisam se organizar e capacitar seus *parentes*, para redefinir e defender o modo como querem ser visitados, evitando, por exemplo, que os turistas entrem nos lugares sagrados, como os *Opy* (Casa de Reza). Acredita que com esta rede de conversas que está surgindo, equipes irão se formar para aprender a trabalhar economicamente com o Turismo, valorizando seu artesanato, comidas típicas e seu *ñandereko* (seu jeito de ser, sua forma de viver).

O cronograma apertado que eu tinha e o avançado da hora fez com que nossa conversa tivesse um hiato naquele instante, e que seja retomada num novo encontro futuro. Assim ficou acordado. No que diz respeito à consequência da cicloexpedição, pedi informações sobre as condições da *banquina* (tradução livre: acostamento) da Ruta Nacional 12, sentido *Puerto Iguazú*, e as respostas que obtive foram bastante desanimadoras. Sem *banquina* até lá. Ainda assim, quem sabe, se a chuva parasse, pelo acostamento de mato e barro eu poderia pedalar devagar. Por que não fazer mais

uma tentativa?, pensei.

Tudo pronto para sair, mas a chuva não deu trégua. Por horas, olhar a previsão do tempo se tornou um ato repetitivo e sem razão de ser, pois o que se tinha de prognóstico era apenas chuva para as próximas horas. Decisão tomada: colocar a bicicleta, novamente, dentro do carro e seguir para a próxima cidade do roteiro, onde não havia encontros agendados, e aguardar o clima melhorar.

Como tomamos a estrada um pouco depois do meio-dia, havia que comer alguma coisa antes de chegar à cidade de *Eldorado*. A chuva começou a dar uma trégua e pensamos que isto poderia ser um bom sinal. Porém, nada se via na borda da estrada que se pudesse contar como ponto de apoio, nem mesmo quando passamos pelo pequeno município de *El Alcazar*. Poucos quilômetros depois, um estabelecimento no sentido contrário da via chamou a atenção. Era o *Parador Teyú*⁵⁴, a poucos metros do *Arroyo Paranay*, que compreendia um empreendimento que contava, além do restaurante, com um camping bem montado e aluguel de caiaques. Paramos de imediato e fomos atendidos de forma extremamente hospitaleira pelos proprietários, um jovem casal de sexagenários. Já passava da hora do almoço, porém, *Juan e Cármen* (nomes fictícios) declararam que preparar algo para que comêssemos seria uma satisfação.

Hospitalidade que chega pura em meio a um dia de chuva que ia e vinha. Esclareço que o que se observa, a seguir, na *Figura 10*, abaixo, é a fachada do estabelecimento em um dia de sol, porém, trata-se de uma imagem capturada pelo Google Maps, possivelmente, alguns anos atrás, porém acessada para fins de referência neste trabalho, em abril de 2025.

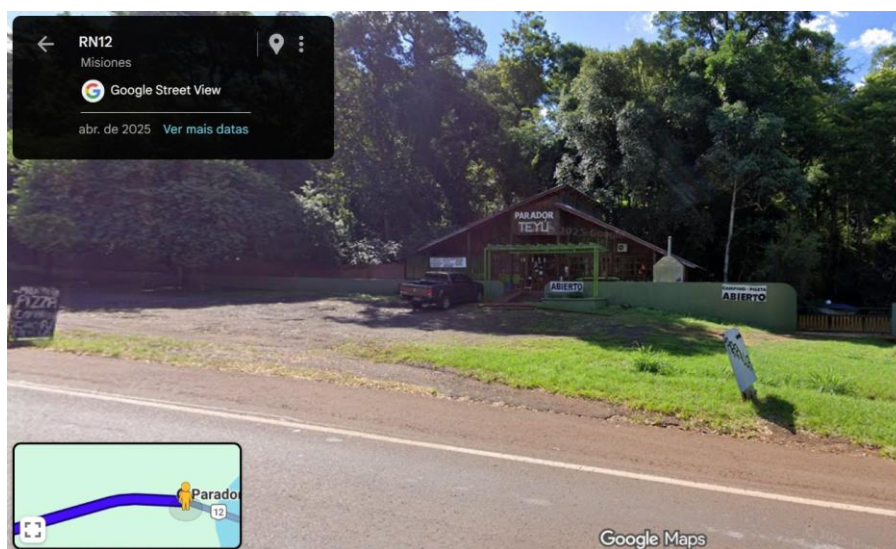
Enquanto nos atendia, revezando a atenção às panelas com Carmen, Juan abordava ao mesmo tempo sobre a beleza da região, os motivos por ter deixado Buenos Aires com a esposa, as peripécias esdrúxulas do atual presidente de seu país, o sucateamento da educação pública no país, entre outros temas. Mas, o interessante é que, após esclarecer sobre o motivo de estarmos ali, sem que perguntássemos,

⁵⁴ É um lagarto comumente encontrado no Brasil (maior lagarto brasileiro), onde é mais conhecido como teiú. Para saber mais, ver: <<https://butantan.gov.br/bubutantan/teiu-um-lagarto-tao-brasileiro-que-voce-com-certeza-ja-viu-por-ai>>, acesso em 05 out. 2025.

Juan fez menção a respeito de sua relação com os 'Mbya', como dizia ele.

Parafrazeando seus comentários, ele comentava que desde que assumiram aquela propriedade (há mais de 30 anos), nunca havia ocorrido qualquer inconveniente com a comunidade que estava localizada a menos de 500m adiante.

Figura 10 - Fachada do Parador Teyú



Fonte: Elaborado pelo autor utilizando o app Google Maps. (abr 2025)

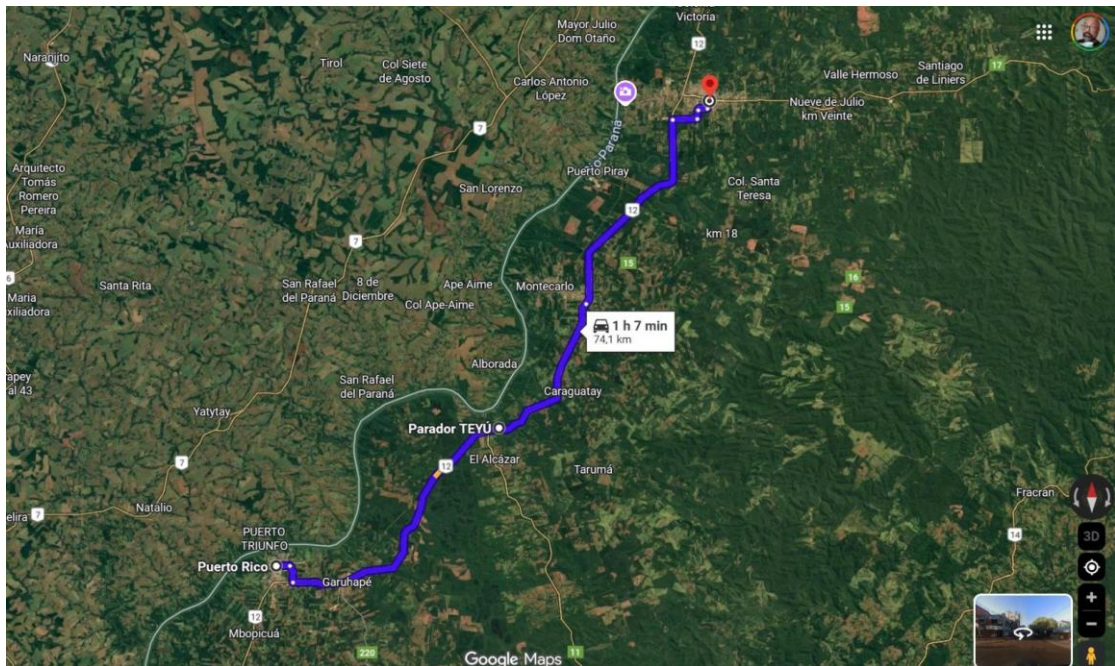
Por vezes, disse que colaborava com o transporte de quantidades maiores de víveres desde *El Alcázar* para a comunidade quando se fazia necessário e, até mesmo, conduzia em sua própria caminhonete (carona) algum *Mbya* que necessitasse ir ao hospital do vilarejo, por exemplo. Segundo Juan, a relação entre eles sempre foi fraternal, como não poderia ser diferente. Disse que havia um tratado invisível de cordialidade e respeito mútuos, onde os espaços e tempos de ambos eram considerados momentos de aprendizado. Comentou ainda que, em alta temporada, ele permite que os *Mbya* exponham e vendam seu artesanato na varanda de seu estabelecimento, abrigada do sol, oferecendo água e lanche para eles, numa relação de simbiose oportuna, entendi eu.

Reclamou, porém, das lanchas e barcos particulares e de operadores de Turismo que, em diversas épocas do ano, acessavam o *Arroyo* desde o *Club de Pesca El Alcázar*, ainda no Rio Paraná, para buscar melhores pontos de pesca. Segundo ele, tais visitantes extemporâneos deixavam muito lixo, faziam muito ruído e não respeitavam em nada os indígenas, com alguns casos, até mesmo, de violência contra eles. Encerrou o comentário, olhando em direção ao rio, dizendo que destes visitantes

quer distância, e que seu dinheiro tinha ‘energia ruim’.

Conversamos um pouco mais sobre Brasil e Argentina enquanto Sandra e eu terminamos a refeição. Despedidas e a intenção de um novo encontro. Em seguida, já no meio da tarde, retomamos nosso caminho.

**Figura 11 - Mapa do trecho do dia 12/04
De Puerto Rico, Parador Teyú a Eldorado**



Fonte: Elaborado pelo autor utilizando o app Google Maps.

Creio que, um pouco desanimado pela chuva e pelo estado do acostamento, nem sequer reparei em um detalhe muito importante, coisas que, entendo, acabam por acontecer quando estamos tão absolutamente focados em algo, que deixamos de observar ao redor. O que somente fui dar-me conta, infelizmente, dois dias depois, é que a comunidade de que falava Juan, que se localizava logo ali, depois do arroio, era o *Tekoá Tekove Paranay*, a comunidade Guarani Mbya de *Karaí Javier Villalba*, onde desenvolvem os projetos com a erva mate nativa cultivada e preparada com métodos tradicionais por eles, além do Turismo Indígena Comunitário. Confesso minha percepção tardia.

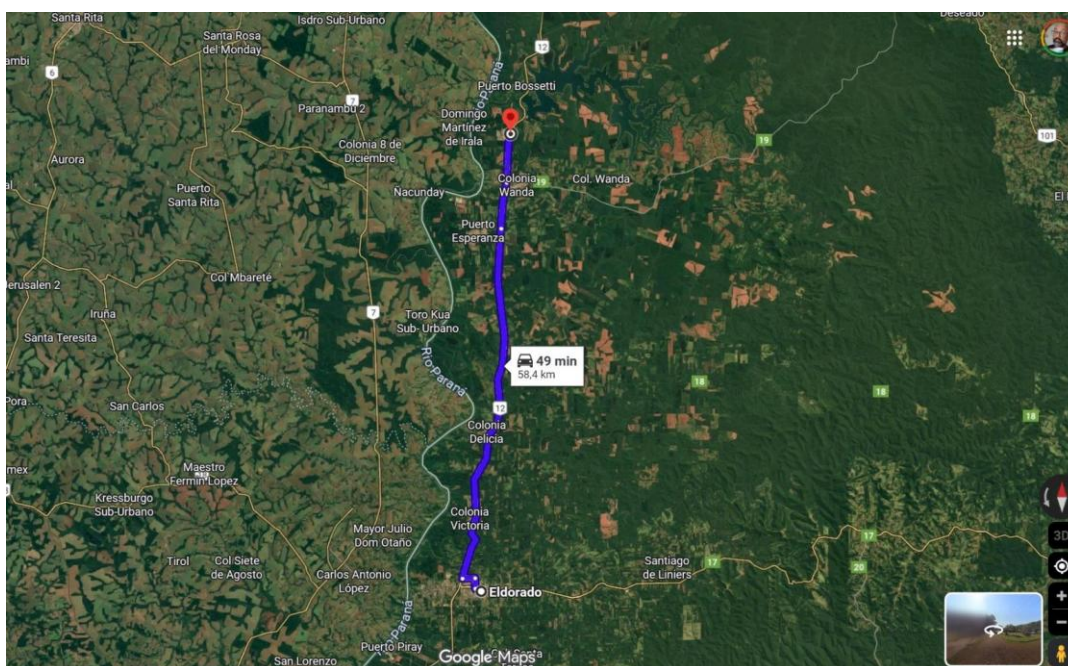
Pelo menos, somado ao que compartilhou *Karaí Javier*, o depoimento extemporâneo e voluntário de Juan acabou por proporcionar mais uma noção sobre como o Turismo de Massa capilariza suas forças, alcançando os mais diferentes espaços e impactando na ordem e na harmonia de todo um contexto territorial,

gerando tofobia, inclusive. Seguimos no meio da tarde para *Eldorado*, com muita chuva. A cidade serviu, apenas, para passarmos o fim de tarde e pernoitar, com as chances de voltar a percorrer o caminho de bicicleta já bastante limitadas. Ainda assim, para quem estava bastante decepcionado com o clima, encontrar uma cidade bonita, tranquila e organizada foi como um bálsamo. Dormir, descansar e esperar (ou *esperançar*) que o dia seguinte se apresentasse, pelo menos, sem chuva.

Quem sabe eu conseguisse, pensava eu, voltar a pedalar pelo menos pelo acostamento cheio de mato e buracos?

3.4.6 Sexto dia da cicloexpedição - Chuva torrencial em *Eldorado*

**Figura 12 - Mapa do trecho do dia 13/04
De Eldorado a Puerto Libertad**



Fonte: elaborado pelo autor utilizando o app Google Maps

A tarde do dia anterior, a manhã e o começo da tarde do dia 13/04 foram os momentos mais complicados da cicloexpedição, porque foi impossível dar sequência na coleta de dados e, conseqüentemente, realizar os encontros com as pessoas agendadas, porque a chuva se tornou implacável. Bastante decepcionante, mas ainda assim, melhor do que provocar um acidente por displicência. Não havia pressa para partir de Eldorado. Aproveitei a ocasião para utilizar a Internet da hospedagem, baixar os arquivos gravados, carregar as baterias dos *gadgets* e tentar convencer-me de que até mesmo as objeções que o caminho apresenta podem conter uma série de

oportunidades adiante. Vale esclarecer que não era a chuva o meu grande empecilho. Pedalar na chuva é normal e interessante quando se está cicloviajando por rodovias que têm acostamento, correspondendo ao mínimo de segurança que se requer para estas situações. No meu caso, naquele momento, não havia acostamento sequer. Então, seguir de carro ainda era o mais prudente. Chegamos, então, em *Puerto Libertad* ao fim da tarde do dia 13/04 e escolhemos o Hotel Libertad como hospedagem, já que havia um serviço de restaurante logo ao lado. Como o clima permanecia ‘mal-humorado’, demonstrando que a chuva viria com força, esta era a melhor alternativa.

Imagem 47 - Aula no Hotel Escuela Libertad



Puerto Libertad - Misiones - Argentina

Foto: enviada pela gerência do Hotel Escuela Libertad (2025)

Mal sabia eu que o hotel escolhido fazia parte de um programa de cursos de ensino técnico (em Recepção de Hospedagem) e superior tecnológico (*Tecnicaturas*) em Gestão de Turismo e Gestão de Meios de Hospedagem, vinculados ao IMES - *Instituto Misionero de Estudios Superiores*⁵⁵, os quais ocorriam em hotéis arrendados com a finalidade de serem extensões áulicas. Os alunos assistiam às aulas em salas apropriadas (*Imagem 47*) e realizavam suas práticas em ambiente de trabalho nos

⁵⁵ IMES - Instituto Misionero de Estudios Superiores - Para ver mais: Disponível em: <<https://imesmisiones.online/recepcionista-de-hotel/>>, acesso em 04 nov. 2025.

departamentos do pequeno hotel, garantindo, inclusive, sua ocupação e gestão. Um mate para conversar com os recepcionistas. Um bom jantar desprezioso no restaurante ao lado do hotel. Noite inteira de chuva. Acordei inúmeras vezes na expectativa de não ouvir o tão espetacular murmúrio da chuva, mas ela se fez presente. Este foi o prenúncio de um dia inteiro de chuvas fortes a seguir.

3.4.7 Sétimo dia da cicloexpedição - Hotel Escuela Libertad e Foz do Iguaçu

O *petricor*⁵⁶ presente no amanhecer do dia 14/04 anunciava a confirmação de minhas expectativas. Mesmo assim, sonhava com pelo menos, metade do dia pedalando. Como imaginava, estava prevista chuva para os próximos dias, o que também, além da segurança, comprometeria a visitação a alguns espaços e o encontro com algumas pessoas que estavam agendadas. Seria bastante difícil acessar os lugares onde estes indivíduos se encontravam porque, em sua maioria, eram afastados da rodovia e o acesso até eles era feito por estradas de barro.

Durante o café da manhã do penúltimo dia da cicloexpedição, ali no Hotel Libertad, conversei com Sandra e tomei a decisão final de não seguir pedalando por conta dos riscos, tanto pela chuva quanto pelo fato de não haver acostamento até os arredores de Puerto Iguazú, justamente o perímetro urbano com maior volume de tráfego desde que deixamos Posadas e seu entorno. Chegamos na metade da tarde em Puerto Iguazú e qual não foi nossa surpresa e inconformidade senão que as nuvens, aos poucos, foram se abrindo e dando lugar a um belo entardecer.

Talvez fosse o sinal de que estávamos encerrando um ciclo da mesma maneira que havíamos começado, com chuva e depois com o sol que se apresentou muitas vezes para contemplar o que fora planejado. O cicloturismo ensina a aceitar silenciosa e humildemente o que o caminho indica. Há coisas que podem ser planejadas. Outras, o caminho irá definir. Ainda havia compromissos a cumprir e, sabendo das longas filas de automóveis na fronteira entre Argentina e Brasil, agilizamos nossa passagem por Puerto Iguazú fazendo algumas fotos protocolares com a bicicleta junto ao *Hito de las 3 Fronteras* (Marco das 3 Fronteiras) no lado argentino, tendo ao fundo a confluência entre os rios Iguaçu e Paraná, a segunda Ponte Internacional (incompleta até o

⁵⁶ Quando as gotas de chuva impactam a terra, elas liberam aerossóis que contêm geosmina e outros compostos químicos. Estes são transportados pelo vento, espalhando o aroma terroso chamado petricor e indicando que a chuva está próxima.

momento) que une Foz do Iguaçu - Brasil e o Paraguai, conectando, desta vez, com a cidade de Presidente Franco.

Imagem 48 - Pesquisador no *Hito de las 3 Fronteras*



Puerto Iguazú - Misiones - Argentina

Foto: Sandra Schiavi (14/04/2025)

Momentos depois, já estávamos cruzando da Argentina para o Brasil, passando pela aduana até chegar ao Marco das 3 Fronteiras, desta vez em Foz do Iguaçu.

O acesso a este atrativo foi facilitado por intercessão do querido colega de Mestrado no PPG-ICAL, o jornalista Wemerson Augusto, a fim de terminarmos o penúltimo dia da coleta de dados, conversando fraternalmente com o também jornalista e escritor Jackson Lima⁵⁷.

⁵⁷ Jackson Lima presta assessoria de conteúdo histórico-cultural para o Visit Iguaçu, autor de três livros sobre as Cataratas, e em 13/06/2025 recebeu o Prêmio Profissional Destaque da Imprensa de Foz do Iguaçu. Para saber mais, ver: Disponível em: <

Imagem 49 - Hito de las 3 Fronteras



Puerto Iguazú (AR) à esquerda, Presidente Franco (PY) ao fundo, no centro, e Foz do Iguaçu (BR) à direita, vistos desde Puerto Iguazú - Argentina

Foto: Sandra Schiavi (14/04/2025)

Aproveito, entretanto, antes mesmo da abertura do diálogo com Jackson, para tecer algumas considerações e inferências relativas, também, ao que se pode relacionar com o Turismo de Massa presente no penúltimo destino da cicloexpedição: Foz do Iguaçu, cidade em que vivi durante todo o ano de 2024, a fim de cumprir com as disciplinas obrigatórias do Programa de Mestrado (PPG-ICAL UNILA).

Com uma população estimada em mais de 297 mil habitantes⁵⁸, a cidade de Foz do Iguaçu, que já foi colônia militar instituída em 1889 (Lima, 2019, p.158), conta com diversos atrativos turísticos, porém, nenhum deles se compara com a magnitude do Parque Nacional do Iguaçu⁵⁹, notoriamente reconhecido como o destino número 1 da América do Sul e entre os 25 melhores do planeta, segundo o *Traveler's Choice Awards*⁶⁰, em 2025. O destino, que é também reconhecido como Patrimônio Mundial Natural da UNESCO, conta com um conjunto de cerca de 275 quedas d'água que formam as Cataratas do Iguaçu.

Falando em volume de demanda e comportamento de massa, na soma de seus atrativos, em 2025 e segundo o Governo do Paraná⁶¹, Foz do Iguaçu registrou cerca de 3,3 milhões de turistas, distribuídos entre (a) o Parque Nacional do Iguaçu (o mais

⁵⁸ Segundo dados do IBGE, ver: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pr/foz-do-iguacu.html>>, acesso em 02 nov. 2025.

⁵⁹ Para saber mais, ver: <<https://cataratasdoiguacu.com.br/>>, acesso em 07 out.2025.

⁶⁰ Notícia sobre premiação de Foz do Iguaçu. Disponível em: <<https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/parque-nacional-do-iguacu-e-uma-das-melhores-atracoes-turisticas-do-mundo>>, acesso em 03 out. 2025.

⁶¹ Para saber mais, ver: <<https://www.parana.pr.gov.br/aen/Noticia/Foz-do-Iguacu-recebeu-33-milhoes-de-turistas-em-seus-principais-atrativos-em-2025#:~:text=S%C3%A9ries%20Especiais-,Foz%20do%20Igua%C3%A7u%20recebeu%203%2C%20milh%C3%B5es%20de%20turistas,seus%20principais%20atrativos%20em%202025>>, acesso em 03 out.2025.

antigo do Brasil e que recebeu sozinho mais de 1.321.416 de pessoas em 2025; a cidade de Gramado - RS, por sua vez, recebeu 2.000.000 em 2024⁶²), (b) o Parque das Aves, (c) o Marco das 3 Fronteiras, (d) *Wonder Park*, (e) Itaipu Binacional, (f) *Eco Park Foz*, (g) Mercado Barrageiro, (h) *Blue Park*, (i) Mesquita *Omar Ibn Al Khattab*, (j) a Catedral Nossa Senhora de Guadalupe, (k) o Templo Budista *Chen Tien* e, dentro de alguns anos, contará também com o *Centro Pompidou*⁶³ (Centro Nacional de Arte e Cultura Georges Pompidou⁶⁴), segundo o Departamento de Cultura do Estado do Paraná, que estará concluído e aberto à visitação em meados de novembro de 2027.

Dos atrativos citados acima e indicados com letras de 'a' a 'k', seis deles são privados (*a, b, c, d, f, h*), e em sua maioria, passaram por processos de concessões para iniciativa privada, possibilitando gerar lucro. Mesmo assim, é incontestável e notório o fato de que o Parque e as Cataratas do Iguaçu são inigualáveis patrimônios vivos da humanidade, por baixo dos quais se escondem e também escoam incomensuráveis volumes de água doce (o Aquífero Guarani). Tanto o Parque quanto as Cataratas detêm títulos superlativos mundiais, contando com os impressionantes números de diversidade de fauna e flora. Beleza é algo inquantificável, mas os números relativos ao Parque e às Cataratas são, ainda, dignos de muita admiração por parte de instituições nacionais e internacionais⁶⁵.

⁶² Para saber mais, ver: <<https://diariodoturismo.com.br/frio-impulsiona-turismo-em-gramado-mas-cidade-freia-expansao-para-resolver-gargalos/#:~:text=A%20expectativa%20%C3%A9%20que%20800,2024%20mercado%20por%20adversidades%20clim%C3%A1ticas.>>, acesso em 03 out.2025.

⁶³ Para saber mais, ver: <<https://www.parana.pr.gov.br/aen/Noticia/Estado-apresenta-projeto-arquitetonico-do-Centre-Pompidou-Parana-veja-o-video>>, aceso em 09 out. 2025.

⁶⁴ Para saber mais, ver: <<https://www.parana.pr.gov.br/aen/Noticia/Estado-apresenta-projeto-arquitetonico-do-Centre-Pompidou-Parana-veja-o-video>>, acesso em 09 out. 2025.

⁶⁵ Para saber mais, ver: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1668/#:~:text=Al%C3%A9m%20de%20estar%20assentado%20sobre,floresta%20pluvial%20subtropical%20do%20mundo.>>, acesso em: 07 ago. 2025.

Imagem 50 - Capa da Revista Bicicleta



Foto: o autor/Revista Bicicleta (Jul - 2013)

No que tange ao cicloturismo, Foz conta com operadores credenciados que ofertam experiências cicloturísticas (passeios guiados com aluguéis de bicicletas) e que percorrem fragmentos do território transnacional. Entre os operadores, posso citar *Iguassu By Bike*⁶⁶, *Falls Bike Tour*⁶⁷, *Iguassu Bike Tour*⁶⁸ e *Let's Go Iguassu*⁶⁹, entre outros, cujos valores dos pacotes de experiências com duração de um dia (no momento da pesquisa) oscilam entre R\$ 105,00 e R\$ 605,00, sem refeições inclusas. Fazendo parte das experiências, nos três países, oferecidas durante os passeios guiados de bicicleta pelos operadores, estão banhos em cachoeiras 'secretas', aulas de yoga, Itaipu Binacional e, o que assusta, interações com 'tribos' Guaranis, como consta surpreendentemente nos sites destes empreendimentos.

⁶⁶ Para saber mais, ver: <<https://iguassubybike.com/>>, acesso em: 11 nov. 2025.

⁶⁷ Para saber mais, ver: <<https://www.fallsbiketour.com/>>, acesso em: 11 nov. 2025.

⁶⁸ Para saber mais, ver: <<https://iguassubiketour.com.br/>>, acesso em: 11 nov. 2025.

⁶⁹ Para saber mais, ver: <<https://letsgoiguassu.com/>>, acesso em: 11 nov. 2025.

Tentei contato com os operadores citados no ano de 2024 e 2025, explicando a importância de sua participação para a pesquisa, mas não obtive nenhum retorno a respeito, muito embora eu tenha escrito e publicado, em julho de 2013 (*Imagem 50*), uma matéria de capa especial na Revista Bicicleta sobre Foz e o cicloturismo, dando destaque em âmbito nacional, inclusive, a uma destas empresas de cicloturismo citadas. A foto de capa é de minha autoria.

Mas a atratividade de Foz do Iguaçu não se justifica tão somente pela questão turística, senão pelo fato de ser porta que dá acesso aos dois países vizinhos, Argentina e Paraguai. No primeiro caso, a conexão se dá por meio da tão conhecida Ponte Tancredo Neves, interligando Foz a Puerto Iguazú - AR. Já com o Paraguai, a partir de 2025 estão habilitadas duas pontes que dão acesso ao país vizinho, sendo a mais antiga, a 'difamada' Ponte da Amizade, ligando Foz a Ciudad del Este - PY e, a mais recente, a Ponte da Integração Jaime Lerner⁷⁰, inaugurada em 18 de dezembro de 2025, conectando Foz à pequena cidade de Presidente Franco - PY.

Foz vem registrando, nos últimos anos, um apelo de atratividade *não-turística* poucas vezes encontrado pelo país. No Paraguai, cursar Medicina é muito barato, o que faz com que um contingente bastante significativo de novos moradores se fixe em Foz do Iguaçu. Apenas para se ter uma ideia, segundo matéria publicada no G1/RPC, em janeiro de 2025⁷¹, no ano de 2024 haviam mais de 48 mil brasileiros com visto de estudante cursando Medicina no Paraguai, atraídos por mensalidades iniciais que oscilavam em torno de R\$ 900,00, enquanto no Brasil estas mesmas mensalidades orbitavam entre R\$ 8.000,00 e 12.000,00 na universidade mais cara, segundo a matéria.

Compreendo que, em decorrência da chegada deste volume de novos residentes na região, possivelmente Foz esteja passando por um rápido processo de aumento do custo de vida e da especulação imobiliária, se tornando uma das cidades mais caras para se viver no Brasil, figurando em nono lugar no ranking da plataforma

⁷⁰ Para saber mais, ver: <<https://www.gov.br/transportes/pt-br/assuntos/noticias/2025/12/ponte-entregue-pelo-presidente-lula-e-por-renan-filho-inaugura-novo-corredor-logistico-entre-brasil-e-paraguai#:~:text=A%20previs%C3%A3o%20de%20libera%C3%A7%C3%A3o%20total,garantindo%20plena%20infraestrutura%20de%20acesso.>>, acesso em: 22 dez. 2025.

⁷¹ Para saber mais, ver: <<https://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2025/01/15/mensalidade-barata-e-facil-acesso-por-que-milhares-de-brasileiros-tem-migrado-para-o-paraguai-em-busca-do-sonho-de-cursar-medicina.ghtml>>, acesso em: 18 dez. 2025.

Expatistan⁷², o que talvez também seja indício da alta vulnerabilidade social percebida nos últimos cinco anos pelo Observatório de Vigilância Socioassistencial⁷³.

Imagem 51 - Vista parcial, desde Foz do Iguaçu, da Ponte Internacional Jaime Lerner



Foto: acervo do autor (Set - 2024)

O ente público, em nota, parece bastante satisfeito, por outro lado, destacando o expressivo aumento de quase 200% na formalização de microempreendedorismo individual (MEI)⁷⁴ no município, ainda que, talvez, isto esconda fenômenos de uberização e outras problemáticas. Enquanto isso, a escala de trabalho nos empreendimentos turísticos (hotéis, pousadas, espaços de lazer privado etc.) e não-turísticos (shopping centers e grande maioria das farmácias, por exemplo) segue sendo 6x1. Ou seja, Foz parece ser um campo aberto de desigualdades.

Na perspectiva cicloturista, Foz não parece hostil, apenas mal preparada (ciclovias desconectadas entre si ou inexistentes nos pontos não turísticos). As ciclo

⁷² Para saber mais, ver: <<https://www.jornalfaixadefronteira.com.br/noticia/10815/foz-do-iguacu-esta-entre-as-cidades-com-maior-custo-de-vida-do-mundo-aponta-levantamento-internacional>>, acesso em: 30 set. 2025.

⁷³ Para saber mais, ver: <<https://www5.pmfi.pr.gov.br/noticia-54668>>, acesso em: 03 nov. 2025.

⁷⁴ Para saber mais, ver: <<https://www5.pmfi.pr.gov.br/noticia-53936>>, acesso em: 11 out. 2025.

estruturas existentes (em torno de 50 km, segundo o órgão público municipal)⁷⁵, como ciclovias, ciclofaixas e ciclorrotas, em sua maioria encaminham o usuário diretamente da região dos grandes hotéis, restaurantes e pousadas caras para a zona dos parques e atrativos privados. Ou seja, tudo está voltado ao consumo do turista.

Imagens 52 e 53 - Avenida Pedro Basso



Considerada a rua mais bonita da cidade, é exclusiva para carros.

Foto: acervo do autor (Jul - 2024)

Caso o cicloturista queira se aventurar ou explorar a cidade fora do eixo criado para o Turismo, encontrará avenidas com alto volume de tráfego violento com raras áreas cicláveis. Um exemplo disso são as avenidas Paraná, República Argentina, Costa e Silva, entre outras. Chegar de bicicleta ao Templo Budista *Chen Tien* ou à Mesquita *Omar Ibn Al-Khattab* trata-se de uma aventura arriscada a mais. Resultado: voltar para o hotel e ir, somente, aos atrativos. Soma-se a este cenário características de uma cidade com extremas realidades expostas que se voltam contra o Estado de Direito. Para olhos mais críticos e atentos às discrepâncias da dinâmica social, se percebe o poder de controle do estado paralelo, a disputa por território entre as facções, como o Comando Vermelho e, possivelmente, outras que já atuam no Estado do Paraná (dentre elas PCC, Máfia Paranaense, Cartel do Sul,

⁷⁵ Para saber mais, ver: <<https://foz.portaldacidade.com/noticias/cidade/foz-do-iguacu-preve-chegar-a-90-km-de-ciclovias-interligando-a-cidade-ate-2024-2240>>, acesso em 08 out. 2025.

entre outras), segundo o GAECO - PR⁷⁶.

Imagens 54 - Trecho da Avenida Paraná



Uma das principais avenidas da cidade.

Foto: acervo do autor (Jul - 2024)

Acredito, mediante o que expõem os autores a seguir, que a atuação destes grupos não se restringe ao tráfico de mercadorias, prostituição e entorpecentes, mas avança para o tráfico humano (Patruni et al., 2020). Segundo eles, Foz do Iguaçu se configura como parte essencial de uma das principais rotas da América do Sul. Somase a esta conjuntura patologias sociais graves, como a violência silenciosa que cresce enquanto Foz se torna um dos centros de doutrina de segurança nacional e, ao mesmo tempo, se configura como um lugar onde a extrema direita é majoritária, promovendo um ambiente propício para graves ações que atentam contra a soberania nacional, como o terrorismo velado e a perversa “guerra às drogas”⁷⁷.

Dentre as patologias sociais, pode-se citar a luta pelo uso do solo urbano, pelo

⁷⁶ Para saber mais, ver: <<https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2025/09/16/crime-organizado-no-parana-mapeamento-ministerio-publico.ghtml>>, acesso em: 02 out. 2025.

⁷⁷ Ver: <https://diplomatique.org.br/guerra-as-drogas-america-do-sul/>, acesso em: 28 Jan. 2026.

direito à moradia, à explícita xenofobia violenta dirigida a, por exemplo, paraguaios, haitianos e indígenas, crise na mobilidade urbana e na distribuição de recursos hídricos, além do perene impacto histórico das grandes obras, como a própria Itaipu Binacional, remetendo a casos ocorridos pouco antes da pandemia Covid-19 de violência extrema, desterritorialização e morte de Guaranis⁷⁸, como ocorrido no *Tekoá Ocoy* (Oliveira, 2011), entre outras que repetem e reforçam o processo de colonização insidiosa e explícita, parte da histórica e contumaz eliminação social do oeste do Paraná com o encobrimento e apagamento indígena (Brighenti, 2018; Brighenti e Santos, 2009).

Finalizando os comentários e observações a respeito do destino turístico Foz do Iguaçu, vale indicar que este tem se transformado em um território caracterizado por uma forte presença norte-americana que usa, mais uma vez, a “guerra às drogas” como um mecanismo de controle geopolítico e de militarização da América do Sul (Shahadeh, 2023). Em igual medida, se faz notar um capitalismo mafioso (Friggeri, 2021)⁷⁹, onde as estruturas de poder operam deliberadamente, e a olhos vistos, sustentando uma rede onde o capital circula livre e cinicamente entre o contrabando, o agronegócio (principalmente monocultura), o tráfico (de todos os tipos) e o setor financeiro formal.

Nesta rede, que utiliza o Turismo de Massa e o setor de comércio em Shoppings em Foz e Ciudad del Este como algumas de suas maquiagens, há uma inseparabilidade entre o legal e o ilegal, além de apresentar a violência estrutural como algo absolutamente natural. O Estado, por sua vez, não age combatendo o crime, antes, porém, segue como um agente regulador que garante a impunidade das elites (Friggeri, 2021).

Encerro, neste momento, minhas observações que esboçam uma perspectiva particular sobre o cenário sociopolítico que expõe a relação entre Foz do Iguaçu e o Turismo de Massa, e regresso ao que me oportunizou o fraterno encontro com o jornalista Jackson Lima, parafraseando seus comentários e argumentos.

⁷⁸ Para saber mais, ver: <<https://racismoambiental.net.br/2025/02/05/itaipu-50-anos-saiba-relacao-entre-usina-expulsao-dos-guarani-na-ditadura-e-atual-conflito-no-pr/>>, acesso em: 06 jul. 2025.

⁷⁹ Embora o título deste ensaio de Friggeri cite o Paraguay, a análise se manifesta como socioterritorial e abrange a dinâmica de uma fronteira transnacional em que Foz do Iguaçu é o principal polo brasileiro de conexão.

Ele sabia do conteúdo de meu projeto desde quando iniciei as aulas no Mestrado (em 2024), então, o tema e os objetivos de minha pesquisa já eram de conhecimento de Jackson. Ao encontrá-lo, nos sentamos diante daquela privilegiada vista, em um espaço nobre e privado, que para uns pode ser apenas um lindo ponto turístico mercantilizado; para outros, rascunha um ideal; para outros, ainda, aponta para uma geopolítica.

Jackson, ao falar, comumente reelabora alegorias, causos e passagens do seu cotidiano para trazer reflexões a respeito dos olhares que lança em direção às Cataratas, criticamente, desde quando era membro da recepção do Hotel das Cataratas, há mais de 40 anos. Ele, que completou 70 anos em 2025, atua profissionalmente dentro de uma perspectiva de geopolítica Guarani, transitando e prestando assessoria entre os diferentes territórios do Paraguai, Argentina e Brasil, já que domina cinco idiomas, fluentemente.

Imagem 55 - Marco das 3 Fronteiras



Com Jackson Lima - Foz do Iguaçu - Brasil

Foto: Sandra Schiavi (14/04/2025)

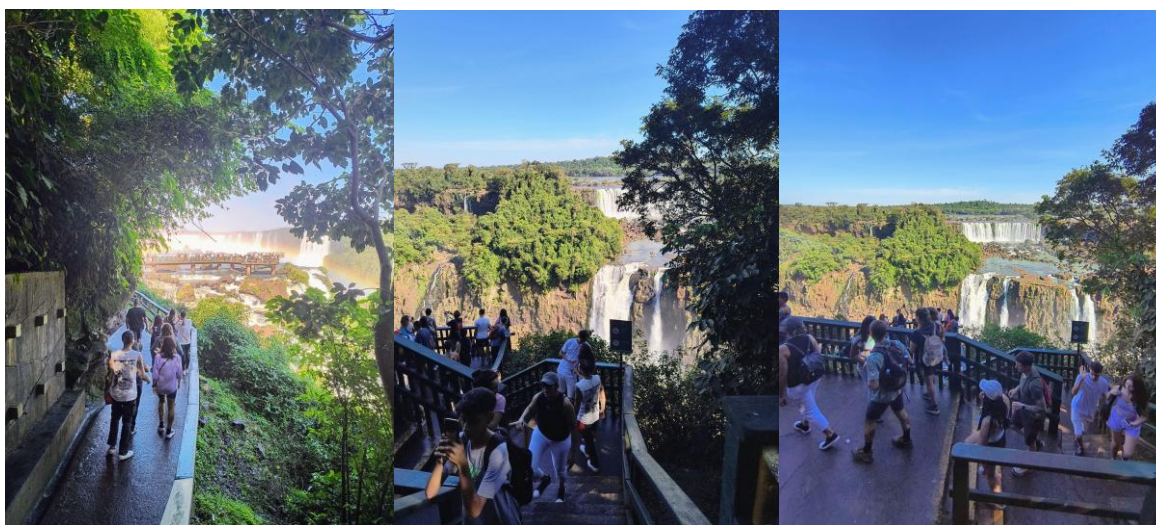
Entre um caso e outro, Jackson vai tecendo suas ideias sobre a realidade que vem percebendo a respeito de como o Turismo de Massa está solapando os três grandes territórios da região, muito especialmente a Foz do Iguaçu. Comentei que, pedalando desde *Jesús de Tavarangue* até próximo dali, eu buscava opiniões a respeito do Turismo nestes lugares, na expectativa de encontrar narrativas

descolonizadoras que se opõem ao hegemônico modo de se fazer Turismo, ainda muito presente no recorte espacial escolhido para desenvolver minha pesquisa.

Jackson, nas entrelinhas, abordou sobre a força resiliente que tem a rede do Turismo Comunitário, indígena ou não, naqueles contextos, por vezes, invisibilizada mas agindo silenciosamente. Esta rede, entrelaçada por toda a Província de Misiones e em alguns lugares do Paraguay, se instaurou de uma forma pouco convencional, e em um outro ritmo, ainda que surgindo nos arredores dos espaços de disputa quando menos se espera, como é o caso, nas cercanias do *Parque Nacional do Iguazu - Argentina*, nas proximidades da comunidade/aldeia *Arapy (ou Comunidade Guarani Mbya Yriapu)*, *Jasy Porã*, *Fortin M'bororé*, entre as mais de 100 outras comunidades e assentamentos existentes no território de geopolítica Guarani. Possivelmente, este seja o maior contingente de Guaranis atuando no Turismo junto à confluência da Província de Misiones com o Brasil.

Imagens 56, 57 e 58

Over nas passarelas do Parque das Cataratas do Iguaçu



Foz do Iguaçu - Brasil

Foto: acervo do autor (Jul - 2024)

Afirmou, também, que aquilo que se entende por comunitário (como o Turismo que se sugere para a região) tende a ser pleno de detalhes, bastante bem explicado, mesclando contemplação, aprendizado e compartilhamento de saberes. Já, o Turismo de Massa, não o é, reproduzindo uma homogeneização das relações e das experiências, redesenhando de maneira topocida (*e inventando uma outra estética que substitua a original*), este 'chakra do planeta', as Cataratas do Iguaçu (na

Argentina e no Brasil), como comenta em uma de suas obras. Lembrei que, em uma conversa anterior, ele sugeriu que as Cataratas não pressupõem fronteiras.

Jackson comenta que essa forma de *ser comunidade* está por todo o lugar onde os Guarani estejam atuando com o Turismo, à sua maneira e a seu tempo, demonstrando que eles têm uma maneira específica de trabalhar, porém, os *juruá* têm dificuldade de perceber. Nas aldeias *Jasy Porã* e *M'bororé*, Jackson comentou que os Guarani estão observando o que está acontecendo, do seu modo, devagar, conversando entre si (como havia comentado Javier Villalba). Para exemplificar a forma por meio da qual ele entende o Turismo de Massa, Jackson se vale da ideia de que a erva-mate, produzida sob a cosmovisão Guarani, era o *espírito* de toda esta região. Já quando passou a ser produzida em escala, ela ficou *sem-espírito* (como visto e *sentido* quando eu estava chegando nos arredores de Santa Ana, ao passar pela *Yerbatera CBS*). De igual forma, sendo produzido em escala, o Turismo de Massa em Foz do Iguaçu é *sem-espírito*, abrevia as experiências e não permite que os que chegam as vivam com simplicidade.

Fixando ainda os comentários em Foz do Iguaçu, ele comentou que a cidade está plenamente voltada e preparada para o Turismo do mundo capitalista, falando e escrevendo em inglês, mas em Guarani não sabem nada. Acrescentou que aquilo que faz referência ao universo Guarani e sua cosmovisão ou é tido como fetiche ou é banalizado. A palavra 'artesanato' não deveria corresponder aos objetos de uso dos Guarani. Aquilo que é visto/percebido pelos *juruá* como artesanato – *algo que não terá função senão a de 'decorar' recônditos de espaços domésticos e privados*, para os Guarani se trata de um objeto com significado e significância, além de ser útil. Este comentário coincide com o de *Karáí Javier Villalba*, no dia 12/04 em Puerto Rico, sendo parte do que expus sobre nosso encontro.

Usando, para encerrar nossa conversa, de metáforas, alegorias e histórias de vida, Jackson sugeriu que o *guata* Guarani seja como uma *acupuntura*, reorganizando a energia dos territórios por onde passam ou retornam, e que nós, os *juruá*, deveríamos aprender muito com eles. O fim da tarde chegou rapidamente, agradei e abracei fraternalmente a Jackson, desejando que nos encontremos em breve. Faltava, ainda, um compromisso no dia seguinte, o último destino da cicloexpedição. Voltar para trás para, ainda assim, terminar pelo começo, recomeçar nosso caminhar, para

somente então, dar por encerrada a coleta de dados e a cicloexpedição.

3.4.8 Oitavo dia da cicloexpedição - *Instituto Superior de Turismo Indígena Karáí Correa - Puerto Iguazú - Argentina.*

Por volta das 8h, na manhã do dia 15/04, cruzamos novamente de Foz do Iguaçu para *Puerto Iguazú - Argentina*, a fim de irmos até o *Instituto Superior Indígena Raúl Karáí Correa*, encontrar-nos com o *Arandú* Prof. Cláudio Salvador e sua equipe e, ainda, finalizar a proposta de coleta de dados com uma pequena palestra oferecida por mim ao corpo discente e docente, mais uma vez, como forma de devolutiva e agradecimento imediato.

O ‘braço direito’ e ‘olhos’ do Professor Claudio, a Professora Viviana Bacigalupo, dirige tanto o *Instituto Superior de Turismo Karáí Correa* quanto a *Escuela Bilingue Intercultural de Turismo Mbya Guarani Clemencia González - Jachuka Yuva Poty* desde 2007, os quais, junto com a *Tekoá Yvyrapú*, integram o *Proyecto Mate*⁸⁰, do qual também é coordenadora. O *Proyecto Mate* integra a *Rede Global de Turismo Comunitário - Travolution*⁸¹, atuando no Chile, Colômbia e Argentina. Outra pessoa que participou de nossa acolhida, muito importante dentro de todos os projetos do *Instituto Karáí Correa* e, principalmente do *Proyecto Mate*, é *Karáí Ñeçhiroá*⁸² Beto Benitez, professor de língua e literatura Guarani, um articulador Guarani *Mbya* entre as comunidades de discentes e o entorno do instituto. Carece lembrar que foi por meio da ‘rede’ do Prof. Cláudio que se teceu outra menor, especificamente para atender às necessidades de minha coleta de dados e aos limites que me eram tão preocupantes. Mais uma vez, terminar pelo começo, aceitar ser envolvido pela *rede*.

Recepcionados com o poderoso *Aguyjevete* em meio a um abraço gigante e a sorrisos, fomos encaminhados a um salão onde se davam as palestras e reuniões maiores no Instituto. No caminho, expus alguns rápidos fragmentos do que fora, até aquele derradeiro momento, a cicloexpedição e, caminhando, tendo à guia de meu cotovelo (Prof. Cláudio é deficiente visual), meu generoso preceptor me conduziu até onde eu faria minha fala, assim como eu havia realizado em Trinidad-PY e em Posadas-AR, dias atrás. Volto a reforçar que as palestras que ofereci durante minha

⁸⁰ Para saber mais, ver: Disponível em: <<https://proyectomate.org/>>, acesso em: 11 nov. 2025.

⁸¹ Para saber mais, ver: Disponível em: <<https://travolution.org/>>, acesso em: 11 nov. 2025.

⁸² Ao conversar informalmente, compreendi que significa ‘aquele que se veste da palavra’.

coleta de dados foram pensadas, justamente, como devolutiva imediata às pessoas e comunidades que participaram da investigação com seus depoimentos e seus sorrisos, com exceção daquela que realizei dedicada aos estudantes universitários de Turismo da UNAM - Misiones - Argentina, no dia 09/04.

Dentro de minhas possibilidades e em conformidade com o universo de incertezas que poderiam advir na consequência de meu Mestrado, desde quando elaborei o planejamento da cicloexpedição senti que poderia devolver às pessoas parte do que eu havia acumulado até aquele momento, no formato de uma exposição oral, em seu idioma (Espanhol), intercalando com *palavras-sentimentos* potentes do Guaraní que eu havia colhido pelo caminho. Pensei que, já que eu estaria ali, naqueles lugares e com aqueles sujeitos, em encontros tão especiais, porque desperdiçar a chance de realizar estas trocas de saberes jogando para um futuro incerto o que se poderia realizar naqueles instantes?

O grupo de ouvintes no Instituto estava formado de discentes (em sua maioria muito jovens) e docentes da instituição, portanto, busquei interpretar o melhor que pude as pretensas e difíceis palavras que compunham, originalmente, minha fala. Por vezes, dei-me conta que, na busca por usar determinados conceitos acadêmicos de maneira tão sem arestas, fazia com que minha fala se distanciasse das pessoas. Quando, porém, resolvi adequar livre e honestamente minha fala aos contextos, ganhei acenos de cabeça, olhos ainda mais atentos e sorrisos aquiescentes. Não era uma questão de facilitar, mas de aproximar da realidade daquelas pessoas a mensagem que se valia de mim para alcançá-las. Aprendi muito durante aquelas oportunidades.

Sigo parafraseando os comentários do Prof. Claudio. Ao final de minha exposição, ele tomou a palavra para tecer alguns comentários sobre minha fala, e começou dizendo que já há muito tempo e em vários foros, se falava muito de um *outro mundo*, urgente e necessário, a fim de evitar-se a permanência de um modelo insustentável de colonialidade. Mais adiante, acabava por concordar comigo (para minha felicidade) sobre a possibilidade de o cicloturismo ser uma forma sutil de Turismo, quiçá como uma alternativa ao Turismo de Massa. Comentou, também, que ao se falar em Turismo de Massa se falava de um Turismo que ignorava a presença de outras formas de vida, incluindo a de povos tradicionais.

Imagem 59 - Pesquisador ministrando palestra sobre o Turismo e a Topofilia

Instituto Superior de Turismo Indígena Raúl Karáí Correa - Puerto Iguazú - Argentina

Foto: Sandra Schiavi (15/04/2025)

O Prof. Cláudio trouxe um olhar sobre o Turismo que muitas pessoas ainda não conseguem perceber, ao expressar que o mesmo pode contribuir para humanizar a vida das pessoas, indo contra a corrente que desumaniza, revelando e dando relevância, assim, não somente às experiências, mas às vivências.

Reforçou, ainda, que o Turismo poderá servir como uma ferramenta de resistência e, quem sabe, de reexistência, mas que isto possa acontecer com rebeldia, não com violência, lembrando de certas palavras do arquiteto e ativista dos direitos humanos, o argentino *Don Adolfo Pérez Esquivel*, agraciado com o Nobel da Paz de 1980⁸³, e que dá nome ao espaço educacional ocupado pelo *Instituto Karáí Correa*. Ao final do encontro, ali no salão de eventos, reinava um silêncio, feições satisfeitas e emocionadas, pequenos suspiros de haver cumprido o que havia proposto e uma sensação de muita gratidão.

Aguardamos um pouco mais na expectativa de encontrar para poder dialogar com o *Karáí Tataendy Santiago Moreira* e *Chaveli Duarte*, lideranças Guaranis Mbya que presidem a comunidade *Jasy Porã* e a *Asociación Civil Mbya en Turismo*, algo

⁸³ Para saber mais, ver: <<https://leonardoboff.org/2020/10/13/adolfo-perez-esquivel40-anos-de-premio-nobel-da-paz/>>, acesso em 21 abr. 2025.

que já estava agendado, porém, não tivemos a sorte de encontrar-nos. O Professor Claudio explicou que, devido às chuvas intensas dos últimos dias, possivelmente, a estrada que leva até a comunidade estava intransitável. Talvez tenha sido este o motivo de não terem conseguido nos encontrar a tempo no Instituto. Vale salientar que, como já fora apresentado anteriormente na fala de *Karáí Javier Villalba*, o *Karáí Tataendy Santiago Moreira* também ocupa o cargo de *Diretor do Turismo Indígena de Misiones*, desde o começo de 2025.

Imagem 60 - Beto, Viviana, Cláudio, Therbio e Sandra



Foto: Sandra Schiavi (15/04/2025)

Deixamos a sala de eventos e nos dirigimos à frente do Instituto cruzando o pátio, a fim de tomarmos umas fotos de despedida. Desta vez, conduzi à guia de meu cotovelo meu preceptor, retribuindo a generosidade anterior, e confessei-lhe que ele havia sido muito perspicaz ao sugerir que eu usasse de sua rede de Turismo Comunitário Indígena para realizar os encontros afetos à pesquisa. Sussurrou que a 'rede' não estava instituída como tal, mas que iria pensar muito atentamente a respeito, unindo as forças de distintas entidades, grupos, povos, enfim, na diversidade, e assim, haveria de fortalecer o engajamento de todos para o mesmo objetivo, *prontos para servir, sempre*. Ele podia não ver, mas imaginava, ou sonhava, como tudo poderia ser, e foi. Conversamos rapidamente sobre dar continuidade a estas colaborações mútuas em 2026, contribuindo com o *Proyecto Mate* e com a *Rede*

Global de Turismo Comunitário - Travolution, organizando eventos presenciais e virtuais, escrevendo artigos a muitas mãos e corações, seguindo, juntos, nosso entretecer.

Minutos depois, nenhuma vontade de ir-nos. Entretanto, despedidas são feitas para dar espaço a futuros novos encontros. Pensei, *assim deveria ser o Turismo sonhado e aspirado por tanta gente que se doa a esta luta, onde não existe 'eles', apenas nós*. Ali, no abraço de meu *Arandu Guazú*, finalizei pelo começo a cicloexpedição *Pave'í Guata Porã* (o belo caminhar, juntos).

Ha'evete⁸⁴!

⁸⁴ Gratidão, no dialeto *Mbyá* Guarani.

4 ANÁLISES SOBRE AS MANIFESTAÇÕES DESCOLONIZADORAS PRESENTES EM NARRATIVAS DO CONTEXTO ESTUDADO

4.1 NARRANDO *PER SI*

Passo ao capítulo de análise, buscando intercalar o que demonstram os dados com o que subsidia a base teórica deste estudo. Trato de esclarecer, preliminarmente, que parte das análises foram *pré-sentidas* enquanto se davam alguns acontecimentos e auscultas (no sentido de buscar *escutar profundo*), em meio à coleta de dados. Neste sentido, é provável que algumas falas tenham sido mais explícitas que outras, e que as interpretações decorrentes, quiçá, sejam mais claras em um futuro adiante deste tempo. Pode ser que o caminho para estas interpretações vá sendo criado, amiúde, quanto mais se trilha ou se trama, corroborando os versos do poeta espanhol Antonio Machado, no poema *Proverbios y Cantares XXIX*⁸⁵.

No cicloturismo, coincidentemente, também não há caminho, há tão somente, possibilidades, como sugere Ferreira (2008, 2021). É possível que o caminho vá sendo co-criado e costurado ao meu existir e enquanto pesquisador enquanto pedalo, transpiro, me equivoco, me sujo e me canso, mas, também quando aprendo, reconheço, descubro, me inspiro, me emociono, enfim, enquanto gravo tudo isso em meu existir, com os outros e suas vidas, (im)permanentemente no vento e nas distâncias.

A respeito da cartografia afetiva, corroborando o que indicam Pereira (2014) e Amorim e Oliveira (2017), ou sentimental como sugere Rolnik (1989), constato que se constitui sem padrões ou modelos, provavelmente para ser uma metodologia que disputa o campo metodológico científico positivista. Se, como sugerem os autores, dada cartografia vem a partir ou por intermédio de pessoas, territórios e comunidades, presumo que venha, também, de parte do pesquisador e das relações que meu existir, na pesquisa, tramou com os seres durante os encontros. E, no universo destes dados, relatos e emoções, posso cogitar que a topofilia transcendeu em direção àquele que a investigava. No território da investigação, presumo que, enquanto pesquisador, eu tenha *caminhado* inúmeras vezes sozinho, porém, quando estive em meio aos encontros, as partilhas dos relatos trouxeram-me conexões e reflexões interessantes.

⁸⁵ “Caminante, no hay camino, se hace el camino al andar”, verso do poema citado acima, incluído no livro *Campos de Castilla*, eternizados na obra *Cantares*, adaptação musical de Joan Manuel Serrat.

Já não considero que atravessei o território, porém, que fui atravessado por ele. As incertezas que perdurarem, provavelmente, se acomodarão e, no tempo certo, haverão de ser revistas. Não há pretensão de que sejam apresentadas verdades axiomáticas a respeito do que foi apreendido das falas, gestos e olhares, nem mesmo de insistir que compreensões se vistam de certezas, porque possivelmente percebi *'tudo em relação a'*, como é a realidade de alguém que viaja se equilibrando em uma bicicleta, sempre *'em relação a'* uma série de variáveis, não tão distinguíveis imediatamente, porém, provavelmente compreendidas enquanto aprendizagem para a vida, ao passar do tempo.

Nesta cartografia afetiva ou sentimental, os relatos e imagens aqui examinados têm perspectivas múltiplas que, provavelmente, agenciam sensações muito díspares, ora do próprio pesquisador, ora de parte do olhar sensível da companheira que estava no carro de apoio (e que colaborou, valorosamente, com a captura da grande maioria dos instantâneos), ora por inferências rizomáticas (Zourabichvili, 2004; Deleuze e Guattari, 1995) que sobrevieram de reflexões originadas muito depois dos acontecimentos.

4.2 CAPILARIZANDO OBSERVAÇÕES

A fim de iniciar as observações específicas sobre contexto da coleta de dados, e ainda que se reconheça que não se trata de um tema essencial a este estudo, percebi certa interseccionalidade interpessoal (Collins, 2022) presente no decorrer da investigação, fosse de ordem geracional, de gênero, raça/etnia, classe, entre outras.

Além disso, foi possível verificar várias posições-chave em organizações ocupadas por mulheres de diversas faixas etárias e origens, como foi o caso da Coordenadora das Missões Jesuíticas no Paraguai, Ana Belén; da *Cacica Ruperta*; da senhora *Castorina Obregón*; da Professora *Viviana Bacigalupo* etc. Insere-se, também, neste contexto, a *Cacica Chabeli Duarte*, com quem não foi possível realizar um encontro para conversar, embora com agenda marcada, a qual dirige projetos na comunidade *Jasy Porã (em Puerto Iguazú)*, onde o Turismo trabalha para o território, compondo parte da rede de Turismo Comunitário e Indígena naquele espaço de geopolítica Guarani. Provavelmente, a interseccionalidade citada nestes contextos pode ser uma demonstração de uma certa prática política agindo para a transformação

das relações de poder (Collins, 2022).

No decorrer da confrontação entre revisão bibliográfica e coleta de dados, pretendi expor, o quanto mais possível, as dimensões topofóbicas e topocidas (Tuan, 2012), ecocidas e etnocidas do Turismo *com características* de Massa, como as relatadas nos comentários relativos às Missões de *Santa Ana e Loreto* e vivenciadas durante o espetáculo de Som e Luz, em *San Ignacio - Misiones*, por exemplo, permitindo, provavelmente, considerar detalhes que muitas vezes não são tão evidentes quando se aborda o Turismo de Massa.

Cogito que nunca é demais fazer frente e se insurgir de forma potente a este respeito, a fim de qualificar ainda mais o discurso acadêmico ante o Turismo de Massa (Moesch, 2000; Moesch e Gastal, 2004), revelando suas novas artimanhas que, no decorrer do tempo, podem se tornar ameaças para lugares e seus seres. Entendo que vale lembrar que *o mal que se faz a um é a ameaça que se faz a todos*, interpretando-se Montesquieu.

De certa maneira, em convergência ao que propõe Moesch (2000, 2002) e Ouriques (2016), é recomendável, como cautela, que se evite esquecer os danos a médio e longo prazo de um Turismo irresponsável. No entanto, concordando com Krippendorf (2022) e Beni (2017) sugere-se que se possa evoluir mais caso se aprenda a converter as mazelas do Turismo de Massa em elementos positivos transformadores, dada sua adaptabilidade e complexidade (Oyarzun Lillo e Taucare Taucare, 2018). Habilmente, pode-se usar a amplitude e comunicação do Turismo como instrumentos de denúncia das forças topocidas, ao mesmo passo que se manifeste as diversas formas de, por meio do Turismo, cuidar, curar e fazer florescer a vida em diferentes territórios, convergindo com o pensamento de Wahl (2016) e Corral-González e outros (2024). Ao pensar assim, considero a topofilia, enquanto doce percepção do espaço e do lugar, como uma transformadora forma de lutar pelo território e por seus futuros possíveis, contribuindo na formação de novas narrativas, metodologias, abordagens, cosmovisões etc, como sugerem os autores e autoras citados neste estudo, entre eles, Ccahua Gutiérrez (2025).

Em face dos benefícios plurais daquilo que se vem acumulando de conhecimento em torno das experiências de outras lógicas e da adaptação de práticas de Turismo, coincidindo com o que indicam Oyarzun Lillo e Taucare Taucare (2018),

é provável que seja possível valer-se dele como elemento topofílico, sensibilizador e instrumental para dar espaço à ascensão de outros modos de ser e viver, como citaram *Javier Villalba* e Professor Cláudio, e que a coordenadora Ana Belén tem possibilitado, a sua maneira, nas missões paraguaias.

Posto isto, entendo que seja igualmente importante trazer à tona que o Turismo, imbuído de fundamentos ecológicos, ecosóficos, interepistêmicos, interétnicos e éticos, pode se apresentar, também, como indutor de novas economias, distribuídas equitativamente em diferentes espaços e grupos subvertendo a lógica hegemônica, acumuladora e centralizadora de receitas (Ouriques, 2016). Vale lembrar que a economia não serve apenas aos interesses capitalistas, ela pode ser adaptada oportunamente para equalizar oportunidades e atender a outras realidades, remetendo ao que sugerem Pollock (2013) e Corral-González e outros (2024).

Pensar, promover e realizar um Turismo composto por elementos endógenos em rede, como de fato pretende o Turismo Comunitário e as outras modalidades citadas, pode permitir que se reúnam pressupostos voltados à geração de espaços de Vida, capacitando novos gestores para a atividade turística emanados das próprias comunidades, de acordo com Ccahua Gutiérrez (2025). Ainda coincidindo com a autora citada e somando o que sugere Corral-González e outros (2024), reforço que o Turismo precisa ser a tela para que comunidades e povos façam suas histórias, saberes e vivências de uma forma que possam perenizá-las, como aspirou *Javier Villalba*. Quem sabe, com estas oportunidades, os sujeitos do encontro (comunidades e turistas) se *inter-revelem*, se descubram mútua e igualmente, fazendo da experiência turística um espaço-tempo de aprendizagens (Moesch e Gastal, 2004).

Encerrando estes argumentos, e convergindo com os autores(as) citados(as), cogito que seja oportuno mudar a narrativa que se faz a respeito do Turismo, inclusive a minha enquanto pesquisador, e passar a dar mais ênfase, relevância e vitrine aos modos potentes, adaptáveis e transformadores que a atividade turística tem assumido e que pode ainda revelar (Oyarzun Lillo e Taucare Taucare, 2018), notadamente, para os territórios onde a vida segue em risco e à margem, como alvos fixos da predação ambiental, da xenofobia, do racismo etc. No *Capítulo 2*, inclusive, busquei sinalizar que algumas características do Turismo Comunitário e Indígena, do Turismo Pedagógico e do Turismo Regenerativo podem conter em si alguns elementos decoloniais contemplados, possivelmente ao reconhecer e valorizar saberes, culturas

e histórias daqueles indivíduos que foram e seguem subalternizados, de modo refratário à persistência da lógica da colonialidade, contribuindo com novas formas destes mesmos sujeitos lutarem e garantirem sua existência, re-existência e não-morte.

4.2.1 Sobre revelações da cicloexpedição

Voltando os olhares à sequência de encontros oportunizados em *Jesús de Tavarangue* e *La Santísima Trinidad*, entendo que, possivelmente, tenha encontrado certas narrativas descolonizadoras no Turismo daquele entorno desde os primeiros momentos. Por exemplo, na fala do guia Andrés, quando citou sobre a ação positiva da Coordenadora Ana Belén de inserir guias nativos treinados realizando conduções de visitantes, a fim de valorizar presença, cosmovisão e participação Guaraní nas missões. Compreendo que, provavelmente, se trata de uma pequena ação adaptativa com uma potência transformadora (Oyarzun Lillo e Taucare Taucare, 2018).

Cogito que, possivelmente, este ato seja uma das formas de se superar o lugar subalterno criado pelo próprio sistema turístico vigente no Departamento. Talvez, seja uma insurgência criativa que se levanta contra os privilégios dos empreendimentos estrangeiros que atuam na região (notadamente estadunidenses, brasileiros e argentinos), rechaçando a valorização maior dada àquilo que chega de fora e à subalternização epistêmica relacionada aos sujeitos das comunidades (Ouriques, 2016; Pires, 2017). De certa forma, é provável que isto seja um sinal que indica que existam transformações em curso, o que pode impactar a conduta de guias de operadoras externas aos sítios.

Quem sabe esta ação de inserir guias Guaranis capacitados nos guiamentos possa servir de exemplo concreto para outros participantes do *trade* turístico regional, quem sabe na hotelaria, na restauração, no recreacionismo e em outros espaços. Carece averiguar se, talvez, isto tudo não seja uma forma de fetichizar a presença Guaraní, atraindo mais demanda, para o que seria necessário realizar uma observação mais apurada.

Porém, como revela a coleta de dados, este movimento de inclusão pioneira de Guaranis como guias oficiais das Missões Jesuíticas Guaranis no Paraguai apresenta, provavelmente e ao mesmo tempo, uma forma de resistência, uma

realidade e um ensinamento para o mundo.

Ainda refletindo sobre o entorno das duas missões visitadas no Paraguay, considero, também, que é provável que se não fosse a atividade turística naquela região, possivelmente os espaços de trabalho e condições para aquisição de renda, não só por parte dos Guaranis, seriam muito limitados ou estariam vinculados à migração para atuar em lavouras de agricultura intensiva.

Ainda a respeito do que se vivenciou durante a pesquisa em campo no entorno das Missões no Paraguay, imagino que dentre os momentos mais tocantes destacasse a maneira que iniciou a condução o guia César, em *La Santísima Trinidad de Paraná*. Ao ouvi-lo declarar que era a partir de seu nome sagrado que ele contaria a história daquele lugar e apresentaria a Missão, passei a considerar o poder da ancestralidade viva naquele lugar e naquele ser, e que, possivelmente, existem muitas dimensões de resistência e reexistência entre os Guaranis que se deva buscar compreender mais profundamente (Benites, 2015; Pradella, 2011).

Naquele momento, reconheci que o guiamento foi conduzido pelo jovem Guarani César, desde o seu nome sagrado, porém, acredito que aquele jovem estava acompanhado e protegido por toda a ancestralidade que ele, provavelmente, invocou. Reunindo estes fatos, imagino que, desta forma, César e sua ancestralidade venceram e continuam a vencer, protegendo o não colonizado (Benites, 2015; Luciano, 2025) e dando testemunho para o mundo. Penso que esta, talvez, tenha sido uma narrativa descolonizadora que aponta caminhos para o que, possivelmente, pode assumir e vir a ser o Turismo, desde outros parâmetros ou perspectivas, que protejam a ancestralidade, os seres, a vida.

Revelo, ainda, que possivelmente este testemunho não faz parte de um pensamento isolado. Durante os poucos dias da cicloexpedição no Paraguay, notou-se que, provavelmente, o idioma do colonizador seja usado como moeda de troca, portanto, para *pertencer* e sobreviver utilizam o espanhol. No entanto, percebi, também, que quando querem algo em segredo, falar sobre o que sentem, discutir suas razões, firmar um pensamento, entre tantas outras coisas mais profundas, utilizam o idioma guarani. Observei, assim, que talvez se trate de outra forma de narrativa descolonizadora e de resistência no cotidiano, não apenas presente no Turismo.

Na sequência, em *Posadas - Misiones*, foi surpreendente constatar o grande

número de jovens buscando formação superior em Turismo e, principalmente, com ênfase na perspectiva Comunitária. Em outras instituições, quem sabe, esta ênfase não seja tão contemplada, visto que se encontram tecnicaturas superiores em Turismo voltadas, quase que exclusivamente, para a Gestão, de acordo com o que foi apresentado em relação aos cursos ofertados pelo *IMES - Instituto Misionero de Estudios Superiores*, apenas para exemplificar.

No que compete à parte da cicloexpedição que alcançou as missões de Santa Ana e Loreto, especificamente, observei que existem narrativas negativas silenciosas que se manifestam na forma de abandono ou de alternância de sentido, quem sabe até em vias de topocídio, como orienta Tuan (2012). Compreendo que parte do prejuízo arquitetônico verificável em ambas missões possa ser devido não somente à ação do tempo e das intempéries, mas quem sabe a saques, vandalismo e, possivelmente, até mesmo à gestão. Nestes casos, uma possibilidade interessante seria utilizar os elementos atrativos e persuasivos do Turismo adaptados e convertidos (Oyarzun Lillo e Taucare Taucare, 2018) para continuar contando a história desde a perspectiva Guarani, porém, valendo-se, quem sabe, de outras ferramentas criativas como audiovisuais, além de encenações criadas e geridas por membros das comunidades do entorno com apoio de coletivos sociais ou de instituições de ensino superior regionais, incidindo na probabilidade de geração de trabalho e receita digna.

A sensação de penúria, ao se transitar silenciosamente de bicicleta pelos entornos das duas missões citadas em território argentino, pode suscitar uma série de questionamentos, visto que contrasta com o imenso investimento perceptível ao redor delas, onde imensidões são tomadas pelo reflorestamento baseado em monocultivo de uma variedade que, notoriamente, não contribui com a biodiversidade e com a vida em seu contexto.

Nos dois casos, ao percorrer o entorno de Santa Ana e Loreto, registro que as comunidades daquele contexto, provavelmente, estejam aprisionadas a ter seu sustento atrelado (não havia como notar outra coisa) às fazendas de monocultura ou ao trabalho na unidade penal, porque nota-se que o Turismo não foi planejado e gerido para oferecer outras oportunidades e resultados.

Talvez, o que emergja da coleta de dados pareça amplificado ante o contraste entre as missões citadas e os infinitos horizontes da monocultura no território

missioneiro, porém, há um detalhe que talvez corrobore o que foi exposto durante o relato da cicloexpedição, e que chamou a atenção. Percebi que a duplicação da Ruta Nacional 12 privilegiou os acessos mais próximos às fazendas de reflorestamento, tanto que as entradas viárias para os dois patrimônios reconhecidos pela UNESCO estão invisibilizadas, soterradas na contramão do ‘progresso’ e, diante disso, a caminho do topocídio (Tuan, 2012).

Já ao chegar a San Ignacio, mais um contraste, porém, desta vez proporcionado pelo comportamento da gestão voltada ao principal atrativo da cidade e daquela região. O que relatei ter vivenciado na *Missão Jesuítica Guarani de San Ignacio* me fez pensar que seja provável que a exploração daquele patrimônio como atrativo só seja possível, naquela missão, por estar com alto grau de preservação, o que *justifica investimentos*, diferente das missões anteriormente citadas. E, por consequência, compreendi que boa parte da economia daquela cidade (com características bastante capitalistas) gira em torno do seu principal atrativo e da exploração do turista, não do Turismo (Ouriques, 2016, Krippendorf, 2022; Moesch e Gastal, 2004). Outra reflexão que se soma à experiência relatada é a que leva a pensar sobre o caráter topofóbico gerado pelo arranjo da saída do espetáculo de Som e Luz coincidindo com a localização da feira de comércio de *artesanato* (Tuan, 2012).

A partir do que observei e absorvi na coleta de dados realizada neste lugar, é provável que não seja difícil imaginar que, diante do volume de visitas mensais, possa vir a existir uma parcela de visitantes que tenha se sentido tão mal quanto o que consta em meu relato, sugerindo-se a topofobia (Tuan, 2012) e que, natural e provavelmente, não queiram regressar. Não pretende me referir, tão somente, ao atendimento nada gentil durante a empreitada do *cross training noturno* que pesquisador e companheira fomos obrigados a passar para assistir ao audiovisual carregado, do começo ao fim, de um discurso de colonialidade em suas diferentes dimensões (Quijano, 2000; Mignolo, 2003; Maldonado-Torres, 2022).

Antes, porém, busco aludir à gestão do patrimônio reconhecido pela UNESCO, que permite tratar os visitantes como números a preencher o caça níquel do Turismo de Massa (Ouriques, 2016; Krippendorf, 2022). Aclaro, uma vez mais, que não é apenas o número de visitantes, ou o volume de demanda em um determinado período, que caracterizam um destino como sendo de massa ou não, mas potencialmente os comportamentos dos visitantes manipulados para corresponder ao condicionamento

idealizado pelos gestores do destino (Beni, 2017, Barretto, 2003).

E, coincidindo com o que foi observado na coleta de dados que, além do apelo veranista do Balneário Municipal *Playa del Sol* e do *Club del Rio* (balneário privado), compreendo que sejam poucos os motivos evidentes na cidade que justifiquem a visita ou estada.

No tocante à falta de manutenção da estrutura rodoviária citada na coleta de dados, constatei haver comprometido a experiência cicloturística, obrigando-me a galgar por entre buracos, pedras e troncos no inexistente acostamento por 17 km. Tendo isto em mente, o que cogito é que, se para uma bicicleta era quase impossível utilizar esta estrutura, qual não será o desafio para um veículo automotor que necessite fazer uso deste apoio? O risco de acidente era altíssimo e se mantinha à espreita. Ainda que tenha insistido em pedalar nestas condições até *Gobernador Roca*, em nada contribuiu para uma percepção mais aguçada do contexto.

No entanto, mais tarde, a chance oportunizada pela *Cacica Ruperta* de dar-se conhecer um fragmento do contexto de vida do *Tekoá Yacutinga* é um momento que rememoro constantemente. Seu testemunho demonstra que ela, provavelmente, tenha a compreensão de como funciona o sistema hegemônico e que ela sabe jogar com ele, desviando-se de suas armadilhas e instruindo seu povo a produzir a própria sobrevivência, interpretando a relação de resistência que mantém com aquilo que não habita o *tekoá* (Angeli e Caldas, 2024). Depreende-se daí que ela mantém topofilicamente seu povo organizado e ativo, envolvido com a continuidade do cultivo e produção da erva mate nativa, cuidando e curando seu território, fazendo com que a comercialização das artes, de liquidez imediata, não ceda à mera mercantilização de sua cultura e, conseqüentemente, da vida (Corral-González et al., 2024; Borges, 2002).

Observei que, enquanto professora e agente de saúde do município, a *Cacica Ruperta* segue conectada e atenta de forma interepistêmica com o mundo *juruaá*, buscando ajustar a simetria entre o conhecimento ocidental e o indígena, visando resguardar os seus iguais. Por meio do aparelho celular (instrumento carregado de colonialidade que ela não largou nem por um minuto sequer durante o encontro com o pesquisador), verifiquei que ela coordena outros parentes à distância, se informa, provê e se mantém preparada. Por meio daquele *gadget* que ela demonstra dominar com destreza, interpreta qual natureza de visitantes quer ter em seu *tekoá*, indicando

que o Turismo Comunitário e Indígena parte das decisões da própria comunidade, por meio da escolha de como, quando e por quem ela quer ser visitada (Bartholo, Sansolo e Bursztyn, 2009; Sampaio, 2007b), possibilitando que os resultados econômicos destes encontros sejam geridos pela própria comunidade.

Assim, percebi que a *Cacica Ruperta* segue como uma das partes fundamentais da *rede invisível* de Turismo Comunitário e Indígena do Professor Claudio, interagindo de maneira interepistêmica. Possivelmente, a narrativa potente que a Cacica trouxe seja muito mais do que descolonizadora para o pesquisador, apontando para os caminhos por meio dos quais ela está buscando fortalecer a ancestralidade e aquilo que não foi ainda colonizado, como orienta Baniwa Luciano (2025).

Indo um pouco mais além nas análises dos elementos observados na cicloexpedição, no recanto agroecológico da La Casona Rural, compreendo que uma vez mais a rede 'invisível' de Turismo Comunitário e Indígena de Prof. Claudio se manifestou. Sua sugestão para que o pesquisador e companheira realizassem sua hospedagem neste local, compreende-se agora, provavelmente tenha sido um raciocínio que uniu a possibilidade de conhecer como trabalha o *Circuito Turístico Agroecológico de Misiones*, por intermédio de Rosana Silva, e a oportunidade de encontrar *Karai Mini Javier Villalba*. Compreendo, então, que a coincidência de estar hospedados em um dos empreendimentos que promove o Turismo com outra 'pegada' regionalmente, permitiu que se compreendesse que este tipo de proposta se anuncia e se divulga, muitas vezes, dentro de grupos que têm a mesma iniciativa, abrindo mão, como é o caso, de uma exposição voraz nas mídias de massa (eles têm apenas um pouco mais de 600 seguidores no Instagram)⁸⁶. Mais ainda, observei que a maneira de ampliar o seu raio de ação e atingir novos contatos se dá, como eles mesmo anunciam, por meio de redes de *Turismo de Solidariedad* (Irving; Azevedo, 2003), ou Turismo de Base Comunitária, como se conhece no Brasil (Bartholo, Sansolo e Bursztyn, 2009; Sampaio, 2007b).

Já durante a conversa com *Javier Villalba*, foi possível perceber a concepção de novas *panagens* (parte visível de uma rede formada pela malha de fios), da rede de Turismo Comunitário e Indígena. Ele ressaltou que seu povo vem tecendo uma

⁸⁶ Para saber mais, ver: <<https://www.instagram.com/turismoagroecologicomisiones/>>, acesso em: 18 dez. 2025.

fase de conversas, de organização e definições para oportunizar pequenas experiências de Turismo, no seu ritmo e sem se importar com volumes de demanda.

De acordo com seu relato, compreende-se que desejam, concordando com Ccahua Gutiérrez (2025) e Corral-González (2024), promover e pensar diferentemente o Turismo, caracterizado por potencialidades endêmicas do território. A partir disso, que absorvam, enquanto aprendizagem, a experiência econômica positiva do que já se realiza em *Puerto Iguazú*, porém, determinando seus próprios limites, somados à conservação e proteção de seu *ñandereko*, de sua cosmovisão, sustentando a valorização e proteção com foco no não colonizado (Luciano, 2025).

Com base no que transmitiu, *Javier* demonstra permanecer atento aos meandros e arapucas que as instituições armam para manter o poder. Aparentemente, ele demonstrou entender o trabalho que realiza o *Instituto Superior de Turismo Indígena Karáí Correa*, mais que tudo, a respeito da formação ético-política dos estudantes e, assim, da rede que se arma em torno do Turismo Comunitário e Indígena, para quem sabe, no futuro, contar com novas lideranças disputando no cenário político-institucional da *Provincia de Misiones*.

Seguindo para *Puerto Libertad*, entendo que foi oportuno visualizar empreendimentos que se dedicam a capacitar e qualificar jovens para atuar no Turismo e na Hospitalidade, quiçá involuntariamente colaborando com a complementaridade da rede de Turismo Comunitário, visto que alguns egressos serão absorvidos pelo mercado regional, porém, outros poderão ser integrados às oportunas experiências de hospitalidade doméstica que tendem a surgir, o que permitirá, possivelmente, ingresso de receitas para as famílias do contexto (Camargo, 2004).

Já inter cruzando os comentários de Jackson Lima com o que foi percebido no cenário de Foz do Iguaçu, é possível notar que está implícita em seus comentários a ideia de que o Turismo deve servir aos territórios e não, o contrário, seja como um horizonte para aprendizados interepistêmicos, seja como forma topofílica de cuidar, regenerar e curar o território (Pollock, 2013; Ccahua Gutiérrez, 2025; Tuan, 2012).

Diante das notórias, múltiplas e inimitáveis possibilidades da natureza e cultura em seu entorno e em convergência ao que indicam os autores, acredito que Foz do Iguaçu poderia ser a face da topofilia sustentada por redes interculturais e socioambientais de Turismo, ainda que se saiba o quão preocupantes são os interesses, as forças e os condicionamentos existentes na cidade e no contexto onde

está inserida (Shahadeh, 2023; Brighenti, 2018; Friggeri, 2021), como já comentado. Entretanto, seria interessante considerar que, por meio de iniciativas políticas e de gestão territorial, conectadas aos pressupostos curadores, restauradores e regeneradores advindos das organizações envolvidas com a rede de Turismo Comunitário e demais, o entorno regional de Foz do Iguaçu provavelmente contenha as condições para se converter em um contexto onde a topofilia pudesse ter espaço, alcançando seres, saberes e territórios.

Diante do que emerge dos dados e dos relatos, considero que a união de forças das redes que vão além do Turismo tenha um certo poder de chamar a atenção da opinião pública a respeito das inúmeras valências que existem em Foz e região transnacional. A partir da confrontação entre teoria e dados coletados, metodologicamente, suponho que a rede de Turismo Comunitário e Indígena que está ao alcance de Foz do Iguaçu possa ser regeneradora *per se*, possibilitando adaptar, reorganizar e curar os territórios ao envolver os turistas neste papel de defesa da ancestralidade (Luciano, 2025; Gutiérrez Aguilar, 2019), de restauro e cuidado contínuos, além de poderem se tornar seus principais divulgadores espontâneos (Tuan, 2012; Cahua Gutiérrez, 2015; Sampaio, 2017b; Pollock, 2013; Corral-González et al., 2024).

Tendo esta perspectiva em mente, é possível que certos turistas desenvolvam a tendência de se converter nos maiores promotores, também, de topofilia. Quem sabe resulte que o Turismo Comunitário e Indígena, no seu modo de existir, possa ser um dos meios por restaurar, *reavivar* e reflorestar o contexto de integração regional por intermédio da reorganização da presença *juruá*, já não como estranhos, mas como *co-laboradores* deste regenerar (Pollock, 2013).

É possível que, silenciosamente, a rede de Turismo Comunitário e Indígena, emanada pelo Instituto Karai Correa e fortalecida por outras formas adaptativas complexas de Turismo (Oyarzun Lillo e Taucare Taucare, 2018), tenda a ampliar sua malha e alcançar outras iniciativas agroecológicas e regeneradoras envolvidas por caminhos Guaranis e por sua geopolítica. Estas iniciativas, quem sabe, possam e precisem ser integradas neste compartilhamento de saberes endógenos e afetos ao território transnacional em destaque nesta pesquisa. Face ao que se apresenta tanto nos relatos da coleta de dados quanto na base teórica deste estudo, é possível inferir

que o avanço desta rede de Turismo seja um horizonte de esperança dentro da atividade que, concretamente e aos poucos, possa tomar forma e força.

Ao dar-se por encerrada a coleta de dados por onde ela teve início, nas palavras do Professor Claudio Salvador e no *Instituto Superior de Turismo Indígena Karai Correa*, pretendeu-se que o laço que arremata as linhas que unem a trama da rede de Turismo Comunitário se consolide, seja pela participação ativa indígena Guarani, pelo cuidado regenerativo dos roteiros agroecológicos ou pela formação de novas lideranças ético-políticas no Turismo, entre tantos outros elementos testemunhados. De acordo com o que emerge dos relatos da coleta de dados, suponho que há indícios que se está por encarar horizontes de luta que estão se costurando à vida do território, e que importa potencializar a adesão de novos parceiros institucionais e apoiadores à formação/qualificação em Turismo, tanto do jovem indígena quanto de outros sujeitos comunitários, de sorte a que se percebam contemplados no compartilhamento de suas aprendizagens mútuas e cosmovisões (Ccahua Gutiérrez, 2025; Pollock, 2013; Corral-González et al., 2024).

E, ainda que possa existir muito a discorrer sobre outros detalhes, questiona-se qual deve ser o trabalho da academia, e dos próprios Turismólogos, na construção da práxis descolonizadora de Turismo que se cogita ou se sonha?

A pesquisa indica ser imprescindível que se *re-considere* a experiência turística para que a mesma esteja fundada e motivada por encontros interculturais, interepistêmicos e topofílicos, e que isto contribua para a *re-significação* do Turismo, concretamente, por meio de formação e qualificação ético-política dos sujeitos, além daquela de caráter profissional. Compreendo, também, que ao buscar-se promover adaptações no Turismo que o levem a servir aos territórios, permite-se ou se possibilite que a existência de outros mundos e seres seja exequível.

Com base no que foi aprofundado na pesquisa, é oportuno considerar-se a relevância que pesquisadores da área, com o apoio de outros campos do saber, se disponham a aprofundar formulações de Turismo transdisciplinares que o contemplem e considerem como um sistema vivo, mitigando seus impactos ou efeitos danosos, sendo possível também restaurar, curar e regenerar os pontos de sua rede que, ao passo da luta, venham a se desalinhar (Moesch e Gastal, 2004; Irving; Azevedo, 2003; Pollock, 2013; Oyarzun Lillo e Taucare Taucare, 2018; Luciano, 2025). Na perspectiva de evolução das aplicações e conceitos, imagino que outras novas formas

descolonizadoras de Turismo surjam e acessem fontes de saberes complexos, interculturais, solidários, ancestrais, comunitários, regenerativos, indígenas, entre outras, favorecendo contribuições, ao mesmo tempo, mais profundas e cada dia mais distantes do universo do Turismo de Massa.

Já, a respeito da possibilidade de indicar certa viabilidade para um pretenso *Caminho Transnacional de Cicloturismo*, compreendo que sua ideação e gestão possam partir dos articuladores responsáveis pela sugestiva rede de Turismo Comunitário e Indígena que está a formar-se, que são os que mais e melhor conhecem o território, por mais que possam contar com o apoio técnico de outros atores acadêmicos ou não. Além disso, com base na adaptabilidade dos sistemas turísticos complexos e nas ações de Turismo Regenerativo, sugere-se que alguns lugares citados na coleta de dados venham a passar por adaptações, transformações estruturais ou de gestão de serviços, que notadamente sejam indicadas pela rede de Turismo Comunitário e Indígena em formação.

Tomei a liberdade de evitar a indicação de atividades ou ações que oportunizem experiências além daquelas exploradas na trajetória estudada. Justifico esta posição por buscar convergir com os elementos que, no Turismo Regenerativo, Comunitário, Indígena, Pedagógico, e na abordagem dos CATS, afirmam que mais importante do que criar atividades que preencham o dia e dispersem o turista, é a intencionalidade de que ele se envolva, vivenciando sua presencialidade junto às comunidades que o recebam. Nestes casos, mais importante que ‘fazer’, é ser/estar (Oyarzun Lillo e Taucare Taucare, 2018; Pollock, 2013; Pereira et al., 2024).

No entanto, compreendo que para a prática de cicloturismo não seja necessário valer-se de pouco além do que a estrutura viária já existente, no tocante a novas estradas, viadutos ou pontes. O que se aconselha é que, por lógica, exista um preparo estrutural que contemple o cicloturismo, a fim de proteger a integridade deste tipo de viajante e do ambiente. Neste preparo que se cogita inclui-se a manutenção preventiva de pontes e *guardrails*, a instalação de zonas de velocidade controlada, a melhoria da qualidade dos acostamentos, a constância da sinalização horizontal e vertical, entre outros aspectos simples, mas que impactam sobremaneira na qualidade da experiência cicloturística.

Observo ainda que, os poucos argumentos desfavoráveis ou que tornariam inviável, neste momento, a concepção de um '*Caminho Transnacional de Cicloturismo - CTC*' (foi nomeado desta forma apenas como ilustração), poderão ser revistos em um futuro plausível, como citado a respeito da estrutura viária. Além deste quesito, diante da natureza topográfica do entorno, com pouco e leves aclives, cogita-se a possibilidade de que fossem integrados outros traçados internos municipais e intrarregionais que venham a ampliar o alcance de experiências comunitárias, indígenas, regeneradoras, agroecológicas, interculturais etc. por toda a extensão da trajetória estudada, de *Jesús de Tavarangue*, inter cruzando Misiones até Foz do Iguaçu.

Vale considerar destaque, também, para o caráter hospitaleiro das comunidades, indígenas ou não, presentes na trajetória, o que reforça que o pretense território sugerido para tecer o CTC - *Caminho Transnacional de Cicloturismo* é, em sua maioria, oportuno para viajantes de bicicleta de diferentes origens, os quais pretendam permanecer cicloviajando dentro do Caminho ou se utilizem dele para acessar outros pontos de Argentina-Brasil-Paraguay, como chegar à região das Missões no Rio Grande do Sul - Brasil, tomar a direção da Cordilheira dos Andes cruzando o *Chaco* - AR ou conhecer *Asunción* - PY e seguir por *Formosa* - AR até *Salta* - AR, por exemplo.

Naqueles lugares desprovidos, no momento, de estruturas de hospedagem e outros serviços de apoio ao turista como citado, poderão ser cogitados novos espaços para experiências de hospitalidade doméstica, capacitados e geridos pelas comunidades ou pela própria rede de Turismo Comunitário e Indígena.

Finalizando, abaixo, na Figura 13, exponho como sugestão o traçado viável que poderá inspirar a concepção de um *Caminho Transnacional de Cicloturismo*, contemplando os pontos de interesse já citados, baseado nas premissas e relatos apresentados durante a pesquisa. Nele, tomei a liberdade de incluir, como sugestão, a *Missão Jesuítica Guarani de San Cosme y Damian*, no Paraguay.

Indico, também, o link⁸⁷ e QrCode para o *Memorial de Viabilidade Técnica*, onde consta um grupo de parâmetros de planejamento, organização, estruturação, capacitação, comunicação e desenvolvimento de métricas para auxiliar na viabilidade

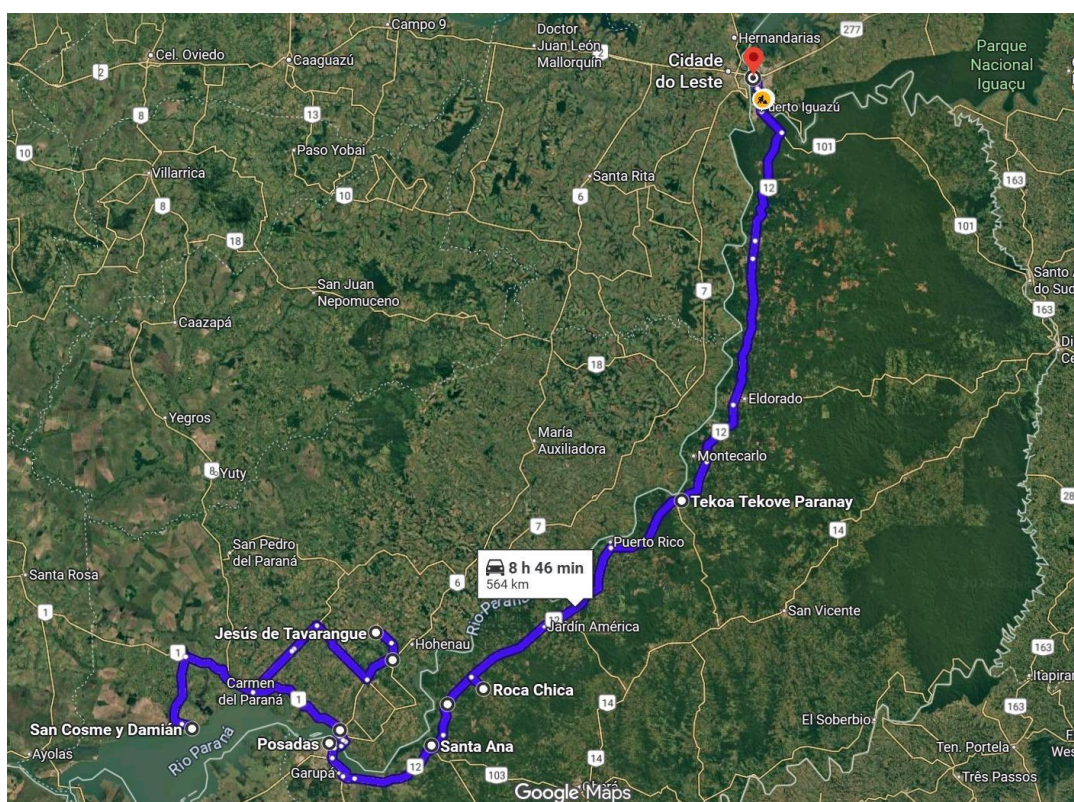
⁸⁷ Para saber mais, ver: <https://drive.google.com/file/d/16h4TQxsWqr-Yvh7Dghn5-968XK3TTRK9/view?usp=drive_link>, acesso em: 04 jan. 2026.

de concepção futura do *Caminho Transnacional de Cicloturismo*. Estes acessos ficarão indefinidamente à disposição dos interessados.



QrCode para o Memorial de Viabilidade Técnica

Figura 13 - Traçado viável sugerido



Fonte: elaborado pelo autor utilizando o app Google Maps

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendendo o caráter incremental da pesquisa, considero ter perseguido os objetivos desde a fundamentação teórica, a coleta de dados até alcançar suas análises. Em busca de uma práxis descolonizadora no Turismo, caberia refletir que escolher pelo cicloturismo possa ter sido, em si, um ato descolonizador, ao sugerir-se utilizar esta forma de viajar, no contexto estudado, dada sua essência que contraria o comportamento característico dos viajantes pertencentes à categoria 'Turismo de Massa'. Ainda que se tenha feito uso de carro de apoio, especificamente para salvaguardar o pesquisador, a proposta de prototipar em bicicleta um *caminho transnacional cicloturístico* a ser considerado, quiçá futuramente, como componente do Turismo Comunitário e Indígena regional, dentro de uma geopolítica Guarani e aberto à interculturalidade, é um tanto inovadora, o que faz com que subentenda ter contemplado, assim, o Objetivo Específico "d" deste estudo.

A chance de me aproximar enquanto pesquisador de diferentes realidades de Turismo, como as que tive acesso em vários pontos do percurso da cicloexpedição, possibilitou cogitar iniciativas de superação de possíveis ideias subalternizadas ainda resilientes no território, por exemplo, como a de converter o olhar crítico dirigido ao Turismo em uma nova perspectiva, que busque vislumbrar e dar evidência às capacidades transformadoras que a atividade traz consigo, caso a mesma seja concebida desde uma proposta topofílica e interepistêmica. Considera-se que fui privilegiado e afortunado ao ser instruído pelo Prof. Claudio Salvador a unir alguns pontos da trama de sua rede pessoal de Turismo Comunitário e Indígena, o que me oportunizou a chance de tecer a coleta de dados. Ao encontrar sujeitos e lugares como os que foram citados neste trabalho, presumo que se esboçam, por si só, trajetórias viáveis ao cicloturismo, integradas desde uma geopolítica Guarani, interconectando caminhos que conduzam a diferentes vivências interculturais, pedagógicas, comunitárias.

Ao auscultar as narrativas daquelas pessoas e ter uma breve noção do que forma o seu viver e sua relação com o *pensar-fazer* turístico, compreendi que suas vivências suscitam parte da resistência da vida do território que se organiza para fazer frente à presença constantemente ameaçadora do Turismo de Massa e seus desdobramentos. Por intermédio deste posicionamento, vislumbra-se esperanças

diversas que estão sendo fonte para alternativas de Turismo (como diria o Prof. Claudio) nas modalidades de Turismo Comunitário, Indígena, Agroecológico e Regenerativo, as quais rascunham a forma, já presentificada, da almejada atuação em rede contra hegemônica de Turismo. Estes elementos se direcionam ao que se tencionava apresentar dentro dos objetivos específicos 'a', 'b' e 'c'.

Um dos mais significativos aprendizados que emergiram da investigação, tanto da parte teórica quanto daquela experimentada em campo, foram as reflexões provocadas pela condição de revisitar este território, porém com olhos voltados à interpretação deste chão contínuo e ilimitado do *caminhar* Guarani e, por consequência, pela observação, ainda que momentânea, de sua geopolítica.

Declaro oportunamente que, quando elaborei desenvolver o presente estudo em busca de uma práxis descolonizadora de Turismo rascunhada por entre os territórios citados e movida pelo *caminhar* Guarani, não imaginei que, da mesma forma, encontraria vivências tão inspiradoras que me fariam reconsiderar minhas próprias ideias e conjecturas sobre o Turismo. Reconheço a relevância deste aporte para futuros aprofundamentos que pretendo realizar na área dirigidos a sua aplicação por meio de redes comunitárias envolvidas na atividade.

Considero, ainda, que é na continuidade do *caminhar* que a luta popular pelo território da vida, e pela vida mesma, desenha novas formas de resistir e re-existir e, quiçá, por meio dos olhares apresentados sobre o Turismo, algo desse *existir* seja oportunizado, contemplado. Constato, tendo em vista o que a pesquisa expõe, que nem toda luta carece de armas e embates físicos. Talvez muitas lutas sigam, silenciosamente, subvertendo o que está posto e o que se têm por hegemônico, pedagogicamente (Candau, 2010). Talvez, estejam transfiguradas nas danças, falares e cantares, e, neste caso, na *chipa*, no mate e em tantas outras expressões que, quiçá, se não fosse o Turismo (e não o Turismo de Massa), haveriam desaparecido.

As lutas são parte do fazer humano, das culturas e de suas expressões e, talvez, por meio delas seja oportuno buscar um caminho de transformação social, político-epistêmica, que faça frente à cultura hegemônica e suas variantes, inclusive no Turismo. Vale lembrar que o Turismo de Massa segue sendo uma das ferramentas do Capitaloceno, mas provavelmente, tenha-se que descobrir novas formas de descolonizar a própria ideia que as pessoas têm sobre Turismo, a respeito de suas características aglutinadoras, criativamente adaptáveis, promotoras de bem estar e de

conhecimento para a vida. Nem tudo são flores no Turismo, mas nem tudo são espinhos, também.

Ao considerar que não exista economia apenas dentro do capitalismo, dependendo do tipo de trabalho colaborativo e cooperativo das comunidades, da gestão da prática operacional e do destino turístico, além do comportamento controlado de demanda, creio que os benefícios das receitas geradas pelo Turismo podem ser equalizados de forma digna e equânime, a fim de superar desigualdades postas e impostas pelo sistema hegemônico, o que se instaura como um aprendizado social e político a ser materializado nos territórios.

Neste ponto, tomando o que indicam Pollock (2013), Oyarzun Lillo e Taucare Taucare (2018), Moesch e Gastal (2004), Ccahua Gutiérrez (2025), Corral-González (2024), entre outros, possivelmente coexistam certos aspectos de uma interculturalidade como processo em construção da descolonização do Turismo que, além de buscar promover a integração, também problematize desigualdades e assimetrias histórico-sociais, políticas e econômicas, não se contentando em apenas evidenciá-las.

Busquei aclarar, nesta perspectiva, que o Turismo possa ser interpretado como o conjunto de viagens com caráter relacional e contextual, complexo, polissêmico e fluido, imanente e emanente dos fenômenos humanos, que interage protegendo o não-humano, o simbólico e ancestral. Evidenciei, ainda, que por meio destas manifestações e expressões, por intermédio da geração de topofilia onde ocorra, o Turismo possa assumir seu caráter sensibilizador, pedagógico, para muito mais além de tão somente aproximar as pessoas e possibilitar relacionamentos entre os 'diferentes'. Em tempo, o Turismo pode ser pensado como um espaço-tempo de intercâmbios mais profundos que promovam diferentes culturas, lugares, saberes, pessoas, sonhos, dando um sentido ainda mais pleno para as diferenças.

Ressalto, então, que o Turismo, descaracterizado de suas vestes topocidas, etnocidas, ecocidas e cosmocidas, enfim, possa ser usado ou subvertido como uma estratégia de resistência a romper com a ordem hegemônica estabelecida (insurgir), passe a reafirmar a vida e a identidade de todos os povos e seres (re-existir) e possibilite o *re-viver* (o florescer e reflorescer da vida), em todos os ambientes em que se dê.

Retomando sobre um dos temas fundamentais deste estudo e correlacionando-o com a circularidade presente, tanto no ciclismo quanto no *caminhar* Guarani, rememoro que a palavra Turismo, segundo os estudos etimológicos de Fúster (1985), provém da expressão de origem francesa *tour*, que por sua vez deriva do substantivo latino *tornus* e do verbo *tornare*, ambos com o significado próximo ao dos verbos *girar*, *retornar*, *voltar* (Moesch, 2013), de onde se depreende o ciclo implícito na viagem ou movimento de ir e voltar, ou como penso, de *ir, mas, voltar*. Com esta ideia em mente, vale indicar que, em termos de deslocamento mecânico, o ato de pedalar é o mais próximo do ato de *caminhar*, o que remete o pesquisador, novamente, de volta ao ‘*belo caminhar*’ Guarani (*guata porã*).

Aspiro que este estudo possa servir como contribuição para novas e profundas investigações, colaborando para que mais acadêmicos tenham o Turismo como objeto de estudo, mesmo que desde diferentes perspectivas epistêmicas. Da mesma forma e diante do que evidenciou a pesquisa, vejo como relevante que a UNILA - Universidade Federal da Integração Latino Americana possa ampliar a janela de diálogo sobre este tema, por meio de eventos ou grupos de estudo, integrando-se com universidades, como a UNAM - *Universidad Nacional de Misiones*, por exemplo, e com instituições técnicas e sociopedagógicas tão inspiradoras como o *Instituto Superior de Turismo Indígena Karáí Correa*. Como forma de devolutivas posteriores à escrita deste estudo, pretendo elaborar um videodocumentário de curta duração em canal próprio no Youtube, além de uma série de *podcasts* disponibilizados no site de minha organização, *Rizoma Ecossistema Epistêmico de Inovação*⁸⁸.

Finalizando, reflito que ao viajar pedalando por entre *caminhos Guaranis* que tomavam o chão, os rios, as nuvens, presenciei a materialização e manifestação de sua ânsia por resistir e re-existir enquanto povo. Desta forma, reunindo os diálogos entre a bibliografia e a aprendizagem de campo, presumo ter apresentado como o cicloturismo pode servir para gerar experiências interculturais que promovam a integração regional (AR-BR-PY) e insurgentes práticas descolonizadoras no Turismo, respondendo à questão de pesquisa.

⁸⁸ <https://www.rizomaecossistema.com.br/>

Em igual medida, acredito ter alcançado o objetivo geral deste estudo ao observar o cicloturismo enquanto contribuição cultural viável à integração regional Argentina – Brasil – Paraguay por meio de perspectivas sensíveis que valorizem narrativas descolonizadoras no Turismo.

REFERÊNCIAS

ABREU, V. H. S.; SANTOS, A. S. O cicloturismo como atividade sustentável. In: SALDANHA, L.; SOUZA, H. A. S.; DECASTRO, J.; BALASSIANO, R. (Orgs.) **III Encontro para o Desenvolvimento do Cicloturismo: Governança para Desenvolvimento Regional**. Rio de Janeiro: COPPE - UFRJ, 2021. Disponível em <<https://planett.com.br/publicacoes/>>, acesso em: 09 jun. 2024. [p.168-186]

ACERENZA, Miguel Ángel. **Administração do Turismo**. Vol.2. Caxias do Sul - RS: EDUCS, 2003.

AMORIM, Rafael; OLIVEIRA, Dinah de. A escrita afetiva como método de cartografia do território urbano. In: **26° Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas**, 2017. Campinas - SP. Anais do 26° Encontro da Anpap. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017. p.1431-1447.

ANGELI, Ana Amélia Cardoso; CALDAS, Frederico de Lemos. No passo Guarani: contribuições para pensar os corpos neste chão Brasil. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**. São Carlos, v. 32, e3771, 2024. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO290437711>> . Acesso em: 21 set. 2025.

ARAUJO, Danielle; MARTINS, Renato. **Gauchito Gil - el santo rojo**. **Plural: Antropologías desde América Latina y del Caribe**, Buenos Aires, Argentina, ano 2, n. 3, p. 303-311, jan./jun. 2019. Disponível em:<<https://asociacionlatinoamericanadeantropologia.net/revistas/index.php/plural/article/view/93>>, acesso em: 3 out. 2025.

ARAUJO, Domira Fernandes de; RAMOS, Maria da Conceição Pereira. Desafios interculturais e educacionais para um turismo sustentável. **Cenário: Revista Interdisciplinar em Turismo e Território** , [S. l.], v. 2, n. 3, p. 89–105, 2014. DOI: 10.26512/revistacenario.v2i3.18405. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/revistacenario/article/view/18405>> . Acesso em: 1 nov. 2025.

AUGÉ, Marc. **Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. 12ª reimpressão. Campinas – SP: Editora Papyrus, 2024.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **Da ontologia à ecosofia do turismo: Amorosidade e (Auto)transpoiese para o Turismo - Trama do Mundo N'ovo**. Educação e Fronteiras, Dourados, v. 13, p. e023014, 2023. DOI: 10.30612/eduf.v13i00.17779. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/educacao/article/view/17779>> . Acesso em: 4 ago. 2024.

BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 13. ed. rev. Campinas - SP: Papyrus, 2003.

BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Org.). **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letras e Imagem, 2009.

BENI, Mário Carlos. **Análise Estrutural do Turismo**. 13.ed. São Paulo: Editora SENAC, 2017.

BENITES, Sandra. **Nhe'ẽ, reko porã rã: nhemboea oexakarẽ – Fundamento da pessoa guarani, nosso bem-estar futuro (educação tradicional): o olhar distorcido da escola**. 2015. 40 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Intercultural Indígena) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://licenciaturaindigena.ufsc.br/files/2015/07/Sandra-Benites_TCC.pdf> . Acesso em: 08 out. 2025.

BICUDO, M. A. V. **Pesquisa qualitativa: conceitos, fundamentos e práticas**. São Paulo: Cortez, 2011.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **Colonização, quilombos, modos e significados**. Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa – INCTI - Universidade de Brasília – UnB: Brasília – DF, 2015.

_____. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra**. Petrópolis - RJ: Vozes, 1999.

BORGES, Luiz Carlos. **Os Guarani Mbyá e a categoria tempo**. Tellus, Campo Grande, ano 2, n. 2, p. 105-122, abr. 2002. Disponível em: <https://www.tellus.ucdb.br/tellus/article/view/14/24>. Acesso em: 11 maio 2024.

BRANDÃO, C. R. **Pesquisa participante: o saber da pesquisa na ação social**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

BRIGHENTI, Clovis Antonio; SANTOS, Rosângela Daiana dos. **Encobrimento indígena no processo de colonização do oeste do Paraná**. In: IV Congresso Internacional de História, 2009, Maringá. Anais do IV Congresso Internacional de História. Maringá: CPH/UEM, 2009. p. 4116-4126. Disponível em: <http://www.pph.uem.br/cih/anais/2009/arquivos/4116.pdf>, acesso em 04 mai. 2025.

_____. Território extinto: análise dos discursos e práticas Guarani sobre as terras tragadas por Itaipu Binacional. **Revista Epistemologias do Sul**, Foz do Iguaçu, v. 2, n. 2, p. 87-106, 2018. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/1160>, acesso em: 04 mai. 2025.

CAILLÉ, Alain. **Antropologia do dom: o terceiro paradigma**. Petrópolis - RJ: Vozes, 2002.

CADOGAN, León. **Ayvu rapyta (o fundamento do dizer): textos míticos de los Mbyá-Guaraní del Guairá**. Boletim, São Paulo, USP, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, (227):1-227, 1959. (Série Antropologia, n. 5). Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/biblio:cadogan-1959-ayvu>, acesso em 01 out. 2025.

CÂMARA, Davidson Viana Barreto; ROLDI, Ana Paula Dias Pazzaglini. **A promoção de saúde pelo ciclismo em tempos de pandemia**: um estudo de caso no município de Campos dos Goytacazes, RJ: Editora Científica, 2022. Doi: 10.37885/220910001. Disponível em:<<https://www.editoracientifica.com.br/books/chapter/a-promocao-de-saude-pelo-ciclismo-em-tempos-de-pandemia-um-estudo-de-caso-no-municipio-de-campos-dos-goytacazes-rj>>, acesso em 08 fev. 2025.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **Hospitalidade**. São Paulo: Aleph, 2004.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Pedagogia Decolonial e Educação Antirracista e Intercultural no Brasil**. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 26, n. 01, p. 15-40, abr. 2010.

CASTELLI, Geraldo. **Gestão Hoteleira**. 2.ed. São Paulo: Saraiva Uni, 2016.

CENTRO DE TRABALHO INDIGENISTA; COMISSÃO GUARANI YVYRUPA; INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Mapa Guarani Digital**. [S.l.: s.n.], 2016. Disponível em: <<https://guarani.map.as/#!/>>. Acesso em: 31 out. 2025.

CEZAR, Therbio Felipe M. Circuitos de cicloturismo: hubs de inovação em desenvolvimento humano. 2021. In: SALDANHA et al. **III Encontro para o Desenvolvimento do Cicloturismo**: Governança para o desenvolvimento regional. Luiz Saldanha, Heloant Abreu Silva de Souza, Juliana DeCastro, Ronaldo Balassiano – Rio de Janeiro: Coppe-UFRJ, 2021. [p.11-14]. Disponível em <<https://planet.com.br/publicacoes/>>, acesso em: 09 jun. 2024.

COHEN, Monja. **Que sementes você está regando?** Academia. São Paulo, 2022.

COLLINS, Patricia Hill. **Bem mais que ideias**: a interseccionalidade como teoria social crítica. Tradução de Bruna de Oliveira. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2022 [2019].

CONCEIÇÃO, R. A. M. **Turismofobia: notas sobre o processo de imaginação social no turismo.** *Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade*, v. 12, n. 3, p. 504-522, 2020. DOI: 10.18226/21789061.v12i3p505.

CORIOLOANO, Luzia Neide; LIMA, Luiz Cruz (org.). **Turismo comunitário e responsabilidade socioambiental.** Fortaleza: EDUECE, 2003.

CORRAL-GONZALEZ, Lariza; CAVAZOS-ARROYO, Judith; GARCÍA-MESTANZA, Josefa. Turismo Regenerativo: **Expectativas a priori de valor de consumo tras un primer contacto con el concepto.** *Revista de Estudios Empresariales. Segunda época*, Málaga, n. 2, p. 23-40, 2024. Disponível em: <<https://doi.org/10.17561/ree.n2.2024.8761>> . Acesso em: 14 nov. 2025.

CCAHUA GUTIÉRREZ, V. **La cosmovisión ancestral en la metamorfosis del turismo regenerativo.** *Revista REGENERATIO*, 4(1). Pág. 23-44. Disponível em <<https://doi.org/10.55924/ucireq.v4i1.38>>, acesso em: 1 mai. 2025.

CHAMORRO, Graciela. **Terra madura, yvy araguyje:** fundamento da palavra guarani. Dourados, MS: Editora da UFGD, 2008. Disponível em: <<http://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/3063>> . Acesso em: 6 nov. 2025.

CHAUVIN, Jean Pierre. **Anticolonialismo.** *Revista de Estudos de Cultura*, [S. l.], v. 1, n. 03, p. 49–55, 2016. DOI: 10.32748/revec.v0i03.4773. Disponível em <<https://periodicos.ufs.br/revec/article/view/4773>>, acesso em: 2 jul. 2024.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Volume 1. 1ed. SP. Editora 34, 1995.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer.** São Paulo: Perspectiva, 1999.

EMGC, Equipe Mapa Guarani Continental. **Caderno Mapa Guarani Continental:** povos Guarani na Argentina, Bolívia, Brasil e Paraguai. Campo Grande, MS: Cimi,

2016. Disponível em:
<<https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/publications/mgc2016-caderno-portugues-final-mobile.pdf>> . Acesso em 4 de julho de 2025.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial**: pensar a partir do mundo caribenho. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

FERREIRA, Antonio Olinto. **7 passos andinos**: uma aventura de bicicleta pelos desertos da cordilheira. São Paulo: LCTE Editora, 2008.

_____. **No guidão da liberdade**: a incrível história do brasileiro que fez a volta ao mundo em uma bicicleta. 5.ed. São Paulo: A.O. Ferreira, 2021.

FONSECA, Ana S.; MIRANDA, Luiz Fernando; GUANAES, Senilde. Tríplice fronteira – Brasil – Argentina – Paraguai. In: **Revista Espirales** (Edição especial, junho de 2020) – Foz do Iguaçu, PR. Universidade Federal da Integração Latino-americana. Revista Espirales (n. 4, vol. 2, setembro de 2019) – Foz do Iguaçu, PR. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/espirales/index> . Acesso em: jul. 2024.

FÚSTER, Luis Fernández. **Introducción a la teoría y técnica del turismo**. Madrid: Alianza Editorial, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FRIGGERI, Félix Pablo. Primitive Accumulation, Mafia Capitalism, and the Campesino Population in Paraguay. **Latin American Perspectives**, v. 48, n. 1, p. 126-144, jan. 2021. Disponível em:
<<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0094582X20975002>>, acesso em: 14 out. 2025.

GARRALDA, Camila. **Los Caracoles del Ejército Zapatista de Liberación Nacional (EZLN) como atractivos turísticos y el rol de las Tecnologías de la Información y Comunicación (TIC's) en su difusión**. 2022. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Turismo) – Facultad de Ciencias Económicas, Universidad Nacional de La Plata, La Plata, 2022. Disponível em: <<https://sedici.unlp.edu.ar/handle/10915/139577>> . Acesso em: 15 dez. 2025.

GASTAL, Susana de Araújo. A imagem e o imaginário na teoria e na prática do turismo. In: **Turismo em Análise**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 119-137, nov. 2002.

_____. **Turismo, Imagens e Imaginários**. São Paulo: Aleph, 2005.

GODOY BUENO, Flávia Assumpção de. **O modo de vida Guarani e suas múltiplas paisagens no Jaraguá, São Paulo - SP**. 2020. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16135/tde-17052021-103259/publico/MEFlaviaAssumpcaodeGodoyBueno_rev.pdf> . Acesso em 4 abr. 2025.

GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Aurélio Guerra Neto [et al.]. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. v. 1. p. 7-32.

_____. **As três ecologias**. 20ª ed. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papyrus, 2009.

GRÜNBERG, G. et al. **Mapa Guarani Retã: Povos Guarani na fronteira: Argentina, Brasil e Paraguai**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2008. 16 p. Disponível em: <<https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/publications/gid00223.pdf>> . Acesso em: 29 out. 2025.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA (INE) (Paraguai). Cuadro 1.8. Departamento Itapúa. Población por sexo y edad mediana, según distrito, 2022. In:

Resultados Finales del Censo Nacional de Población y Viviendas 2022. Datos.gov.py. [S. l.], 2022. Disponível em: <<https://www.datos.gov.py/dataset/resultados-finales-del-censo-nacional-de-poblaci%C3%B3n-y-viviendas-2022/resource/d77cddc9-0831>> . Acesso em: 6 nov. 2025.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Guata Porã: belo caminhar.** CTI, São Paulo, 2015. Disponível em <<https://acervo.socioambiental.org/acervo/livros/guata-pora-belo-caminhar>>, acesso em: 11 mai. 2024.

_____. **Mapa Guarani Continental:** localização das comunidades Guarani na Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguai e Uruguai. Situação em 2016. [S.l.: s.n.], 2016. 5 p. Mapa. (Elaborado no âmbito da Campanha Guarani). Disponível em: <<https://acervo.socioambiental.org/acervo/mapas-e-cartas-topograficas/america-do-sul/mapa-guarani-continental-2016>>. Acesso em: 11 mai. 2024.

IRVING, M. e AZEVEDO, J. **Turismo: o desafio da sustentabilidade.** São Paulo: Futura, 2002.

JECUPÉ, Kaká Werá. **Tupã Tenondé:** A criação do Universo, da Terra e do Homem segundo a tradição oral Guarani. São Paulo: Peirópolis, 2001.

_____. **Tekoá:** uma arte milenar indígena para o bem-viver. 1.ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2024.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu:** Palavras de um xamã yanomami. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Cartas para adiar o fim do mundo.** 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

_____. **Futuro ancestral.** 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. 3.ed. Edição Comemorativa de 25 anos. São Paulo: Editora Aleph, 2022.

LADEIRA, Maria Inês Martins. **O caminhar sob a luz: Território Mbya à beira do oceano**. 1992. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1992. Disponível em: <https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/BRCRIS_c5bfab2b86cb88c53cd82e794636c572>. Acesso em 4 abr. 2025.

LATOURET, B. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LIMA, Eduardo Sales de. **Nhanduru disse em sonho: a aliança Guarani-jurua**. 2022. Tese (Doutorado em Ciência Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8161/tde-23052023-191530/>>. Acesso em: 7 ago. 2025.

LIMA, Jackson dos Santos. **7 arcos, 3 degraus: o que você ainda não sabe sobre as Cataratas do Iguaçu**. Uberlândia: Composer, 2019.

MACHADO, A. A.; MACHADO, P. A. Cycling as a sport and leisure practice during the Covid-19 Pandemic. **PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review**, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 497-521, set./dez. 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.5585/podium.v12i3.23469>>, acesso em: 03 mai. 2025.

LUCIANO, Gersem Luciano Baniwa. Saberes indígenas e lutas territoriais: utopias e retomadas que inspiram vidas resistentes. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 31, n. 71, e710602, jan./abr. 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9983e710602>. Acesso em: 03 nov. 2025.

MACHADO, A. R. de A. **Entre o nacional e o regional: uma reflexão sobre a importância dos recortes espaciais na pesquisa e no ensino da História.** Anos 90, [S. l.], v. 24, n. 45, p. 293–319, 2017. DOI: 10.22456/1983-201X.61317. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/61317>>, acesso em: 27 maio. 2025.

MAGALHÃES, Leandro Henrique. **Discussão crítica acerca do turismo numa perspectiva materialista histórica.** Caderno Virtual de Turismo. Vol.8. 2008. Disponível em: < <https://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/article/view/268/188> >, acesso em: 14 mai. 2024.

MALDONADO-TORRES, Nelson. **Sobre a colonialidade do ser.** 1.ed. Via Verita Editora: Rio de Janeiro - RJ, 2022.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MARTINS, J. **A fenomenologia como método de pesquisa.** In: MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. (Org.). **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos.** São Paulo: Centauro, 2004.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva.** Lisboa: Edições 70, 1988.

MEDEIROS, Sandro Alves de. **Existência, significado e identidade: a viagem como experiência ontológica.** 2018. 250 f. Tese (Doutorado em Administração) – Centro de Pós-graduação e Pesquisas em Administração, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/bitstreams/22ffd6d7-0693-478a-af6b-282fd1e86dfe/download>>, acesso em 28 out. 2025.

MENEZES, Rosineide Mota. **O impacto da pandemia de COVID-19 na mudança de comportamento relacionado ao exercício físico: adesão ao ciclismo.** 2023. 60 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Sergipe, São

Cristóvão, 2023. Disponível em: <<https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/18473>>, acesso em: 03 mar. 2025.

MIGNOLO, W. **Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Tradução Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MOESCH, M. M. **A produção do saber turístico**. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. **Para além das disciplinas: O desafio do próximo século**. In: Gastal, S. (Org.). **Turismo: investigação e crítica**. São Paulo: Contexto, 2002.

_____; Gastal, S. **Um outro turismo é possível**. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. **O lugar da experiência e da razão na origem do conhecimento do turismo**. **Cenário**: Brasília, V.1, N.1, p. 9-28, Dez. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/revistacenario/article/view/15206>>. Acesso em 09 mai. 2025.

MOORE, Jason. **Antropoceno ou Capitaloceno?** Natureza, história e a crise do capitalismo. São Paulo: Elefante, 2022.

OLIVEIRA, Antonio Pereira. **Turismo e desenvolvimento: planejamento e organização**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

OLIVEIRA, Osmarina de. **A Desterritorialização do Tekoha Guarani no Município de Foz do Iguaçu (PR), nas Décadas de 1970-1980**. 2011. 110 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas,

Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2011. Disponível em: <<http://tede.upf.br/jspui/handle/tede/854>>, acesso em: 05 out. 2025.

OURIQUES, Helton Ricardo. **A Produção do Turismo: fetichismo e dependência**. 2. ed. Campinas: Alínea, 2016.

OYARZUN LILLO, Fernando; TAUCARE TAUCARE, Héctor. **El cambio de paradigma en el turismo sustentable: las implicancias para su gestión**. Estudios y Perspectivas en Turismo, Buenos Aires, v. 27, n. 1, p. 140-157, jan. 2018. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=180755643008>> . Acesso em: 9 nov. 2025.

PANOSSO NETTO, A.; ANSARAH, M. G. R. **Segmentação do mercado turístico: estudos, produtos e perspectivas**. Barueri/SP: Manole, 2009.

_____; NECHAR, Maria C. **Epistemologia do turismo: escolas teóricas e proposta crítica**. Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 120-144, jan./mar. 2014.

PASSIG, Rafael Rabelo. **O ciclismo como prática esportiva e de lazer na Grande Florianópolis: Benefícios à saúde em tempos de pandemia**. TCC (Graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Desportos. Educação Física - Bacharelado. Florianópolis, 2022. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/237534>>, acesso em: 13 mar. 2025.

PATRUNI, Anna Paula Cardoso de Paula; BORDIGNON, Cintia Patrícia Tomacheski; BORDIGNON, Fabiano; ZONATTO, Willian Vieira Costa. O tráfico de pessoas em Foz do Iguaçu - PR: uma chave de leitura a partir do sistema penitenciário. **Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales**, [S. l.], mar. 2020. Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/cccss/2020/03/trafico-pessoas.html>. Acesso em: 22 mai. 2024.

PEREIRA, Juliana Cristina. **Cartografias Afetivas: proposições do professor-artista-cartógrafo. ETC. RAEGA - O Espaço Geográfico em Análise**, [S. l.], v. 30, p. 106–130, 2014. DOI: 10.5380/raega.v30i0.36087. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/36087>. Acesso em: 18 mar. 2025.

PEREIRA, Deborah Rocha; ARAÚJO, Tarcísio Francisco de Aragão de; FONTES, Claudio Luiz; SPINOLA, Carolina. Experiências de Turismo Regenerativo no Brasil: uma pesquisa exploratória. **Revista Iberoamericana de Turismo - RITUR**, Penedo - RJ, v. 14, n. 1, p. 90-107, jan./jun. 2024. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur> . Acesso em: 6 out. 2025.

PIRES, Mário Jorge. Turismo no Brasil: Imagem e Comunicação. In: **Turismo em Análise**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 43-56, 1997.

PIRES, P. S. **Dimensões do ecoturismo**. 2ª ed. São Paulo: Ed. SENAC: São Paulo, 2017.

POLLOCK, Anna. **SHIFTING GEARS: Building a New Tourism for a New Century**. [S.l.]: [s. n.], 1995. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/66033245/Shifting-Gears-1995>. Acesso em: 03 jan. 2025.

_____. **Conscious Travel**: Discussion Paper, June 2013. 2013. Disponível em: <https://conscioustourism.files.wordpress.com/2011/02/june-2013-conscious-travel.pdf> . Acesso em: 11 out. 2025.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Entre América e Abya Yala – tensões de territorialidades. Desenvolvimento e Meio Ambiente**, [S. l.], v. 20, 2009. DOI: 10.5380/dma.v20i0.16231. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/16231> , acesso em: 17 jan. 2025.

PRADELLA, Gustavo. JEGUATÁ: O CAMINHAR ENTRE OS GUARANI. **Revista Espaço Ameríndio**. Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 75-102, jan./jun. 2011. Disponível em:

<<https://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/download/8059/6834/38870>

> . Acesso em 11 set. 2025.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad del poder**: Eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, Edgardo. La Colonialidad del saber: Eurocentrismo y ciencias sociales: perspectivas latino americanas. Argentina, CLACSO, p. 201-246, 2000.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SALDANHA, Luiz; KAHN, Suzana. **Análise das dimensões de sustentabilidade do cicloturismo na região do Centro do Rio de Janeiro**. In: CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISA EM TRANSPORTE DA ANPET, 29., 2015, Ouro Preto, MG.

_____ ; SILVA DE SOUZA, Heloant Abreu; DECASTRO, Juliana; BALASSIANO, Ronaldo. **III Encontro para o Desenvolvimento do Cicloturismo: Governança para o desenvolvimento regional**. Rio de Janeiro: Coppe-UFRJ, 2021. Disponível em <<https://planet.com.br/publicacoes/>>, acesso em: 29 jan. 2025.

SAMPAIO, C. A. C. et al. **Arranjo socioproductivo local de base comunitária**. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM AMBIENTE E SOCIEDADE, 3., 2006, Brasília. Anais [...]. Brasília: ANPPAS, 2006. Disponível em: <<http://www.anppas.org.br/encontro3/arquivos/GT12-452-604-20060519154746.pdf>> . Acesso em: 21 dez. 2025.

_____. **Turismo como fenômeno humano**: princípios para pensar a ecossocioeconomia do turismo e sua prática sob a denominação turismo comunitário. Revista Turismo em Análise, v. 18, n. 2, p. 148-165, 2007a.

SAMPAIO, C. A. C. et al.. **Turismo comunitário**. In: Encontro Nacional de Turismo com Base Local (ENTBL), 2007, João Pessoa (PB). Anais ..., João Pessoa (PB): UFPB, 2007b.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS FILHO, Mirabeau Borba dos. **Os Gaúchos e a Geopolítica na Bacia do Prata. Revista Perspectiva: Reflexões Sobre a temática Internacional**, Porto Alegre, v. 15, n. 29, 2022. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/RevistaPerspectiva/article/view/129139>> , acesso em 02 out. 2025.

SARTORI, Anderson. **Perfil do ciclista e cicloturista em Santa Catarina (Brasil): aspectos socioeconômicos e suas motivações para o uso da bicicleta**. Revista Turismo em Análise, São Paulo, Brasil, v. 32, n. 1, p. 40–58, 2021. DOI: 10.11606/issn.1984-4867.v32i1p40-58. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rta/article/view/177111>. Acesso em: 18 jan. 2025.

_____. **Ciclismo e cicloturismo em Santa Catarina (Brasil): características, motivações e interesses**. PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 24-53, maio/ago. 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.5585/podium.v10i2.18084>>, acesso em: 11 jan. 2025.

SHAHADDEH, Haia Ayman. **A guerra contra as drogas e a geopolítica estadunidense para a América do Sul**. 2023. 119 f. Dissertação (Mestrado em Integração Contemporânea da América Latina) – Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política, Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2023.

STANDAGE, Tom. **História do Mundo em 6 Copos**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 240 p.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia - um estudo da percepção, atitudes e valores do meio**

ambiente. Trad. Livia de Oliveira. Londrina - PR: Eduel, 2012.

TRIGO, L.G.G. **A sociedade pós-industrial e o profissional em turismo.** Campinas - SP: Papirus, 1998.

_____. **Análises regionais e globais do turismo brasileiro.** São Paulo: Roca, 2005.

UCB - União de Ciclistas do Brasil. **A Bicicleta como Promotora dos 18 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável no Contexto Brasileiro.** Brasília, 2025. Disponível em: <<https://observatoriodabicicleta.org.br/acervo/bici-18-ods/>>, acesso em: 08 mar. 2025.

WAHL, Daniel Christian. **Designing Regenerative Cultures.** Foxhole, UK: Triarchy Press, 2016.

ZAOUAL, Hassan. **Nova economia das iniciativas locais: uma introdução ao pensamento pós-global.** Tradução de Michel Thiollent. Rio de Janeiro: DP&A: Consulado Geral da França: COPPE/UFRJ, 2006.

_____. **Do turismo de massa ao turismo situado: quais as transições?** In: BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Org.). Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. p. 55-75.

ZOURABICHVILI, François. **Conexões:** o vocabulário de Deleuze. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.